



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS UFPE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ANA CLAUDIA DA SILVA

**O PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO ESPAÇO E A MERCANTILIZAÇÃO DO
LUGAR: UM OLHAR SOBRE A VILA DA FÁBRICA, CAMARAGIBE/PE**

Recife

2022

ANA CLAUDIA DA SILVA

**O PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO ESPAÇO E A MERCANTILIZAÇÃO DO
LUGAR: UM OLHAR SOBRE A VILA DA FÁBRICA, CAMARAGIBE/PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Geografia.

Área de concentração: Regionalização e Análise Regional.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina de Almeida Fernandes.

Coorientador: Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Ferreira Lirbório.

Recife

2022

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

S586p Silva, Ana Claudia da.
O processo de reprodução do espaço e a mercantilização do lugar :
um olhar sobre a Vila da Fábrica, Camaragibe/PE / Ana Claudia da Silva.
– 2022.
148 f. : il. ; tab. ; 30 cm.

Orientadora : Ana Cristina de Almeida Fernandes.
Coorientadora : Lúcia Ferreira Lirbório.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2022.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Vila da Fábrica (Pernambuco). 3. Camaragibe (PE).
4. Reprodução do espaço. 5. Mercantilização do lugar I. Fernandes, Ana
Cristina de Almeida (Orientadora). II. Lirbório, Lúcia Ferreira
(Coorientadora). III. Título.

910 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2023-085)

ANA CLAUDIA DA SILVA

**O PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO ESPAÇO E A MERCANTILIZAÇÃO DO
LUGAR: UM OLHAR SOBRE A VILA DA FÁBRICA, CAMARAGIBE/PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Geografia. Área de concentração: Regionalização e Análise Regional.

Aprovada em: 05/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Cristina de Almeida Fernandes (Orientadora – Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Thiago Adriano Machado (Examinador Externo)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho às pessoas mais importantes da minha vida, meu esposo Sandro, meus filhos Artur e Atos, minha querida mãe Margarida e a minha mimosa gatinha Lua que sempre esteve presente ao meu lado, nos momentos de escrita deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

E é chegado a hora em que a gente pode flexibilizar um pouco mais o formalismo acadêmico, não que não seja importante, porém, trazer um pouco de afetividade e sentimento é algo fundamental para reconhecer um processo de construção coletiva. A elaboração desse trabalho constituiu momentos de angústias para mim, pois atravessar a pandemia da COVID-19 e todas as suas complicações, foi bastante exaustivo, inclusive, com alguns momentos desanimadores, mas, com muita determinação e cooperação, aqui chegamos. Viva!!!

Manter a chama da esperança acesa para alimentar o estímulo da trajetória do mestrado não foi fácil, mas com o apoio de pessoas especiais foi possível chegar a esse momento. E é com um imenso sentimento de gratidão que faço um breve registro para formalizar toda essa assistência. A ajuda, seja por meio de palavras, seja por participação direta de pessoas que auxiliaram na pesquisa, é algo que será lembrado por mim enquanto viver. Sendo assim, sinto-me na obrigação de reconhecer, ainda que seja nesse pequeno espaço, todo o respaldo que obtive no decorrer da Pós-Graduação de pessoas e instituições que fizeram a diferença para a finalização deste trabalho.

Primeiramente toda a minha gratidão à professora Ana Cristina e a professora Lúcia Lirbório por me aceitar como orientanda. Os caminhos e orientações sugeridas por vocês foram chaves para atingir esse momento de conclusão. Quero que saibam que vocês me inspiram a tornar-me, cada dia mais, uma pessoa comprometida com o ensino e a educação. Em sequência, gostaria de agradecer também aos professores Thiago Machado e Bertrand Cozic por aceitarem fazer parte das bancas avaliativas, tanto a da qualificação, quanto a da defesa. Gostaria que soubessem que as contribuições de vocês fizeram toda diferença no processo de lapidação desse trabalho. A este corpo docente, meu muito obrigada.

Também sou muito grata a toda comunidade da Vila da Fábrica por abrir as portas para a realização das coletas de dados que foram essenciais para o cumprimento das etapas da pesquisa. Jeane, D. Miriam, D. Lau, Sr. Dida, Clabson, Sr. Sandoval, Rayane, Eliana, Sr. Borba, Sr. Evandro, Sr. Carlos Tripa, Adriana, Renata, Patrícia, Ialy, Narcélia, Sr. Antônio, Sr. Renato, Wesley e Dr. Joaquim, vocês são pessoas que levo no coração. Gratidão a todos vocês pelo acolhimento e disposição em me ajudar.

Agradeço a todas as instituições sediadas no bairro da Vila da Fábrica, bem como, a todos os seus funcionários que me acolheram disponibilizando arquivos de fotos e relatos que

muito contribuiu para uma maior compreensão do objeto de estudo deste trabalho. Importante relacionar, em especial, a biblioteca Penarol, a Fundação de Cultura de Camaragibe, as Escolas José Collier e Oscar Carneiro, a Igreja Católica, o Clube Guarany e o Teatro Bianor Monteiro. A todos vocês, um “*valeu*” gigante!

Na mesma linha afetiva, agradeço imensamente a minha família, principalmente a meu esposo, meus filhos e a minha mãe que a todo momento me incentivaram a continuar. O apoio contínuo de vocês fez com que eu superasse os obstáculos que surgiram no decorrer da pesquisa. Sem o carinho, atenção e o amor de vocês, certamente, não teria conseguido. Vocês são meu esteio! Obrigada por estarem aqui!

Agradeço também a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) por conceder a oportunidade de estudar e aprimorar conhecimentos, pois durante todos esses meses tive o prazer de aprender e conviver com um corpo docente especial e muito comprometido em ensinar. Essa temporada e experiência levo dentro de mim com carinho e gratidão. Obrigada!

Obrigada a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) pela ajuda financeira concedida através da bolsa. Esse incentivo muito serviu para manter a execução das etapas de estudo durante todo o período do curso. Nesse contexto e, falando em trabalho de pesquisa, não podia deixar de registrar aqui meu total repúdio ao sucateamento que a educação brasileira sofreu nos últimos anos, ataques por parte do representante que comanda, atualmente, o país na escala federal. É repudiante sua forma de gestão.

Por fim, minha gratidão a todos os amigos e amigas que estiveram comigo, seja perto ou a distância, sobretudo àqueles que durante a pandemia fizeram uso do modelo remoto de comunicação para a troca de ideias, conselhos, conversas e sugestões. O papel de vocês nessa minha jornada foi fator decisório para manter meu astral de pé. O meu mais profundo obrigado a todos e que a divindade (na crença de cada um) continue a nos conceder o suporte necessário para continuarmos a caminhada na busca de um mundo melhor e mais justo. As desculpas que cito, por hora, são para aqueles que porventura eu tenha esquecido de mencionar, mas que se enquadra completamente nesse curto e singelo espaço de agradecimento.

O espaço reproduzido na perspectiva do eminentemente reprodutível é o campo em que triunfa o homogêneo, consequência da repetição indefinida de um modelo que vai limitando os usos e reduzindo o modo de vida a atos e gestos sempre repetitivos, comportamentos orientados e vigiados (CARLOS, 2017 p. 13).

O capital é um processo, e não uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista estão profundamente implicadas. [...] O processo mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos, transforma espaços e acelera o ritmo da vida (HARVEY, 2009 p. 307).

RESUMO

O bairro da Vila da Fábrica, situado no município de Camaragibe, constitui, no período atual, um espaço de possibilidades para a expansão da lógica imobiliária típica da Região Metropolitana do Recife (RMR), no que se refere a extração de rendas do uso e apropriação do espaço urbano. Antigo território da pioneira indústria têxtil da RMR, Camaragibe apresenta, na sua configuração socioespacial, uma sucessão de etapas relacionadas à renovação do solo urbano. A análise empreendida no presente estudo perpassa a contextualização histórica da Vila tomando-se como referência o par dialético constituído pela reprodução do espaço e a mercantilização do lugar, no qual o espaço é, ao mesmo tempo, produto, meio e condição da sociedade que o produz. Nesse contexto, partindo-se das categorias de análise, *espaço* e *lugar*, ancoradas pelo Sistema de Objetos, Sistemas de Ações e Espacialidades do capital, tem-se no valor de troca os nexos que permitem que a pesquisa contemple a transformação do espaço e seu remanejamento enquanto mercadoria. No quadro desse arcabouço conceitual, a pesquisa se propôs a analisar as transformações socioespaciais ocorridas na Vila da Fábrica após o início da implantação do complexo imobiliário Reserva Camará, destacando as distintas percepções de seus moradores. A dinâmica econômica que marcou as primeiras décadas desse século vai suscitar o processo de revitalização de áreas degradadas que, no caso desse estudo, utilizará a marca da industrialização como elemento da comunicação empresarial destinada ao novo uso do espaço. Transformada em empreendimento imobiliário, a antiga fábrica e sua vila operária possibilitaram nova fronteira para o avanço do capital imobiliário da RMR. A pesquisa, de caráter qualitativo, faz uso de instrumentos metodológicos como: levantamento bibliográfico, questionários e entrevistas semiestruturadas com moradores de diferentes gerações. Nesse contexto, o presente trabalho ganha relevo não apenas para se compreender a transformação imobiliária específica da Vila da Fábrica em Camaragibe, mas também de outros lugares que passam pelo processo de mercantilização de seus espaços em período recente. Além disso, as conexões dos fenômenos ocorridos no lugar podem fornecer subsídios no campo da Geografia a análises de processos de transformação de áreas urbanas, no sentido de oferecer procedimentos de investigação que empregam práticas integradoras e participativas, estimulando o envolvimento dos sujeitos com a reprodução espacial local, estando esse processo enquadrado em qualquer escala.

Palavras-chave: Vila da Fábrica; Camaragibe; reprodução do espaço; mercantilização do lugar

ABSTRACT

The district of Vila da Fábrica, located in the municipality of Camaragibe constitutes, in the current period, a space of possibilities for the expansion of the real estate logic typical of the Metropolitan Region of Recife (RMR) regarding the extraction of rents from the use and appropriation of urban space. Former territory of the pioneer textile industry of the RMR, Camaragibe presents, in its socio-spatial configuration, a succession of stages related to urban land renewal. The analysis undertaken in the present study goes through the historical contextualization of the town, taking as reference the dialectic pair constituted by the reproduction of the space and the mercantilization of the place, in which the space is, at the same time, product, means and condition of the society that produces it. In this context, based on the categories of analysis, space and place, anchored by the System of Objects, Systems of Actions and Spatialities of the capital, we have in the exchange value the links that allow the research to contemplate the transformation of space and its remanagement as merchandise. Within this conceptual framework, the research proposed to analyze the socio-spatial transformations that took place in Vila da Fábrica, after the beginning of the implementation of the Reserva Camará real estate complex, highlighting the distinct perceptions of its residents. The economic dynamic that marked the first decades of this century will give rise to the process of revitalization of degraded areas which, in the case of this study, will use the mark of industrialization as an element of entrepreneurial communication aimed at the new use of space. Transformed into real estate development, the old factory and its workers' village enabled a new frontier for the advance of real estate capital in the RMR. The research, qualitative in nature, makes use of methodological instruments such as: bibliographical survey, questionnaires and semi-structured interviews with residents of different generations. In this context, the present work gains relevance, not only to understand the specific real estate transformation of the Vila da Fábrica in Camaragibe, but also of other places that go through the process of mercantilization of their spaces in recent period. Moreover, the connections of the phenomena occurring in the place can provide subsidies in the field of Geography to analyses of transformation processes of urban areas, in the sense of offering investigation procedures that employ integrative and participative practices, stimulating the involvement of the subjects with the local spatial reproduction, being this process framed in any scale.

Key-words: Factory Village; Camaragibe; reproduction of space; mercantilization of the place.

RÉSUMÉ

Le quartier « Vila da Fábrica » situé dans la municipalité de Camaragibe constitue, dans la période actuelle, un espace de possibilités pour l'expansion de la logique immobilière typique de la Région métropolitaine de Recife (RMR) concernant l'extraction de loyers de l'utilisation et de l'appropriation de l'espace urbain. Ancien territoire de l'industrie textile pionnière de la RMR, Camaragibe présente, dans sa configuration socio-spatiale, une succession d'étapes liées au renouvellement du territoire urbain. L'analyse réalisée dans cette étude avance passe par la contextualisation historique du village en prenant comme référence le pair dialectique constitué par la reproduction de l'espace et la mercantilisation du lieu, dans lequel l'espace est, en même temps, produit, moyen et condition de la société qui le produit. Dans ce contexte, à partir des catégories de l'analyse, de l'espace et du lieu, ancrées par le Système d'objets, les Systèmes d'actions et les Spatialités du capital, nous avons dans la valeur d'échange les liens qui permettent à la recherche de considérer la transformation de l'espace et son réaménagement en tant que marchandise. Dans le cadre de ce panorama conceptuel, la recherche a proposé d'analyser les transformations socio-spatiales qui ont eu lieu au quartier Vila da Fábrica, après le début de la mise en œuvre du complexe immobilier Reserva Camará, en mettant en évidence les perceptions distinctes de ses résidents. La dynamique économique qui a marqué les premières décennies de ce siècle conduira à un processus de revitalisation des zones dégradées, qui dans le cas de cette étude utilisera la marque d'industrialisation comme élément de communication entrepreneuriale à la nouvelle utilisation de l'espace. Transformée en projet immobilier l'ancienne usine et son village de travailleurs ont permis une nouvelle frontière pour l'avancée du capital immobilier de la RMR. La recherche, de nature qualitative, fait appel à des instruments méthodologiques tels que: enquête bibliographique, questionnaires et entretiens semi-structurés avec des résidents de différentes générations. Dans ce contexte, le présent travail gagne en pertinence, non seulement pour comprendre la transformation immobilière spécifique de la Vila da Fábrica à Camaragibe, mais aussi d'autres lieux qui passent par le processus de mercantilisation de leurs espaces dans la période récente. En outre, les connexions des phénomènes qui se produisent dans le lieu peuvent fournir une subvention dans le domaine de la géographie pour les analyses des processus de transformation des zones urbaines, afin d'offrir des procédures de recherche qui utilisent des pratiques intégratives et participatives, stimulant l'implication des sujets avec la reproduction spatiale locale, étant ce processus encadré dans n'importe quelle échelle.

Mots clés: Vila da Fábrica; Camaragibe; reproduction de l'espace; mercantilisation du lieu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Objetos espaciais – Projeto Reserva Camará, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE.. | 29 |
| Figura 2 - Mapa 1 - Localização do bairro da Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 31 |
| Figura 3 - Itens que compõem a narrativa publicitária da Reserva Camará, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 32 |
| Figura 4 - Casarão do antigo Engenho Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 38 |
| Figura 5 - Tubulação do Açude da Mata, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 39 |
| Figura 6 - Fachada da antiga Indústria de Tecidos de Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 41 |
| Figura 7 - Ponte do Balde (séc. XX – A) e (séc. XXI – B), Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 47 |
| Figura 8 - Escola Collier (A) e SESI (B), Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 49 |
| Figura 9 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 52 |
| Figura 10 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, praça da Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 53 |
| Figura 11 - Cine Teatro Bianor Monteiro, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 54 |
| Figura 12 - República dos Solteiros (séc. XX – A) e Fundação de Cultura Municipal (séc. XXI – B), Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 55 |
| Figura 13 - Troféu referente centenário do Clube Guarany (A) e Sede do Clube Guarany (B), Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 56 |
| Figura 14 - Biblioteca Penarol, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 58 |
| Figura 15 - Último exemplar de máquina de fiação da Indústria de Tecidos de Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 59 |
| Figura 16 - Prédio do antigo Barracão, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 60 |
| Figura 17 - Área destinada ao Complexo Reserva Camará, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 65 |
| Figura 18 - Ilustração do Complexo Imobiliário Reserva Camará, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE..... | 70 |
| Figura 19 - Mapa 2 – Distribuição da População absoluta do bairro da Vila da Fábrica, ... Camaragibe/PE..... | 76 |
| Figura 20 - Mapa 3 - Evolução do uso da terra, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE..... | 78 |
| Figura 21 - Enchente 2022, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 80 |

| | |
|---|----|
| Figura 22 - Estrada de Ferro (séc. XX) em frente à Indústria Têxtil, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE..... | 84 |
| Figura 23 - Estação Camaragibe, visita de Afonso Pena, presidente do Brasil, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE..... | 85 |
| Figura 24 - Ruínas da Estação Ferroviária Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE.. | 86 |
| Figura 25 - Camaragibe inserida no eixo Ferroviário de Pernambuco (séc. XIX) | 90 |
| Figura 26 - Exemplo de tijolo produzido para construção da indústria de Tecidos de Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE..... | 91 |
| Figura 27 - Prédio da antiga usina elétrica, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE | 92 |
| Figura 28 - Festa dos 40 anos de emancipação do município de Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE..... | 96 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Quantidade de pessoas que participaram da pesquisa X faixa etária | 113 |
| Gráfico 2 - Opinião dos moradores quanto à refuncionalização da edificação da antiga Fábrica de Tecidos de Camaragibe..... | 114 |
| Gráfico 3 - Opiniões dos moradores quanto ao impacto do empreendimento | 121 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--------------------------------------|----|
| Tabela 1 - IDH - Municípios RMR..... | 75 |
|--------------------------------------|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------|--|
| ABRASCE | Associação Brasileira de Shoppings Centers |
| Apud | Citado por |
| BRT | Bus Rapid Transit |
| CIPER | Companhia Industrial Pernambucana |
| COMPESA | Companhia Pernambucana de Saneamento |
| Ed. | Edição |
| et al. | e outro |
| FECOMERCIO | Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo |
| FUNDARPE | Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IDHM | Índice de Desenvolvimento Humano Municipal |
| IPHAN | Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| org. | Organizador, organização |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| RMR | Região Metropolitana do Recife |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |
| SESI | Serviço Social da Indústria |
| v. | Volume |
| ZRU | Zona de Requalificação Urbana |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 18 |
| 2 | O BAIRRO DA VILA DA FÁBRICA: USOS E APROPRIAÇÕES | 29 |
| 2.1 | Do espaço natural ao espaço técnico industrial | 36 |
| 2.2 | A antiga vila operária, um núcleo fabril em Camaragibe | 45 |
| 2.3 | A reprodução do espaço com a proposta imobiliária atual | 61 |
| 2.4 | A vila operária e seu processo de “valorização” | 66 |
| 3 | CAMARAGIBE E SUA INSERÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE | 72 |
| 3.1 | Camaragibe: dados demográficos e econômicos | 74 |
| 3.2 | Os nexos que servem para mercantilizar o espaço | 82 |
| 3.3 | A memória do lugar, o valor simbólico de seus eventos | 94 |
| 3.4 | O capitalismo e o confisco das cidades | 104 |
| 4 | A MERCANTILIZAÇÃO DO LUGAR | 108 |
| 4.1 | O espaço como mercadoria, prática contemporânea | 117 |
| 4.2 | O lugar como elemento de valor de uso e valor de troca | 120 |
| 4.3 | Os distintos olhares dos moradores face às atuais transformações | 127 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 136 |
| | REFERÊNCIAS | 143 |

1 INTRODUÇÃO

O traçado condutor dos fatos, na perspectiva da Geografia histórica, orienta as percepções necessárias para compreensão dos momentos enquanto partes da história de um lugar e de seu povo. A apreensão e análise desses acontecimentos resultam, diretamente, num melhor entendimento quanto à reprodução espacial e à construção do “todo” social que passa a estar presente na trajetória histórica de cada sociedade. Conforme Santos (2004), o espaço constitui-se de um acúmulo de tempos, tornando-se a dinâmica que nele se processa, parte de um processo histórico.

É nesta condição que a Vila da Fábrica em Camaragibe, ora analisada neste trabalho de pesquisa, enquadra-se, seja sob a perspectiva cronológica da reprodução espacial, seja na etapa tardia de sua mercantilização. Nesse contexto, as condições necessárias para promover o processo de valorização do lugar são, predominantemente, motivadas por parte de agentes financeiros e amparadas pelo poder público local, o que contribui para tornar esse espaço, uma mercadoria.

Nesse sentido, a dialética analisada entre a reprodução do espaço e a mercantilização do lugar, as quais ocorrem num determinado recorte espacial, exige considerar que o espaço é, simultaneamente, produto, meio e condição da sociedade que o produz. Constituindo, ainda, a expressão da dinâmica do capital, com todas as contradições daí decorrentes (CARLOS, 2001).

Corroborando com esta percepção, Santos (2004) destaca o espaço como também uma instância social, cuja matéria, trabalhada pela ação do capital, envolve o que ele denomina de *Sistema de Objetos e Sistema de Ações*. Esses objetos, uma vez instituídos pelos agentes econômicos, impõem a lógica do valor de troca sobre o valor de uso, impactando nas relações entre os sujeitos que habitam o lugar e o espaço em que convivem. Ao assim fazerem, esses agentes financeiros acabam por sobrepor *verticalidades* às *horizontalidades* (SANTOS, 2004).

Conforme a lógica mencionada, a abordagem da categoria *lugar* traz à tona aspectos empíricos como as relações de pertencimento e de vizinhança, bem como contribui para tecer a trama do cotidiano de uma dada fração do espaço que se encontra marcada pela prática da dominação socioespacial. Mesmo que todo esse processo se dê de forma espontânea, ele não é casual, pois os sentidos e significados que um determinado bairro adquire ao longo do tempo é parte do que Carlos (1996), apoiada em Henri Lefebvre, considera como o espaço vivido, aquele

marcado pela racionalidade desenvolvida no interior do núcleo social, que não só engloba as coisas produzidas, como compreende as suas relações.

Portanto, sob a perspectiva teórico-conceitual do lugar, objetiva-se aqui uma breve análise das relações horizontalizadas no tempo-espaço, em que a reprodução da vida, desenvolvida pelos sujeitos ativos, aponta para a concepção de uma reprodução espacial em cada período. Logo, um lugar como a Vila da Fábrica, marcado por processos contínuos, torna-se um ambiente de possibilidades para transformações, estando ele ancorado em uma lógica capitalista que, além de estar orientada para um panorama de valorização imobiliária, sustenta-se nas forças econômicas dominantes presentes em qualquer escala global.

Com a contribuição de Massey (2000, p.178), é possível refletir que a compressão do espaço-tempo e sua aceleração atual é determinada pelo movimento e pela comunicação através da formação desse espaço, das suas relações sociais e da experiência de tudo isso. A autora ainda destaca que “a interpretação habitual é a de que todos esses elementos resultam, quase que exclusivamente, das ações do capital e de sua internacionalização crescente”. Desse modo, o desenvolvimento do capitalismo tende a definir, durante seus ciclos, não apenas nossas experiências e compreensões sobre o lugar, mas também as relações que nele são vivenciadas pelos sujeitos formadores desse espaço.

Mediante o conteúdo descrito, destacamos as perguntas que direcionaram o problema da pesquisa, sendo elas listadas a seguir:

- I. Em que medida as transformações socioespaciais em curso têm-se mantido e/ou alterado a morfologia espacial do bairro Vila da Fábrica?
- II. Como as novas formas de apropriação do solo urbano, promovidas pelos agentes imobiliários em parceria com os representantes do poder público de Camaragibe, podem transformar a Vila da Fábrica em mercadoria?
- III. Sob a ótica da nova proposta imobiliária, quais os reflexos que a reprodução espacial atual pode ocasionar na vida dos moradores e quais as percepções desses sujeitos quanto a essas mudanças?

A problemática envolve ritmos diferenciados que invadem o cenário da Vila da Fábrica e tendem a alterar os padrões que mediam as relações entre os moradores. Esse novo modelo tem como uma das consequências a redução dos laços afetivos constituídos no lugar, fazendo com que o espaço se fragmente com a ampliação de desigualdades e alterações na vida cotidiana. Essa fragmentação resultaria ainda na perda de força das relações sociais que

estariam impostas pelas transformações. Essas relações se enquadram na perspectiva das alterações espaciais, tanto na dimensão material (equipamentos, objetos, redes, etc), como na dimensão imaterial (valores, costumes, comportamentos, etc).

Ancorado nas questões que orientam a problemática, o objetivo principal do trabalho é analisar as transformações socioespaciais ocorridas na Vila da Fábrica, na percepção dos seus moradores, após a implantação da primeira etapa do complexo imobiliário Reserva Camará, estando essas alterações voltadas às dimensões materiais ou imateriais, enunciando também como as ações dos agentes do capital, articuladas com o poder público local, podem ocasionar na mercantilização do lugar.

Quanto ao caminho teórico-metodológico escolhido, considera-se que a categoria *lugar* representa uma importante dimensão da realidade geográfica, envolvendo a análise periódica quanto à compreensão de elementos que compõem a dinâmica cotidiana e os vetores que apontam o modo de vida dos sujeitos em cada época. No entanto, ainda que a imersão dessa análise aconteça de forma concisa, a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa levou em consideração o uso e as apropriações do lugar, suas fases de reprodução espacial e a relação social estabelecida em cada fase estudada.

Em face dessa realidade, a análise da Vila da Fábrica perpassa da contextualização histórica do município de Camaragibe, assim como a da própria Vila, partindo de sua gênese enquanto vila operária na fase industrial, até o momento atual, enquanto bairro. Vale ressaltar que o município de Camaragibe resultou do desmembramento de São Lourenço da Mata ocorrido oficialmente em 14 de maio de 1982, por meio da Lei Estadual nº 8951. A história da cidade está ligada aos primórdios do século XVI, quando a cultura da cana-de-açúcar foi instituída no Estado de Pernambuco. A cidade de Camaragibe, atualmente, faz parte da Região Metropolitana do Recife (RMR).

Durante séculos, a atividade canavieira caracterizou e marcou o espaço da Vila da Fábrica como área de engenhos e atividades correlacionadas, no entanto, esse cenário, somado à emergência da atividade industrial no Brasil, possibilitou ao lugar, no ano de 1894, importante transformação, dessa vez com a implantação da indústria de tecidos de Camaragibe e o conjunto de casas que serviram para abrigar seus operários e familiares. A dinâmica industrial estabeleceu novos usos e padrões com impactos diretos nas relações dos sujeitos habitantes, perdurando até 2004, com o encerramento total da atividade têxtil.

A presente pesquisa centrou-se nas possibilidades de análise dos processos atuais, levando em consideração os fatos que estão conectados à existência da fábrica e os impactos advindos de movimentos influenciadores característicos do cenário industrial multiescalar. O declínio da atividade industrial no Brasil e no mundo manteve o bairro da Vila da Fábrica exposto às transformações que refletiram na forma de vida dos sujeitos habitantes e no uso do espaço constituído.

Assim sendo, a passagem de uma ordem escravista para uma ordem assalariada promoveu a determinados lugares a instalação de indústrias que, espalhadas pelo país, possibilitaram também a construção de vilas operárias. Tal fato apontou que o objetivo predominante dessas vilas era de fixar os funcionários no lugar, condicionando-os a esses tipos de assentamentos e a toda forma de vida a eles relacionados. Vale lembrar que nessa época os meios de transportes urbanos existentes nas periferias das principais capitais brasileiras eram restritos e limitados, chegando a serem inexistentes em algumas dessas áreas.

Desse modo, o projeto fabril instaurado na Vila da Fábrica abarcou não apenas a construção de casas, mas também de outros equipamentos fundamentais para a fixação dos sujeitos no lugar, o que garantia a regularidade produtiva no local. Na vila operária, também era possível encontrar matérias-primas fundamentais para a produção dos tijolos e telhas utilizados para a construção da fábrica e todos os equipamentos instituídos na vila operária. Como exemplo de equipamentos importantes, citamos as escolas que serviam, predominantemente, para a formação dos futuros trabalhadores da fábrica.

Outros equipamentos, como a Igreja Católica, os clubes esportivos, as cooperativas, o cinema, a escola de música, o ambulatório, a casa dos solteiros, a Pequena Central Hidrelétrica (PCH) e até a central de abastecimento d'água moldaram, ao longo do tempo, a vida e as relações construídas no lugar. Essas edificações trouxeram alterações para o espaço e enquadraram o lugar num cenário de urbanização intensa, sendo o conceito de *núcleo fabril* adotado ao longo desse trabalho para representar o espaço da Vila da Fábrica em Camaragibe. Os equipamentos, por ora citados, e as relações sociais que mediaram a convivência entre os sujeitos residentes em assentamentos como esses compõem o conceito adotado por Correia (2001).

Outras instituições ligadas à formação desse espaço industrializado foram as cooperativas, sendo elas responsáveis por possibilitar aos moradores o acesso à compra de alimentos e objetos de primeira necessidade. Nesse sentido, esse conjunto de equipamentos

foram responsáveis por ampliar tanto a dinâmica de fluxos, como o desenvolvimento local e, com ele, a valorização do lugar.

Nesse sentido, o avanço da urbanização e da dinâmica da vida urbana no bairro da Vila da Fábrica contribuíram para impulsionar novas formas de uso do espaço, descortinando, entre os indivíduos moradores do lugar, práticas que, ao longo de um período secular, estiveram orientadas pela atividade industrial. Em cadeia, o fortalecimento desses vínculos constituiu, com o passar do tempo, as relações de ajuda mútua na comunidade e, principalmente, a solidez no que se refere às manifestações culturais que representam o grupo social desse lugar.

O conjunto de relações constituídas forneceu ao bairro da Vila da Fábrica um aumento na circulação tanto de mercadorias, quanto de pessoas, desencadeando, ao longo das últimas décadas, numa expansão habitacional configurada de forma irregular. Em consequência, essa realidade viabilizou a nomeação desse espaço para categoria de bairro, sendo a Vila da Fábrica na atualidade, reconhecida como um dos principais de Camaragibe.

De acordo com Santos (2004), é possível compreender como a circulação física das mercadorias tornou possível a realização da previsão dos usos, o que, de forma gradativa, ampliou a mobilidade generalizada de indivíduos, de produtos e de informações. O movimento do comércio local na Vila da Fábrica condicionou o uso do espaço, impulsionando as relações que cimentaram e, ainda, cimentam a vida no lugar. Alguns dos estabelecimentos comerciais fundados com a vila operária foram repassados a familiares e contribuíram para atrair novos moradores.

Sem entrar muito na singularidade desse movimento complexo de expansão, o crescimento de habitantes no bairro provocou, em cada época, mudanças no espaço e nas relações desses sujeitos com o lugar. Essas alterações assinalam o domínio do território em todas as épocas de ocupação, inclusive na fase atual, em que alguns desses aspectos relacionados ao controle do espaço passam a ser analisados pela corrente pesquisa.

Muito da dinâmica socioespacial da Vila da Fábrica foi alterada após o encerramento da produção têxtil, no ano de 2004. Com o fechamento da indústria, um expressivo contingente de moradores do bairro ficou desempregado e a maior parte da população precisou buscar outras formas de sobrevivência, não raro, associadas às possibilidades existentes na capital pernambucana.

Nesta fase, uma grande massa de pessoas passou a se deslocar do bairro para cumprir a jornada de trabalho em outras áreas da RMR, enquanto isso, o requintado prédio da unidade

fábrica entrava em processo de esquecimento e deterioração. Esse período trouxe angústia aos moradores, pois a vida e o cotidiano na comunidade foram completamente atingidos com essa alteração. É válido ressaltar que, no auge da produção de tecido, a fábrica funcionava em três turnos empregando mais de mil funcionários, o que significaria hoje o equivalente à quarta parte da população do bairro, cujo número já se aproxima dos 4.000 habitantes.

O então ocioso prédio da antiga indústria de tecidos, tornou-se um espaço atrativo ao avanço do capital imobiliário, sendo 2015 o ano que marcou o início da construção da Reserva Camará, projeto que toma parte do espaço dos terrenos em que restavam o prédio da fábrica e da antiga olaria. A chegada do empreendimento imobiliário aconteceu com a inauguração da primeira etapa, o shopping Camará, em 2018, revelando assim, possibilidades relacionadas a novos usos e apropriações após décadas sem transformações significativas.

Nesse contexto, os edifícios de renovação urbana construídos no entorno do bairro possibilitam o viver em comunidade de maneira tida como autossustentável, a exemplo, destaca-se a barragem construída no Açude da Mata que facilitou a vida no lugar. Em meio à multiplicidade desses arranjos, os equipamentos que estão atrelados à prática de lazer passam a ser equipamentos indispensáveis à análise do espaço quando nos reportamos à valorização do lugar e, conseqüentemente, a sua mercantilização.

O cinema, a escola de música e as sedes dos clubes de futebol, presentes até hoje no bairro, designam com suas funções atuais, uma rotina social que acarreta a permanência dos cidadãos nesse ambiente. Com isso, a comunidade da vila teceu, ao longo do tempo, laços de pertencimento característicos e próprios da categoria lugar.

Em suma, é com a análise da reprodução espacial que se revela a compreensão dos fatos vividos por uma sociedade caracterizada por intenções, conflitos, valores e comportamentos que serão afetados por interesses externos. Em consequência, a reprodução do espaço tende a revelar que os agentes sociais envolvidos não possuem as mesmas possibilidades de ação, o que gera desigualdades, fazendo com que a pesquisa se apoie numa lógica de abordagem dialética materialista, ancorada principalmente em autores como Carlos (2001), Santos (2004) e Harvey (2005).

Nesse sentido, as práticas e dinâmicas do cotidiano no bairro que alimentam a renovação do espaço encontram-se, no momento atual, enquadradas a uma perspectiva de urbanização, tornando-se apropriado refletir com Carlos (2001), que o movimento da economia, hoje global,

invade o cotidiano com a inserção de estruturas de circulação e processos de mercantilização de lugares, sendo essas estruturas impostas pela reprodução do capital.

As formas e conteúdos acabam por estabelecer uma necessidade de entender aspectos materiais e ideários traduzidos diretamente nos objetos e nas relações presentes na vida cotidiana. No entanto, esse processo só tem início na Vila da Fábrica quando o conjunto de edificações ociosas passa a se tornar atrativo pelo impulso do crescimento da renda das famílias de Camaragibe e da RMR em geral.

Sob esse panorama, mediante a inspiração de Santos (2004), pode-se dizer que as transformações geradas pela implantação de grandes empreendimentos, que chegam como verticalidades e que são propostas pelos agentes do capital, podem destruir parcial ou totalmente as horizontalidades até então existentes no espaço geográfico. A exemplo dessas questões, é preciso lançar mão da reflexão: será que os efeitos com o funcionamento do shopping podem estar ocasionando prejuízos ao comércio da Vila da Fábrica?

O entendimento dessas questões pode auxiliar na condução dos projetos relacionados a espaços urbanos, considerando todos os sujeitos participantes da vida e do cotidiano no lugar. Neste caso, busca-se entender como o “novo” transforma o espaço em instantâneo, tecendo novas articulações entre os sujeitos em cada época. Somado a isto, a ocupação irregular notada atualmente no arranjo habitacional desse espaço, principalmente nas áreas de morro, estende-se da parte frontal de onde a vila operária foi erguida até a formação de outros bairros coligados ao entorno.

Os novos elementos instalados na Vila da Fábrica, entendidos aqui como verticalidades, tendem, a partir do momento atual, a gerar nova dinâmica espacial repercutindo no cotidiano dos sujeitos moradores. Com efeito, as repercussões diretas na vida de quem habita o bairro traz tendências de padronização, estando essas atreladas ao processo de valorização do espaço, seja sob a lógica econômica, seja sob a lógica social. Com isto, a abordagem apoiada numa perspectiva histórica, somada ao duplo olhar teórico-metodológico e teórico-conceitual, permitem a captação de uma realidade cada vez mais complexa, no que se refere à reprodução e à mercantilização do lugar.

Nesse contexto, estudar o espaço que representa a antiga vila operária contribuirá para entender que a memória de um lugar se liga ao uso e ao ritmo dessas transformações. Nesse sentido, a relação entre espaço e tempo configura uma lógica indissociável multiescalar que, em muito, ainda necessita de uma consciência coletiva para promover uma reconstituição

espacial menos desigual e favorável a todos os sujeitos envolvidos com o processo de reprodução espacial.

Sendo assim, apresentar elementos e situações que componham uma periodização da reprodução social e espacial dos lugares é fundamental para revelar os principais movimentos desencadeados nesses processos de reprodução e de mercantilização dos espaços, estejam eles centrados em qualquer escala espaço-temporal de análise.

Cabe salientar que o recorte temporal da pesquisa compreende, em sua predominância, o período em que se promove a inserção da primeira etapa do complexo imobiliário Reserva Camará, coincidindo com os quatro anos de funcionamento do mais novo centro de compras instalado no bairro, o Camará Shopping. Porém, retornar no tempo em alguns momentos como forma de encontrar nexos históricos para a explicação do período atual será situação recorrente e imprescindível no decorrer deste trabalho.

Por conseguinte, os ditos nexos históricos perpassam, inevitavelmente, a situação dos fatos ocorridos estando eles ancorados tanto numa escala nacional como em outros lugares do globo. Para uma melhor compreensão de cada passo dado, foram definidos os objetivos específicos para a realização da pesquisa:

1. Contextualizar a história da Vila da Fábrica vinculada a alguns processos de formação socioespacial do Brasil;
2. Caracterizar Camaragibe como município da RMR, em termos sociodemográficos e econômicos;
3. Analisar o processo de transformação no bairro após a implantação do Camará Shopping como primeira etapa da instalação do complexo imobiliário Reserva Camará, tomando como base a percepção dos seus moradores;
4. Analisar as mudanças do cotidiano da Vila da Fábrica, bem como as possibilidades de mercantilização do lugar diante dos novos empreendimentos.

Esses objetivos ditam uma sequência lógica na organização dos capítulos da Dissertação, assim como, todo o conjunto de técnicas de análise que contribuirão para compreender melhor o contexto das transformações e as possíveis consequências com a mercantilização do lugar.

A pesquisa adotou a metodologia de análise ancorada na abordagem qualitativa, reunindo componentes teóricos que se articulam com a realidade de vida dos habitantes do

bairro. O processo de reprodução do espaço e sua mercantilização podem se relacionar, também, à dimensão imaterial, ou seja, ao mundo das relações, das representações e das intencionalidades, estando elas visíveis ou implícitas na dinâmica cotidiana do espaço.

Partindo desse princípio, a pesquisa foi planejada com os seguintes procedimentos metodológicos: inicialmente, foi efetuado levantamento bibliográfico sobre o objeto de estudo, a Vila da Fábrica, seu contexto histórico e sua ligação com a formação socioespacial do Brasil. Em um segundo momento, foi adotado o processo de observação participante, em que a interação entre o observador e os objetos observados estabeleceram uma relação de diálogo nos ambientes pesquisados.

Na sequência, foram efetuados, na terceira etapa, a aplicação de 54 questionários e 12 entrevistas. As perguntas contidas nos questionários também serviram para guiar as entrevistas, porém, o objetivo desse momento de contato pessoal com os sujeitos foi deixar os participantes entrevistados mais à vontade para falar sobre suas vivências, opiniões e percepções. Vale ressaltar que todas as respostas tanto das entrevistas quanto dos questionários foram relacionadas em um único grupo de pessoas, sendo elas enumeradas e denominadas como “participantes”. Esse contingente levou em consideração o ciclo etário dos mais jovens cuja faixa está caracterizada por aqueles que possuíam, no ato da pesquisa, idade entre 17 e 30 anos e, os adultos e idosos representados pela faixa etária acima dos trinta.

É válido contextualizar que o fio condutor para elaboração das questões aplicadas levou em consideração duas particularidades. A primeira, foi a percepção dos moradores quanto às mudanças atuais ocorridas no lugar, ficando a segunda voltada à conservação da memória histórica, estando ela atrelada à preservação do patrimônio arquitetônico e até mesmo a manutenção de antigos eventos constituídos pelo grupo social formador do lugar.

Permeada por entrevistas, o uso da metodologia qualitativa além de nos aproximar da conjuntura histórica do lugar, traz o embasamento para dialogar com os aspectos da vida dos sujeitos, estando eles atrelados ao trabalho, a cultura, a educação e as relações sociais. Com isso, sob a luz de Marconi e Lakatos (2019), entendemos que é “partindo do princípio de que, as atuais formas de vida social, assim como as instituições e os costumes desenvolvidos ao longo do tempo no lugar, têm sua origem no passado, sendo importante pesquisar suas raízes para assim, compreender sua natureza e função”.

Nesse contexto, foi possível observar que as experiências e vivências transmitidas por essas pessoas influenciaram a base de relatos e opiniões dos participantes. Quanto às

apropriações e uso do espaço urbano na contemporaneidade, essas experiências revelaram, ainda, atitudes e comportamentos que representam a opinião desses sujeitos quanto à importância de sua participação na reprodução do espaço.

É partindo desse panorama metodológico que a pesquisa buscou conhecer os acontecimentos, processos e instituições do passado que, ao longo do tempo, passaram a influenciar as transformações socioespaciais contemporâneas, estando estas conjugadas ao processo de alteração local, porém, com influências de acontecimentos muitas vezes recorrentes em escala nacional e até global.

Em suma, a dissertação está organizada em cinco capítulos distribuídos da seguinte maneira: a introdução, onde é tecido um panorama de entendimento geral do trabalho; o segundo capítulo, onde é apresentado aspectos relacionados ao bairro da Vila da Fábrica; o capítulo três, onde se descreve Camaragibe como município inserido na RMR; o capítulo quatro, que na sequência aborda as particularidades referentes à reprodução do espaço e a mercantilização do lugar; e o capítulo cinco, que culmina nas considerações finais, onde é destacado os resultados observados com a pesquisa. Pretende-se, ainda neste último capítulo, executar o contraponto relacional entre os principais aspectos destacados nos capítulos anteriores e as questões que orientaram a pesquisa.

A coleta de dados referente à percepção dos moradores quanto ao processo de alteração socioespacial ocorrida na Vila da fábrica foi importante para relacionar os distintos entendimentos e opiniões destacados pelos participantes. Esses entendimentos expressaram sinais relevantes do espaço vivido, descortinando ainda possíveis formas de resistência à dinâmica urbana em curso com a instalação total do complexo imobiliário Reserva Camará.

Por esse ângulo, cabe frisar que as novas funções para os equipamentos antigos e ainda existentes no bairro podem propiciar um discurso de valorização, sendo eles elaborados pelos agentes imobiliários e utilizados como ferramenta propulsora de vendas com a construção da Reserva Camará. Em cadeia, esses processos transformam o espaço em mercadoria, ficando ele a gerar arranjos que podem acelerar e aprofundar diferenças e desigualdades sociais, ficando estas, materializadas no espaço.

Essa realidade mercantil do lugar passa a tornar visível áreas que estão sendo transformadas em espaços de implantação de empreendimentos imobiliários de uso misto, com centro de compras e moradia, congregando não apenas aspectos voltados às alterações físicas

dos objetos, mas também às mudanças nos aspectos relacionados ao convívio entre os moradores desse espaço.

Sendo assim, o presente trabalho ganha relevo não apenas para se compreender a realidade específica desse recorte da RMR, como também de muitas outras áreas localizadas nas cidades brasileiras que passam, em período recente, por transformações equivalentes. Além disso, esta pesquisa também visa contribuir para uma compreensão acerca das novas direções do crescimento da RMR, no qual tal processo é marcado pela formação de novos subcentros ou o reforço de alguns já existentes. Nas últimas décadas, os investimentos estruturantes foram concentrados nas bordas metropolitanas, tornando-se amplamente visíveis nessas áreas.

Com isto, estudar os impactos da implantação do Complexo Imobiliário da Reserva Camará na Vila da Fábrica pode dar luz à compreensão das transformações socioespaciais, não só desse local, mas de outras áreas metropolitanas e, quiçá, de outros contextos socioespaciais urbanos brasileiros. Isto posto, o lugar passa a trazer, no seu contexto, as possibilidades do movimento da mundialização, em que as virtualidades estão ligadas ao viver e ao habitar, ao uso e consumo e às formas de apropriação do espaço, seja numa escala local ou global.

As transformações em curso na Vila da Fábrica ainda revelam possibilidades de conflitos entre as gerações, já que o processo de transformação geralmente abarca não apenas às atividades produtivas, mas também aos sujeitos produtores. Essas transformações tendem a levar os mais jovens a se manifestarem a favor de mudanças e alterações impostas por agentes dominantes, contrastando assim com os grupos de moradores mais idosos que são, muitas vezes, mais resistentes à reprodução espacial impostas ao lugar.

Em meio a tudo isso, analisar a instalação de “novos empreendimentos imobiliários”, em áreas outrora constituídas por fábricas e que foram desindustrializadas, torna-se um processo relevante, uma vez que o uso e apropriação desse mesmo espaço não ocorre de forma igualitária no momento em que se reproduz. Nesse sentido, é possível ainda afirmar que as conexões dos fenômenos ocorridos no lugar podem fornecer subsídio ao trabalho da Geografia, principalmente quando se adota uma metodologia que emprega práticas integradoras de apropriação e uso do solo urbano com a participação, sem distinção, de todos os sujeitos envolvidos.

2 O BAIRRO DA VILA DA FÁBRICA: USOS E APROPRIAÇÕES

As formas introduzidas no lugar, ao longo do seu processo histórico, ganham dinâmica com o passar do tempo, o que favorece a análise do processo formado pela reprodução do espaço e a mercantilização do lugar. Essas formas acontecem num recorte espacial que exige refletir sincronicamente, que o espaço é, também, além de produto e meio, condição da sociedade responsável pela sua produção, constituindo além disso, a locução dos fluxos do capital com suas contradições (CARLOS, 2001).

É dentro desse contexto que o bairro da Vila da Fábrica em Camaragibe atualmente se posiciona, uma vez que os reflexos de sua história e sua localização contribuem para a implantação do mais novo empreendimento da cidade, o complexo imobiliário Reserva Camará, cuja primeira etapa, o Camará Shopping, foi inaugurada em 2018. O atual centro de compras fomenta diversos movimentos de valorização do lugar, estando eles relacionados a moradia, lazer e serviços que refletem na vida e no cotidiano dos moradores do bairro. O referido Shopping Center é um dos equipamentos que compõem o conjunto de objetos proposto no projeto do já citado complexo imobiliário (Figura 1).

Figura 1 - Objetos espaciais - Projeto Reserva Camará, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: imagem disponível em: <http://reservacamara.com.br/> acessado dia 21.08.2021. Sinalização efetuada pela autora dos principais objetos citados.

De acordo com a figura, é possível observar que se trata de uma área com perfil residencial cercada de vegetação nativa que caracteriza o local de forma singular. Atualmente, seu entorno é composto por poucas e estreitas vias de acesso ao trânsito sendo todas utilizadas para a circulação de pessoas e mercadorias. O projeto da Reserva Camará está previsto para o terreno localizado na parte frontal da antiga vila operária, reduto que hoje recebe o nome de bairro da Vila da Fábrica, sendo ele um dos principais bairros do município de Camaragibe.

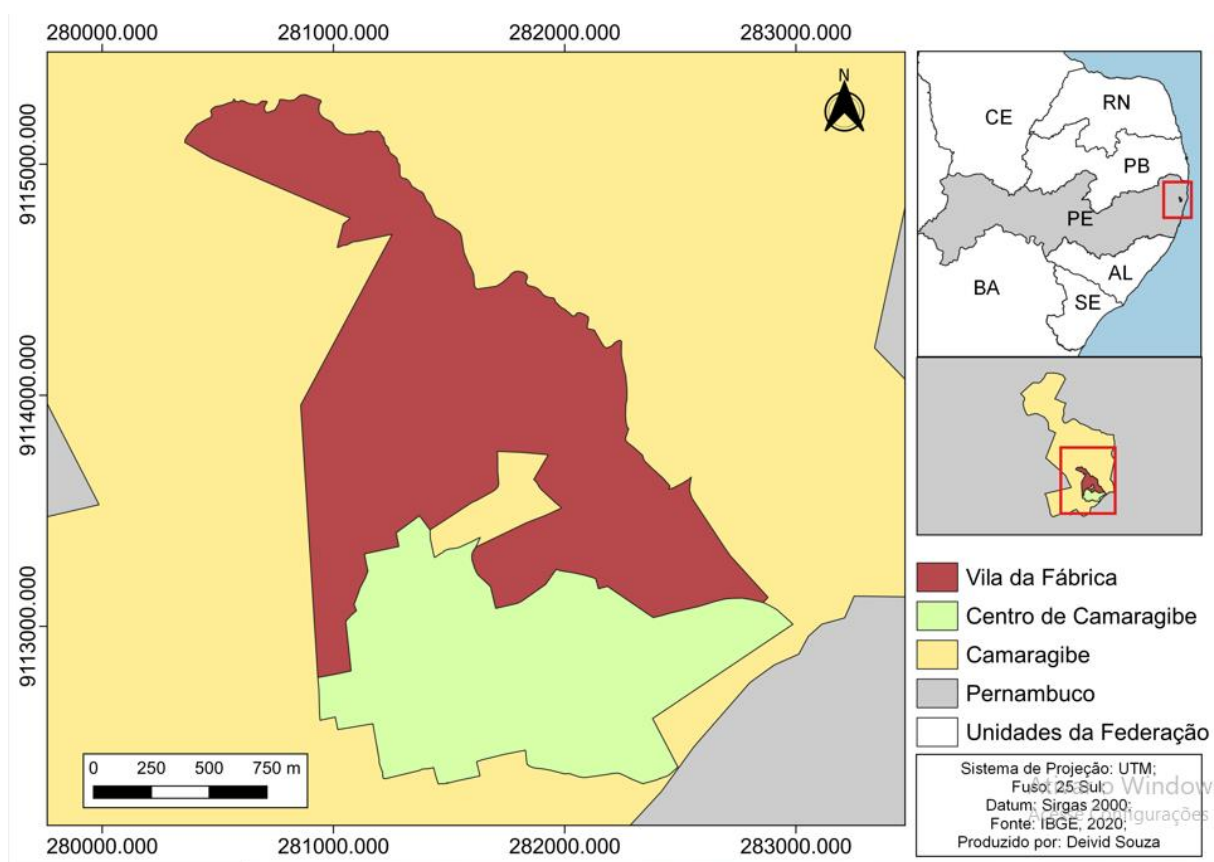
A relativa proximidade dos objetos que são idealizados para o espaço da antiga indústria têxtil nos ajuda a compreender a proposta atual de uso e apropriação do lugar por parte dos itensagentes do capital, representados pelo sistema imobiliário local. Dentro da lógica da reprodução espacial, os objetos projetados concluídos viabilizarão alterações de processos que até o momento foram definidores para a fixação dos moradores no lugar.

Nesse contexto, é pertinente trazer o que Santos (2006, p. 191) relata quanto à integração desses processos como sendo o resultado de uma realidade de consumo que diante de potencialidades enquadradas em demanda e oferta hierarquizam o espaço. Logo, é na dinâmica desses usos que decorrem o fomento das relações da vida social e seus processos desencadeadores de valorização, seja para quem lá reside ou para os novos moradores que serão atraídos por essas transformações.

A hierarquia da sociedade estabelecida promove ao lugar o assentamento de uma nova lógica espacial que prevê, com a valorização do solo urbano, o que inevitavelmente pode provocar conflitos associados às diferenças e desigualdades socioespaciais. Os sintomas das passagens do período rural, industrial, urbano e de consumo acometem o bairro com a introdução de equipamentos que tendem a destruir parcial ou totalmente os objetos históricos neles existentes. Esses elementos se apresentam tanto na dimensão material nas formas físicas das edificações existentes no lugar, como na dimensão imaterial representada pelos valores, comportamentos, atitudes e ações do grupo social que reside no bairro.

Essas alterações no espaço, configuram-se na dimensão concreta representada por esses objetos e por suas funções, assim como na dimensão abstrata, constituída pelos costumes cotidianos e relações de vizinhança entre os sujeitos que habitam o lugar. Nesse sentido, torna-se relevante desenvolver análises sobre os impactos no cotidiano dos moradores do bairro com os recentes empreendimentos construídos e projetados para esse espaço. O atual bairro da Vila da Fábrica está localizado na parte central do município Camaragibe (Figura 2-Mapa de localização).

Figura 2 - Mapa 1 - Localização do bairro Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: Souza (2022).

É possível notar no mapa a localização da área central do município, bem como, a proximidade dela com o bairro da Vila da Fábrica. Essa lógica contribui para pensar o quanto o processo de dinâmica espacial, principalmente do período industrial, influenciou e contribuiu, ao longo do tempo, para a formação da área central. A extensão ocorreu de forma gradativa e paralela a um povoamento que se ligou ao processo da atividade industrial têxtil instalada no bairro da Vila da Fábrica ainda no final do século XIX. Sendo assim, a industrialização se tornou um dos fatores atrativos ao desenvolvimento urbano desse lugar.

O projeto do complexo imobiliário Reserva Camará traz na proposta imobiliária a preservação de oito hectares de flora e fauna integrando a preservação, a construção de um museu, um centro de convenções, um hotel e uma faculdade, além de torres residenciais e empresariais que compõem a planta do empreendimento. A estrutura proposta encontra-se divulgada no site do Complexo Camará, onde os itens de lazer e serviços inclusos no projeto encontram-se destacados e relacionados a uma narrativa publicitária (Figura 3) que não só divulga o empreendimento como objetiva a valorização do lugar.

Figura 3 - Itens que compõem a narrativa publicitária da Reserva Camará, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



A Reserva Camará é um projeto revolucionário, que está levando para a Zona Oeste da cidade uma nova maneira de morar e viver. É o primeiro Complexo Multiuso sustentável da região, reúne vários empreendimentos diferenciados e tem como objetivo aproximar as pessoas umas das outras e de tudo o que elas precisam para viver bem.



| | | |
|----------------------------------|---|--|
| 48 CONCEITOS DE SUSTENTABILIDADE | 8 HECTARES DESTINADOS À PRESERVAÇÃO DA FAUNA E FLORA LOCAIS | HOTEL FLAT |
| SHOPPING CENTER COM 290 LOJAS | 22 TORRES RESIDENCIAIS | CENTRO DE CONVENÇÕES |
| ÁREA DE SERVIÇOS | HOME SERVICE | MUSEU DE FÁBRICA 9 HECTARES DESTINADOS A FAUNA E FLORA |

Fonte: Disponível em <http://reservacamara.com.br/index.php/> acessado em 11.01.2022

É nesse jogo de *marketing* arrojado que o negócio, sem detalhar as bases dessa “sustentabilidade”, oferta, por exemplo, a geração de energia alternativa, sendo pertinente fazer referência à Pádua (2015), quando nos relata que a sustentabilidade é uma das matrizes discursivas para os empreendimentos imobiliários nos tempos atuais. Segundo o autor, adiciona-se ainda a essa retórica, a “qualidade de vida” e a “segurança”, compondo, dessa forma, no plano do discurso, os atributos de valor para o negócio.

Os agentes envolvidos na construção do empreendimento, ancoram-se no potencial da área ao entorno do bairro da Vila da Fábrica, pois os bairros de Aldeia, Caxangá e Várzea são compostos por moradores que se enquadram em classes sociais mais elevadas. Os bairros de

Caxangá e Várzea fazem parte da cidade do Recife, porém, possuem um processo de conurbação com o município de Camaragibe. Caxangá e Várzea também reúnem uma estimativa média de consumo anual em torno de R\$ 1,3 bilhões, segundo dados fornecidos no próprio site do consórcio responsável pelo empreendimento do complexo Reserva Camará.

Seguindo a semelhança de narrativas para empreendimentos de porte similar, o Complexo faz referência ao tema da sustentabilidade como mecanismo técnico e inovador, cujo objetivo é atrair clientes para a compra dos apartamentos e salas comerciais. É nesse cenário estratégico que a atividade organizadora dos decisores quanto à reprodução do espaço acontece. O megaprojeto do Complexo Reserva Camará é idealizado por um consórcio pautado na parceria das empresas A.B. Côte Real, Carrilho FMSA, Casa Grande Engenharia, Masf e Moderno Empreendimentos.

As narrativas postas, nos canais de divulgação dos agentes, passam a influenciar, cada vez mais, no comportamento coletivo quanto às “novas e modernas” formas de reestruturação urbana do lugar. Com isso, o padrão de um modo de vida privilegiado a determinados acessos torna-se distante da realidade da maioria que reside no bairro. Esse padrão difundido, e até naturalizado entre aqueles que compõem um espaço em reprodução, gera, gradativamente, mais fragmentação e desigualdade social. O processo de urbanização atinge as áreas periféricas e transcorre em épocas e intensidades diferentes.

Nesse contexto, a moradia na paisagem urbana passa a traduzir elementos que denunciam as diversas formas de segregação. Esse formato resulta num perfil habitacional visivelmente apartado, onde de um lado, fixam-se as moradias populares ocupadas por um grupo social menos esclarecido e de baixa renda e, de outro, empreendimentos residenciais exclusivos das classes sociais possuidoras de um poder aquisitivo mais elevado. Ademais, os terrenos e áreas que atraem inicialmente incorporadoras, imobiliárias e investidores financeiros, tornam-se, posteriormente, alvo para construção de grandes empreendimentos residenciais que abarcam serviços e centro de compras no mesmo local.

O descompasso entre o crescimento urbano e o crescimento econômico vai tomando proporções irregulares cada vez maiores e visíveis no que se refere ao uso das metrópoles e das periferias. As áreas periféricas possuem uma resposta cada vez mais extensiva, fragmentada e com atrasos expressivos de estruturas sociais (falta d'água, limpeza urbana, esgoto, asfalto, iluminação, etc) e políticas que atendam às necessidades coletivas, incluindo os menos favorecidos. Já a área metropolitana justapõe-se com traços sinuosos de uma riqueza que

predomina e se concretiza na materialidade dos objetos nela presente (SANTOS; SILVEIRA; SOUZA, 1998).

A chegada de novos usos para esse espaço reúne, através das novas atividades atreladas à serviços, comércio e entretenimento, fatores atrativos para instalação de novos condomínios residenciais voltados à classe média alta. A população com padrão de consumo mais elevado, por vezes, reside em bairros adjacentes ao da Vila da Fábrica, porém, equipamentos como esse podem ressignificar locais antes desvalorizados e sem estrutura, tornando-os sedutores para esse nicho.

Essas transformações atravessam a vida cotidiana dos moradores que ali já residem há décadas, trazendo assim consequências que se imbricam nas relações entre os indivíduos e deles com o espaço. O processo de valorização do lugar também impacta em uma maior movimentação de pessoas de grupos sociais mais abastados, resultando num rápido adensamento populacional local que acaba promovendo deslocamento de antigas famílias para outras áreas ainda mais “periferizadas”.

Essa nova dinâmica estabelece um padrão de consumo mais elevado, repercutindo no aumento do custo de vida do lugar, tornando o atual cenário espacial, um ambiente nítido de aspectos separatistas que tendem a expulsar os moradores mais pobres, uma vez que estes se sentem fora da nova realidade financeira local. Com isso, o lugar, que é acometido pela reprodução e valorização espacial, vivencia a substituição gradativa do perfil de moradores e, conseqüentemente, das estruturas que o cercam.

A descentralização das metrópoles, enquanto áreas detentoras dos principais serviços e atividades urbanas, promove aos espaços como o da Vila da Fábrica, em Camaragibe, a disseminação desse modelo, fazendo com que áreas desindustrializadas tornem-se alvo de novos usos e apropriações. A exemplo disso, é possível citar os bairros de Vila Leopoldina e Santo Amaro, em São Paulo, que mediante a uma realidade industrial responsável por originalizar esses bairros, passaram pelo mesmo processo de transformação fomentado pelo setor imobiliário.

Pádua (2011) destrincha bem esse cenário nomeando esses lugares enquanto “espaços de desindustrialização”, aqueles caracterizados por grandes terrenos de antigo uso industrial e que por hora, sem atividade, ficam disponíveis aos interesses dos agentes hegemônicos do capital. Esse movimento, criado pela renovação dos lugares, permite compreender os reflexos de como ocorreu o processo de capitalização de algumas metrópoles brasileiras.

Segundo Cano (2007), a grande concentração industrial em São Paulo decorreu da expansão do complexo cafeeiro, no final do século XIX e início do século XX, e foi mediante a ela que a alta concentração de lucro fomentou a implantação de um grande número de indústrias produtoras de bens de consumo na metrópole paulista. Esse cenário proporcionou possibilidades de tornar a capital de São Paulo um dos lugares de maior e mais intensa dinâmica de alteração espacial.

Efetuando um paralelo com a formação espacial da Vila da Fábrica em Camaragibe, a industrialização em Recife, antigo celeiro de produção de açúcar, ocorre com mais intensidade nos anos finais do século XIX, ainda que de forma modesta e menos concentradora de lucro que a cidade de São Paulo. Em decorrência dessa industrialização, surge o fenômeno da urbanização, fortemente influenciado e instaurado por uma população envolvida e conectada às atividades industriais.

Mediante ao avanço da urbanização, também é válido ressaltar a importância das vias expressas que ligam os espaços periféricos à Metrópole e que promovem a acessibilidade de forma mais fácil e rápida do centro à periferia, proporcionando a essas áreas mais possibilidades de valorização do solo urbano.

Partindo do pressuposto dessas duas condicionantes, a Vila da Fábrica torna-se, atualmente, um espaço de possibilidades, uma vez que se enquadra tanto no perfil de espaço desindustrializado, como numa área periférica que teve, nas últimas décadas, investimentos nas vias de transportes coletivos. As reformas no metrô, com a inserção de novas estações, assim como a implantação do BRT¹, fomentaram ao município de Camaragibe o avanço do setor imobiliário.

Vale ressaltar ainda que o aumento do ganho real da renda per capita dos moradores, mediante a elaboração de políticas públicas promovidas pela gestão de governos progressistas, nos primeiros anos do século XXI, trouxe sentido para empreendimentos como o da Reserva Camará.

¹ BRT – *Bus Rapid Transit*, sistema de ônibus rápido que utiliza corredores próprios e exclusivos que visam oferecer mais conforto e redução de viagem ao passageiro, além de contribuir na redução de poluentes diante das tecnologias implantadas nesses veículos. Disponível em: www.wribrasil.org.br

2.1 Do espaço natural ao espaço técnico industrial

De linhagem vocabular indígena, Camaragibe é de origem Tupi e significa “terra de Camarás” que, por sua vez, nomeia também uma planta da família das verbenáceas. A região onde a atual cidade de Camaragibe estava inserida, ainda nos primeiros anos do “*Brasil Colônia*”, fazia parte de um contexto promissor para a metrópole portuguesa diante da abundância de florestas existentes no lugar, sendo essas, intensamente exploradas. Foi a extração da madeira caracterizada como a primeira atividade econômica da Colônia brasileira, considerada uma realidade que impactou na formação de muitas cidades do país.

Nesse contexto, a organização do espaço comporta elementos que se encontram, essencialmente, atrelados aos sistemas ambientais físicos e que são representados na estrutura concreta da superfície terrestre. O relevo, as águas, a vegetação, o solo, fazem parte desse sistema e, no caso de Camaragibe, fez toda diferença para promover o povoamento e a inserção abrupta de objetos e técnicas que, em conjunto, viabilizaram a dinâmica social e urbana desenvolvida no lugar em cada época.

O pau-brasil, mais conhecido entre os índios pelo nome de Ibirapitinga, tornou-se, ainda nas primeiras décadas do descobrimento, o produto mais explorado do Estado de Pernambuco, mais precisamente do território de São Lourenço da Mata, o que provocou acentuação dos fluxos e circulação. O escoamento contínuo desse produto foi muito significativo para o reconhecimento, posse e extensão de terras férteis/úteis dos lugares quanto às propostas da coroa portuguesa, principalmente no que se referia à distribuição das terras do Brasil (LEMOS, 2012).

A madeira em abundância, que servia para tingir tecidos na Europa, foi explorada através de um posto de venda que ficava localizado à margem esquerda do Rio Capibaribe, que banhava a região de Camaragibe. Situada em uma zona desbravada pelos colonos, o município teve, enquanto facilidades, o trânsito de pessoas e mercadorias e isto muito impulsionou a economia do lugar (LEMOS, 2012 p. 41). Diante disso, fica evidente que as dinâmicas trazidas pelas práticas exploratórias dessa época ocasionaram ao espaço natural transformações consideráveis, já que a exploração da madeira se deu em grande escala e por muitas décadas.

A distribuição das terras de Camaragibe se deu, primeiramente, no ano de 1542, quando Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, escolheu, na pessoa de Diogo Fernandes, judeu convertido em “cristão novo” (ato obrigado por D. Manuel, rei de Portugal), o indivíduo ideal para fundar no lugar um engenho de cana de açúcar. Apontado como um importante conhecedor do fabrico açucareiro, Fernandes instalou o engenho Camaragibe que chegou a ser

considerado, por parte da metrópole, o melhor engenho de Cana-de-açúcar da Colônia (GUERRA, 2007 p. 13).

A estrutura do engenho Camaragibe contava com várias instalações que eram destinadas a usos e atividades específicas da comunidade reconhecida na época como rural. Dentre essas instalações, estavam: a senzala, que era destinada à moradia de escravos, a capela, marcada pela invocação de São Tiago, onde se promovia os rituais cristãos, a moita como espaço para guardar os instrumentos de moagem da cana, a estriba, para instalação dos animais e a casa grande, que era a residência do senhor. Este casario está conservado até os dias atuais e possui traços arquitetônicos da época do ciclo da cana de açúcar (LEMOS 2012, p. 25-27).

Os eventos na casa grande aconteciam aos sábados e as práticas judaicas caracterizavam os hábitos judeus, o que, para a Metrópole portuguesa, agredia a religião católica. Seus primeiros proprietários, Diogo Fernandes e sua esposa, Branca Dias, tiveram onze filhos e secretamente promoviam uma sinagoga da família na sua residência de Olinda. O duplo papel do devoto casal foi denunciado por fiéis cristãos, o que levou a realização dos eventos religiosos para o casarão do engenho de Camaragibe. Assim, tanto as reuniões e festas judaicas, como também as missas e festividades católicas, passaram a ser realizadas no engenho (GUERRA, 2007).

A casa grande (Figura 4) do engenho Camaragibe sofreu, ao longo do tempo, várias modificações e até o ano de 2019 servia de palco para a apresentação da peça “*Senhora de Engenho, entre a Cruz e a Torá*”, que retrata toda a história de Diogo Fernandes e Branca Dias. Este evento ocorre sempre entre os meses de agosto e setembro, e é promovido pela companhia de teatro de Camaragibe e patrocinado pela prefeitura do município.

Figura 4 - Casarão do antigo Engenho Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Foto: a autora (2019).

A última proprietária da “casa rosa”, como também é chamado o antigo casarão do engenho Camaragibe, foi D. Maria Anita Amazonas MacDowell, dando sequência a uma sucessão de gestão feminina da propriedade, já que recebeu de sua avó, D. Antônia Corrêa de Araújo, herdeira do casarão desde de 1884 (GUERRA, 2007 p. 17).

A casa representa um objeto figurativo, além de possuir uma forma física de período anterior carregado de um valor simbólico de uma época que nela está representada e imbricada com a ampla história do lugar, o que, segundo Santos (2014), é definido como “*rugosidades*”². O Casarão foi tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e é tido como um dos pontos turísticos da cidade.

Com a industrialização iniciada na cidade, em 1894, constitui-se também um novo marco para o município que, por mais de um século, contribuiu para o aumento da urbanização da metrópole pernambucana, tornando os espaços tidos como periféricos propícios ao avanço do capital financeiro. Em decorrência desse domínio, a atividade canavieira, implantada

² De acordo com Santos (2014), as “*rugosidades*” se referem ao que é deixado do passado, seja como forma, paisagem ou espaço construído. Esses elementos se enquadram num processo de supressão, acumulação, superposição quanto a substituição das coisas acumuladas em todos os lugares. Elas ainda se apresentariam como formas isoladas ou arranjos, trazendo os restos dos tipos de capital utilizados em cada período histórico, estando eles ligados às combinações técnicas e sociais dos tipos de divisão do trabalho, até então, já passados.

décadas após o descobrimento do Brasil, substituiu práticas indígenas, assim como a atividade industrial que sucedeu o período canavieiro, refletindo até o momento atual na instituição de novas formas e usos, por hora, muito mais urbanizados.

De acordo com Guerra (2007), outros recursos naturais presentes na área da Vila da Fábrica e que tiveram destaque foram os açudes. A abundância de água nas redondezas do bairro provinha dos açudes São João, conhecido também como açude da Mata, e o açude São Bento, sendo ambos alimentados pelos Rios Camaragibe. O açude São João, através de um conduto de aço (Figura 5), fornecia água para a fábrica, cinco chafarizes, a padaria, algumas moradias e a olaria.

Figura 5 - Tubulação do Açude da Mata, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: autora (2019)

Essa canalização, instalada nos primeiros anos de operação da fábrica de tecidos, abastecia não apenas a indústria têxtil de Camaragibe, como também toda a vila operária. Mesmo com o encerramento da produção industrial, em 2004, a Vila da Fábrica permaneceu recebendo a água desse conduto e só deixou de obtê-la em 2018, com a inauguração do Camará Shopping. Desde o início das atividades do centro comercial, o bairro passou a ser abastecido pela Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA), enquanto o shopping passou a receber a água do Açude da Mata, fazendo uso da antiga tubulação.

Além disso, foi construída nesse açude, uma ponte, conhecida pela população residente como *ponte do balde*, que até hoje viabiliza a ligação do bairro da Vila da Fábrica com o bairro Novo. Já o açude São Bento tinha a capacidade do reservatório aproximadamente em torno de

700.000 m³ e, através de um encanamento de aço cravado no chão, conduzia a maior parte da água utilizada pela fábrica. O projeto industrial da época também contemplou as bocas de incêndio que asseguravam a proteção da indústria têxtil em casos de risco de combustão.

Baseado em Santos (2006), é possível afirmar que terras como as de Camaragibe propiciaram a materialização da vida, onde as condições naturais constituíram o alicerce para a existência de um grupo num cenário propício ao casamento das dádivas da natureza com o trabalho humano. Ainda, de acordo com o autor, as transformações impostas às coisas naturais, indicam um período pré-técnico que possibilita a mudança da natureza pelo homem, impondo ao espaço suas leis e regras.

Logo, a Vila da fábrica, enquanto bairro periférico inserido na RMR, encontra-se enquadrado numa realidade de potencial histórico que passa a favorecer a implantação de megaprojetos urbanos a serem introduzidos na cidade. As práticas e as ações estabelecidas em cada época chancelam as alterações que ocorreram nesse espaço, carregando um conjunto de intencionalidades que, ancoradas em Santos (2006), caracteriza-se por sistema de objetos e sistema de ações. Juntos, esses sistemas, segundo o autor, “empiricizam” as formas de uso e de vida do lugar. O complexo imobiliário Reserva Camará surge dessa realidade.

Partindo da premissa que a formação do lugar advém de ações e atividades desenvolvidas de maneira coletiva, encontramos, no contexto histórico de Camaragibe, possibilidades para tecer o curso de sua trajetória enquanto espaço transformado e reproduzido pelos seus ocupantes ao longo do tempo. Desse modo, a Geografia, numa perspectiva histórica e social, é composta de elementos que são fundamentais para a compreensão dos eventos no tempo e no espaço quando estes se referem às manifestações e transformações de fenômenos ocorridos no lugar.

Sem pretender seguir por uma discussão puramente histórica, vale apenas frisar que, no caso do Brasil, a produção do espaço colonial a serviço dos interesses da metrópole portuguesa, especificamente na área de Camaragibe, aconteceu como uma verticalidade que desestruturou o território como espaço vivido dos índios (GUERRA, 2007)

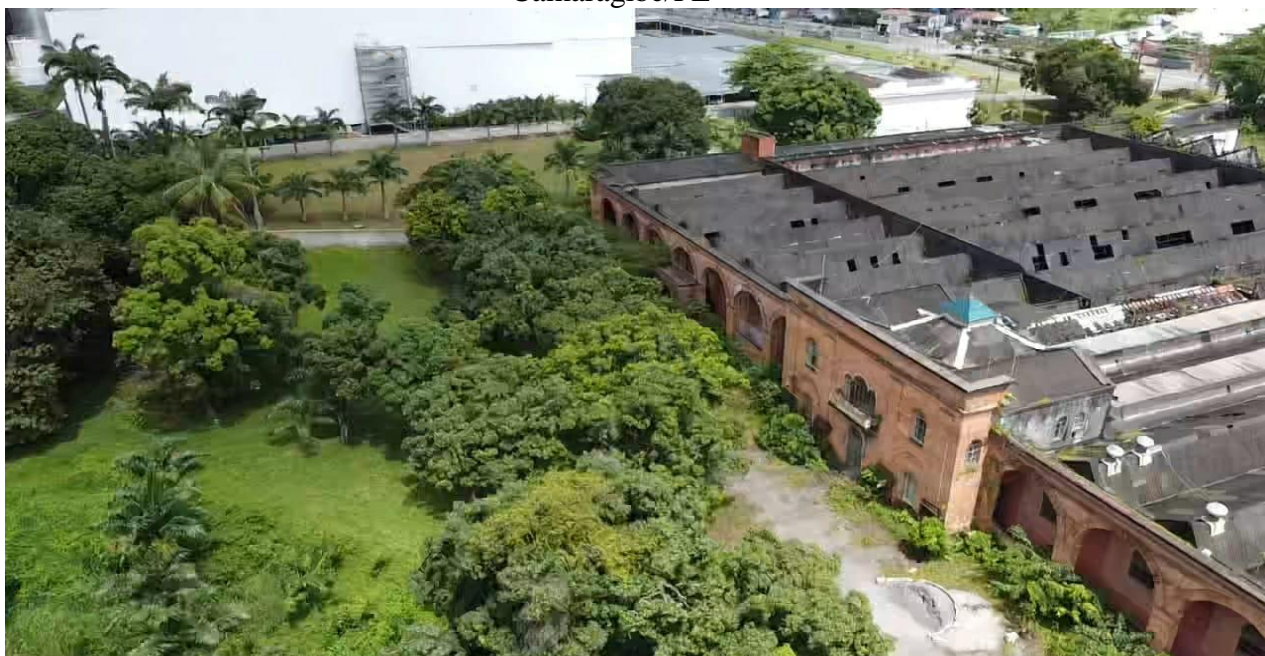
Apenas com a instauração da Revolução Industrial na Europa ficou evidenciado que o processo de mecanização, por meio do vapor, passou a estabelecer um marco para um novo ciclo industrial. Novas perspectivas de atividades paralelas à cultura açucareira moldaram alguns espaços, tanto na dimensão econômica como na social. A exemplo dessas outras atividades, tidas como necessárias e complementares, podemos citar a produção de tecidos, em menor intensidade, a produção do algodão, além do próprio comércio. Esse cenário e período

viabilizaram a abertura de fábricas no ainda *Brasil Colônia*, o que permite considerar essas aberturas um produto decorrente da parceria entre a Metrópole portuguesa e a Inglaterra, país caracterizado como o berço da Revolução Industrial.

O povoamento do lugar ocorreu de forma gradativa e, conforme destacado por Lemos (2012), foi só no final do século XIX, com a acentuação do declínio da atividade econômica canavieira que se instituiu por completo a instalação da indústria têxtil na cidade de Camaragibe. A atividade industrial inseriu no espaço um padrão dinâmico local caracterizado, na segunda metade do século XX, como um processo modernizador, o que Milton Santos (2013) conceitua como meio *técnico-científico-informacional*³.

A construção da vila operária, desde o início, fez parte do projeto da fábrica de tecidos e era considerada como parte fundamental para garantir o sistema produtivo da indústria. Assim, tanto as casas como toda estrutura pensada para o lugar, viabilizaram a moradia e a fixação dos funcionários nesse espaço. Abaixo é possível visualizar parte do que atualmente ainda resta das instalações da fábrica (Figura 6).

Figura 6 - Fachada da antiga Indústria de Tecidos de Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: imagem gerada por drone (2021).

³ O Conceito de meio técnico-científico-informacional estaria, segundo o autor, atrelado ao “momento histórico, pós Segunda Guerra Mundial, no qual a construção ou reconstrução do espaço se dá com um crescente conteúdo de ciência e técnicas”.

Projetada e construída pelo engenheiro civil de formação, Carlos Alberto de Menezes, a indústria têxtil de Camaragibe inseria-se no projeto da Companhia Industrial Pernambucana (CIPER), cuja fundação data do ano de 1891 (COLLIER, 1996). Escolhido pelo amigo, Pereira Carneiro, um dos homens mais ricos de Pernambuco, Menezes também teve a missão de comandar a fábrica de tecidos de Camaragibe desde a sua fundação. Após longo período trabalhando na Ferro Cargil, companhia que explorava os sistemas de comunicações urbanas do Recife, Menezes aceitou o convite e iniciou o planejamento para a construção da indústria, que foi inaugurada em 1894 (COLLIER, 1996 p. 42).

Segundo Guerra (2007), a fábrica de tecidos de Camaragibe foi erguida numa esplanada de dez mil metros quadrados. Conforme registros em Lemos (2012), Guerra (2007) e Collier (1996), teria Carlos Alberto de Menezes viajado, antes de assumir a diretoria da fábrica, até a região de Val-de-Bois na França, com a finalidade de conhecer o Sr. Léon Harmel, industrial que tinha como anexo a sua empresa, uma vila operária para acomodar seus funcionários. Esse feito foi um fator influenciador para a criação e execução do projeto têxtil de Camaragibe.

Nessas circunstâncias, podemos notar que a dinâmica escalar do global-local se tornou presente tanto na fundação da fábrica de tecidos de Camaragibe, como em todo o período de seu funcionamento (1894-2004), já que as relações com a França estiveram presentes sob a influência de Menezes e de seu sucessor, Pierre Collier e seus descendentes.

O francês, Pierre, também era engenheiro, assim como o amigo Carlos Alberto de Menezes que, diante da afinidade, lançou o convite para Pierre Collier deixar a França e vir para Camaragibe para coordenar a fábrica. Pierre aceitou a proposta e logo tornar-se-ia genro de Carlos Alberto, casando-se com sua filha mais velha, Maria Adélia de Menezes, com quem teve onze filhos. Depois do falecimento de Carlos Alberto de Menezes, Pierre Collier assumiu o comando da gestão da fábrica.

Com a indústria têxtil em funcionamento, Camaragibe escreve mais um capítulo de sua história, já que as atividades ligadas a esse momento estabeleceram possibilidades ao lugar, propiciando o desenvolvimento da dimensão espacial e social nunca visto antes na cidade. É por conta da fábrica e da vila operária que alguns equipamentos urbanos surgem como necessidades, sendo suas instalações inevitáveis. O desenho urbano com a dinâmica industrial passa a ser gradual e concreto para esse espaço.

A vila operária de Camaragibe contava com escolas, clubes, sedes esportivas, cinema, barracão para venda de alimentos, igreja, praça, ambulatório, república para os funcionários

solteiros e o casarão das freiras que abrigava as religiosas que vieram da França para implantação do projeto educacional da vila, dados destacados em Guerra (2007).

Amparado por Correia (2001), é possível notar que para o caso de Camaragibe o termo de “vila operária” passa a não ser suficiente e nem absoluto, devido a toda sua completude para assegurar a vida em coletividade. A redução e, em muitas vezes, a sujeição da anulação de uso de transporte para a mobilidade das pessoas com relação ao acesso a outras localidades da região, contribuía para a fixação dos operários no lugar. Esse ambiente, ainda de acordo com a autora, era melhor representado pelo vocábulo “núcleo fabril”, já que possuía toda uma autonomia exercida dentro de uma rotina coletiva.

A produção industrial têxtil em Camaragibe, no ano de 1980, atravessou seu período mais crítico de crise. Podemos citar como um dos motivos mais relevantes os problemas com as matérias primas, uma delas, o algodão, que sofreu a praga do bicudo⁴, responsável por destruir boa parte dos algodoads do Nordeste. Somado a isso, outro fator para o declínio da indústria têxtil no Brasil foi a abertura da economia brasileira e a importação de tecidos e confecções da China (LIRBÓRIO, 2015). Na ocasião, e ainda no final da década de 1980, ocorreu a venda da fábrica de Camaragibe para o grupo empresarial Braspérola, marcando esse período pela nova gestão que trouxe para a empresa condições de produzir mais e com melhor qualidade, conforme Lemos (2012).

Outro fator que contribuiu para queda na produção de tecidos em Camaragibe foi a concentração industrial na região Sudeste do país. Com o tempo, essa concentração evoluiu, trazendo dificuldades ao mercado nordestino, como a redução de exportação do tecido e a diminuição da importação de máquinas e equipamentos. A concorrência acirrada entre as empresas, somada ao estado de recessão da economia nacional da época, desequilibrou o setor industrial têxtil nordestino, ocasionando no encerramento total das atividades da indústria pernambucana localizada no município de Camaragibe no ano de 2004. Este foi o período em que o último grupo proprietário da fábrica de tecidos de Camaragibe decidiu fechar definitivamente a fábrica.

Com o encerramento das atividades, a dinâmica na Vila da Fábrica foi completamente alterada e o município foi caracterizado como “*cidade dormitório*”⁵ já que muitos moradores

⁴ O bicudo é uma espécie de besouro que, na fase adulta chega a medir de 4 a 9 mm de comprimento, apresentam coloração castanha quando recém emergidos, e cinza quando se tornam mais velhos. Possuem dois espinhos em cada fêmur do primeiro par de pernas e élitros com riscas longitudinais (Circular técnica 140: EMBRAPA, 2016).

⁵ “As cidades-dormitório são, por definição, espaços onde parte significativa da população vai dormir, ausentando-se durante o dia para trabalhar ou estudar noutro município, algo parecido com dormir fora de casa”. Ainda seriam definidos esses espaços como: inferiorizados, dependentes e depreciados (SOARES, 2018).

se mudaram, e os que permaneceram no local ausentavam-se durante o dia para trabalhar em outras localidades da RMR, retornando ao lugar de moradia apenas no período da noite. Essa nova rotina cotidiana dos moradores do bairro marcou o período diurno local, configurando um clima “desértico” por muitos anos na comunidade.

Em decorrência da vila operária original, o lugar é nomeado por bairro⁶ da Vila da Fábrica, tornando-se um dos lugares do município onde a expansão habitacional urbana ocorreu de forma expressiva e espontânea. Nele, problemas como deslizamentos de encostas, no período de fortes chuvas, atestam um processo precário de urbanização que intensifica problemas tidos como recorrentes no lugar. A exemplo, é possível citar impactos no fornecimento d’água, carência de transporte coletivo, falta de espaços comuns para serem utilizadas como áreas de lazer, etc.

Vale salientar que esse quadro urbano precário do bairro da Vila da Fábrica passa a contrastar com o novo projeto proposto para área da antiga indústria de tecidos. O megaprojeto, Reserva Camará, tem no Camará Shopping sua primeira etapa já concluída, em que a chegada do empreendimento à cidade de Camaragibe e, principalmente, ao bairro da Vila da Fábrica, passou a contribuir, dentre outras coisas, na redefinição da centralidade urbana da RMR. No local, atualmente, encontra-se ainda a monumental fachada do prédio original da indústria, hoje em ruínas, mas que expressa uma representatividade não só para os moradores do bairro, mas também para o município como um todo.

Conforme Carlos (2001), o processo de reprodução da cidade impacta na instituição e na organização do espaço urbano onde, cada época vivida, remonta um movimento de transformações históricas que auxiliam na análise desse processo, sendo necessário a justaposição dos variados níveis de realidade. Esses níveis estariam enquadrados no âmbito social, político e econômico. Em comunhão com a autora citada, Santos (2014) enfatiza que é num quadro cada vez mais dominado pelas forças do capital que os novos sistemas de objetos são, deliberadamente, promovidos para o exercício dos agentes mais poderosos, no que se refere a produção capitalista do espaço. Essa produção, ainda segundo o autor, geralmente acontece de forma desigual em qualquer que seja o momento histórico vivido nos lugares.

A dimensão do empreendimento industrial e operário, com a construção da vila, conduziu a criação da cidade de Camaragibe e projetou a ocupação gradativa do lugar. A

⁶ O bairro, no sentido de *locus* da experiência urbana, detendo a potencialidade de ser território (enquanto porção do espaço dominado pelo homem através do conhecimento) e lugar (relação íntima e emocional com uma porção do espaço) (AZEREDO, 2016 p.41, apud PAULA; MARANDOLA, 2007 p.2).

concentração das casas na vila operária estabeleceu uma proximidade com a fábrica, afastando, por muito tempo, a necessidade de uso de meios de transporte para o deslocamento desses moradores operários e seus familiares. Até mesmo no momento de lazer, essas atividades aconteciam na própria vila, fato que tornava ainda mais irrelevante o uso de transporte público. Esse conjunto de fatores possibilitou o uso concentrado e coletivo dos equipamentos existentes na vila e, por muitas décadas, serviu de base tanto para a fixação dos sujeitos moradores, como para a formação socioespacial do bairro.

2.2 A antiga vila operária, um núcleo fabril em Camaragibe;

A vila de operários, que originou a cidade de Camaragibe, foi construída num altiplano a 25m acima do nível do mar, morfologia que favorece o escoamento das águas quando em períodos de chuva. Suas principais ladeiras eram compostas de barro batido, o que facilitava o acesso e o trânsito das pessoas que lá habitavam ou que frequentavam o local em épocas festivas. Com o tempo, a expansão habitacional se estendeu, fazendo com que toda área ao entorno da vila operária como as encostas e os vales, fossem ocupados sem nenhum planejamento urbano.

A arborização também era uma característica marcante da vila, as árvores não só minimizavam os rigores do sol, como embelezavam o lugar. De acordo com Lemos (2012, p. 93), seria a vila de operários localizada em Camaragibe, a primeira vila operária da América Latina, destacando-se desde o planejamento até a execução da construção das moradias. A área em que as residências foram construídas contemplou ao todo 155 casas, obedecendo critérios e medidas diferenciadas para o abrigo de famílias de diversos tamanhos.

Como descreve Lopes (1988), o preço de cada moradia variava de R\$ 2.400,000 a 8.640,000 (dois mil e quatrocentos réis a oito mil e seiscentos e quarenta réis) e o valor cobrado a cada operário pela companhia era em torno de 5% ao ano. Além dessas casas, outras poderiam ser erguidas em morros vizinhos, desde que obedecessem aos critérios estabelecidos pela indústria. Esses critérios seriam: possuir, o morador, a licença da fábrica para construir a moradia; arcar, o morador, com todas as despesas da construção e a concordância de não vender a casa sob nenhuma hipótese. O acordo também estabelecia que nada seria descontado aos proprietários dessas residências, uma vez que, para essa ocasião, eram eles quem arcavam com os custos das construções.

Outra atividade que retrata a dinâmica social existente no período industrial era a prática de cultivo de hortaliças nos quintais das casas da vila operária. A colheita era realizada pela maioria dos moradores e esse tipo de alimento era comercializado no estabelecimento denominado por *barracão*, sendo ele ligado a uma das cooperativas. A prática do cultivo era orientada para que cada morador tivesse no seu terreno um espaço para o plantio de algumas hortaliças, assim como também de árvores frutíferas. O intervalo entre as residências era, em média, de 10m. A colheita das frutas, como mangas, bananas, pitombas, goiabas, macaúbas, azeitonas etc. abastecia o barracão que ficava localizado no centro da vila operária e tinha como função, na época, fomentar o comércio na comunidade.

É possível encontrar o registro dessas práticas em Lopes (1988, p. 95) quando em seu livro, *A cidade das chaminés*, cita como exemplo a atividade dos “*comité des jardins*” (Comissão de Jardinagens) desenvolvida no núcleo fabril de Camaragibe que tinha como base inspiradora o *comité* em Val-des-Bois, França. O autor ainda comenta que, diante dessa particularidade, seria a vila operária Camaragibense, um espaço “com uma organização social peculiar”.

É válido ressaltar ainda que a água utilizada para o cultivo de hortaliças e para o consumo humano vinha do Açude da Mata, que era vigiado vinte e quatro horas por dia nos sete dias da semana, ficando proibidas práticas de lavar roupa e banho neste açude. Os dois rios, o Rio Camaragibe e o Rio Una, alimentavam os açudes São João ou da Mata e o Açude São Bento, ambos localizados no entorno da vila operária. No São Bento, a ponte do balde (Figura 7 A e B), construída desde a fundação da vila operária, encontra-se erguida no local até os dias atuais e tem atualmente a funcionalidade de ligar o bairro da Vila ao Bairro Novo.

Figura 7 - Ponte do Balde séc. XX (A) e séc. XXI (B), Vila da Fábrica, Camaragibe/PE

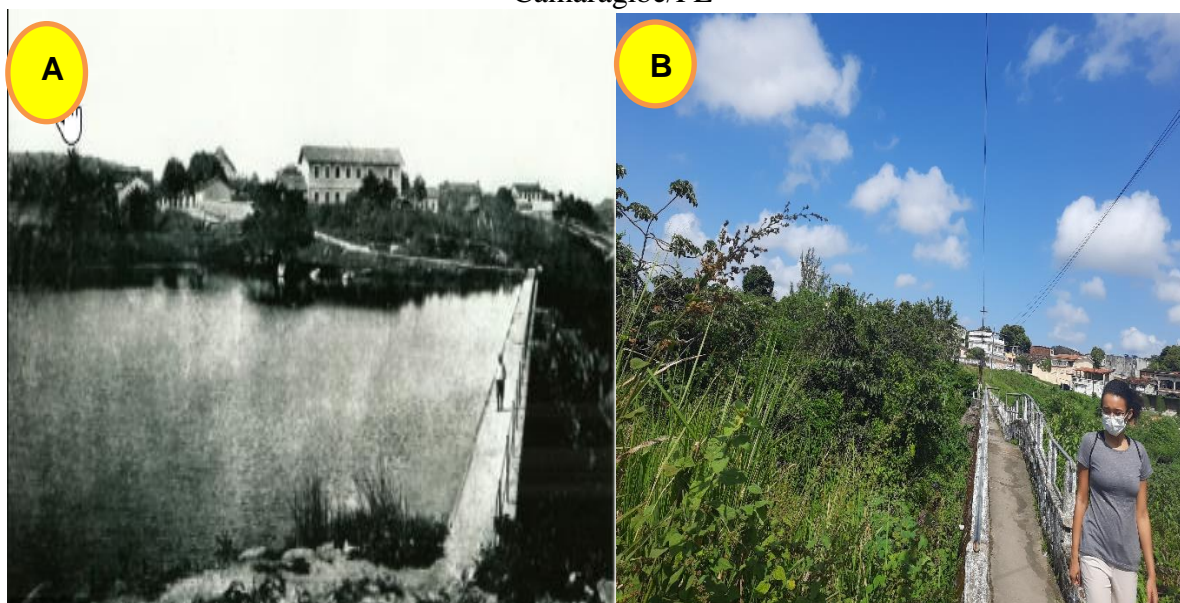


Foto: biblioteca municipal de Camaragibe.

Foto: a autora (2021).

A ponte facilita a vida da população dos bairros, principalmente para os moradores do Bairro Novo, já que o acesso ao comércio, às escolas, à igreja, aos terminais de ônibus, etc. concentram-se na Vila da Fábrica. A travessia da ponte é permitida apenas para pedestres e acontece predominantemente, no decorrer do dia, pois a falta de iluminação promove insegurança aos moradores no período noturno.

O aspecto atual da ponte exibe um certo abandono quanto a sua manutenção. No projeto inicial, consta que foi construída sob esse açude uma pequena barragem para o controle do uso de água. Vale destacar que o rompimento da barragem, no ano de 1990, deu margem ao surgimento de uma vegetação densa e heterogênea no local onde a ponte foi construída. A impossibilidade de represamento da água do açude, ao longo do tempo, encontrou subsídio para que essa vegetação se desenvolvesse gradativamente, mudando completamente a paisagem do local.

O núcleo fabril instalado em Camaragibe também contava com um sistema educacional estruturado e inspirado pelo modelo aplicado na região de Val-des-Bois. Segundo Guerra (2007 p. 119-138), Carlos Alberto de Menezes, em uma de suas viagens à França, conhece e convida as freiras da Sagrada Família em Villefranche para montar um projeto educacional em Camaragibe. É após longa e agitada travessia do Oceano Atlântico, em 16 de maio de 1902, que chegam em solo pernambucano as sete religiosas responsáveis pelo projeto. A primeira escola foi a *Escola da Corporação Operária de Camaragibe*, a “Escola das Irmãs” como

também era chamada. Essa escola foi inaugurada em fevereiro de 1903 e as classes diurnas começaram com 63 meninos e 95 meninas. Esses equipamentos, instalados na vila operária de Camaragibe, também eram considerados elementos que tornavam o lugar atrativo para moradia, o que contribuiu para o povoamento do lugar.

A escola foi instituída dentro de um modelo educacional do Brasil República, quando esse estabelecia que a educação de meninos e meninas deveriam acontecer em instituições separadas. Essas instituições tiveram seus edifícios erguidos com o principal objetivo de preparar os futuros funcionários, já que muitos dos ofícios ligados à produção de tecidos eram passados de pais para filhos. Essas pessoas que migraram para a Vila da Fábrica trouxeram para o contexto da convivência estilos e modos de vida que foram passados para a comunidade e que influenciaram comportamentos.

Com o passar do tempo, mais dois grupos de religiosas vieram da França para reforçar a estrutura de educação oferecida aos operários da fábrica de Camaragibe e a seus familiares. A primeira escola, conhecida como “Escola das Irmãs” ou “Escola da corporação Operária de Camaragibe”, funcionava em dois turnos e as freiras eram as responsáveis pela educação das garotas, já para as classes masculinas, um principiante da corporação do Coração de Jesus era quem ministrava as aulas. Além da fábrica financiar a construção das escolas, também era de sua responsabilidade o fornecimento dos fardamentos e da merenda. Esses estudantes, considerados futuros funcionários da indústria, chegaram a trabalhar na fábrica após completarem 14 anos (GUERRA, 2007).

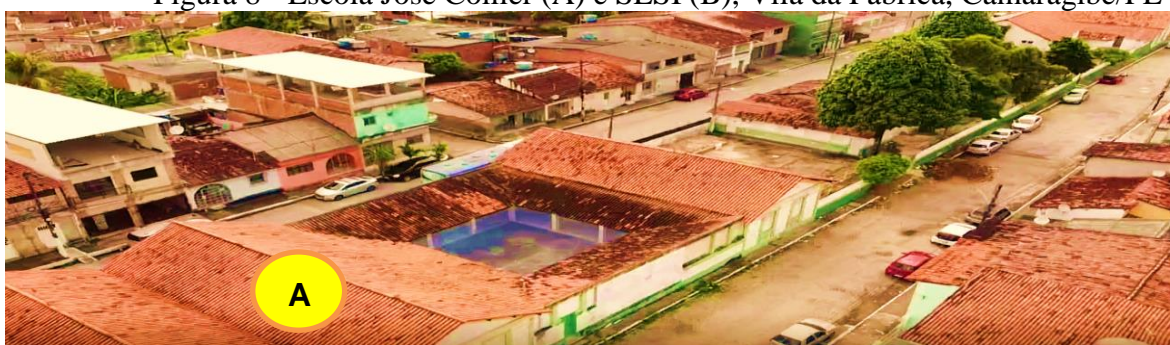
Conforme Lemos (2012), foi sob a influência de Menezes que, em 1904, chegaram a Pernambuco os primeiros representantes da Casa Marista, cujo objetivo era instalar na vila operária uma escola própria para os meninos, já que esses deveriam estudar apenas em estabelecimentos separados das meninas. O sistema educacional separatista era uma exigência por parte de setores conservadores, ainda nos primeiros anos do Brasil República. O sistema com diferença de gênero vivido em Camaragibe durou até 1925, quando os Maristas deixaram o município. Essas edificações preservam, nos dias atuais, sua forma e função, pois são voltadas à educação de crianças e jovens do bairro, porém os meninos e as meninas já não precisam mais estarem separados.

Atualmente, a escola, que antes era direcionada apenas à educação masculina, funciona como uma instituição do Serviço Social da Indústria (SESI), promovendo vagas para jovens e adolescentes de todos os sexos. Já a escola, antes tida apenas para meninas, faz parte das

instituições da rede municipal de ensino. Com esses equipamentos são ofertadas para as crianças do bairro, educação infantil e todas as séries do fundamental I.

Essas duas instituições de ensino atestam a memória histórica do lugar, pois estão com suas estruturas arquitetônicas preservadas (Figura 8 A e B) e tem expressivo valor simbólico entre os moradores, principalmente os mais antigos, que muito as citam quando falam de suas vidas na infância. O projeto educacional implantado em Camaragibe ganhou destaque e foi pioneiro com relação a muitos outros lugares de Pernambuco, mesmo àqueles que tinham realidade fabril na época.

Figura 8 - Escola José Collier (A) e SESI (B), Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: imagens geradas por drone (2021).

Esses equipamentos de ensino marcaram, e marcam até os dias atuais, a história da Vila da Fábrica, pois estabeleceram um modelo educacional diferenciado no que se refere às relações sociais vividas pelos moradores do lugar. A estrutura de toda aparelhagem necessária às implantações desses objetos, bem como a remuneração dos funcionários dedicados à educação, era de responsabilidade da indústria têxtil (LEMOS, 2012).

O traço singular voltado aos serviços de educação, somado a visão social de Menezes, ofereciam ao sistema industrial local mão de obra qualificada e perspectivas mais sólidas para

manutenção desses equipamentos, já que muitos dos filhos e até dos netos dos operários, tornaram-se funcionários da indústria têxtil por décadas. Essas instituições também contribuíram para o aumento e a fixação dos moradores no lugar, já que a proposta por conveniência era de trabalhar e morar no mesmo espaço (COLLIER, 1996).

Na década de 1970, instala-se também no município de Camaragibe, numa área vizinha à Vila da Fábrica, outro equipamento estudantil de relevância para a comunidade. Dessa vez, a Faculdade de Odontologia de Pernambuco (FOP), instituição de nível superior vinculada à Universidade de Pernambuco (UPE). A FOP oferecia cursos de Graduação, Mestrado, Doutorado e Especializações, todos na área de Odontologia. A Faculdade conquistou a 10ª posição entre os melhores cursos de Odontologia do Brasil, segundo a *Folha de São Paulo*⁷, no ano de 2014. Esse equipamento teve relevância para ampliação do povoamento da cidade.

No quesito de infraestrutura acadêmica, outro bairro que faz divisa com Camaragibe, o bairro de Dois Irmãos, localizado a 6 km de distância da Vila da Fábrica, foi escolhido para a implantação da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, ainda no ano de 1912. A instituição, conhecida hoje como Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), foi federalizada no ano de 1955, através da Lei Federal nº 2.254, segundo dados da *Fundação Apolônio Salles de Desenvolvimento Educacional*⁸ (FADURPE). A via de análise da implantação dessas instituições nos leva a considerar as inúmeras possibilidades que, ao longo do século XX, foram fomentadas nessa área da RMR e o quanto esses equipamentos influenciaram a fixação do sujeito ao lugar.

Esses objetos em cadeia contribuíram para o processo dinâmico de urbanização da região mais a Oeste de Camaragibe e promoveram a ampliação de fluxos e difusão de informações que se intensificaram nas décadas finais do século XX. O impulso à urbanização acelerou, por consequência, a transformação do espaço com mudanças não só quantitativas, mas também e, principalmente, qualitativas, já que à sombra do conhecimento científico passa o lugar a favorecer e oportunizar os meios adequados para a instalação e realização de processos de inovação e desenvolvimento que impactam não apenas nas alterações físicas do espaço, mas também nas relações cotidianas dos sujeitos que habitam o lugar.

É válido ressaltar que esse cenário de transformação socioespacial local sofreu, de certa forma, os reflexos da realidade que outras metrópoles brasileiras atravessavam na época,

⁷ Ranking destacado em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2014/rankingdecursos/odontologia/>

⁸ Site da Fundação: <http://www.fadurpe.com.br/>

principalmente com relação ao aumento das diversas estruturas urbanas após 1950, como é possível verificar em Santos (1993, p.39):

O consumo de energia passa dos 24.000 megawatts em 1965, para 160.000 em 1984. A partir de 1960 constroem-se estradas de rodagens de primeira ordem. O Brasil passa a ser cruzado por um grande número de rodovias de boa qualidade, entre as quais um bom percentual de autopistas. Por outro lado, em muitas regiões, observa-se a tendência à criação de uma rede vicinal sobretudo nas áreas mais desenvolvidas. De quase 5.000.000 de passageiros transportados por meio de rodovias em 1970, alcançamos mais de 11.000.000 em 1980. Eram 3.800.000 automóveis circulando em 1973, são 10.500.000 em 1981. Modernizam os Correios (Gertel, 1991) e cria-se um moderno sistema de telecomunicações através de ondas.

Os aspectos que contribuíram para essa fase foram, segundo o autor, o desenvolvimento exponencial do sistema de transporte, a colossal produção material que viabilizou a aceleração da distribuição, circulação e consumo, e ainda o imenso desenvolvimento das novas formas econômicas voltadas aos campos da saúde, do lazer, da informação, etc. O autor ainda denomina esse período como *técnico-científico-informacional*.

Segundo Guerra (2007), outro equipamento centenário ainda presente na Vila da Fábrica é a igreja católica, conhecida pelos antigos operários como casa de Deus da vila. Nela, promove-se diversos eventos religiosos como eucaristias, missas, batizados e até casamentos. Muitos desses eventos foram criados no período de fundação da fábrica. O dia que marcou a inauguração da capela foi em 29 de abril de 1896. Inicialmente, a capela foi construída dentro da indústria, sendo todos os objetos necessários advindos da França.

Conforme a autora supracitada, em 1981 aconteceu uma mobilização para construir uma nova igreja para o bairro da Vila da Fábrica. A iniciativa partiu do padre Fernando Pinto. A colaboração de D. Maria Amazonas (última proprietária do casarão do antigo engenho de Camaragibe), somada à ajuda financeira da fábrica de tecidos (gestão Brasperola), e o empenho dos moradores, foi erguido o novo prédio da igreja. Esse equipamento teve sua inauguração em agosto do mesmo ano, porém sendo nomeado por Nova Igreja do Sagrado Coração de Jesus da Vila da Fábrica (Figura 9).

Figura 9 – Nova Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE

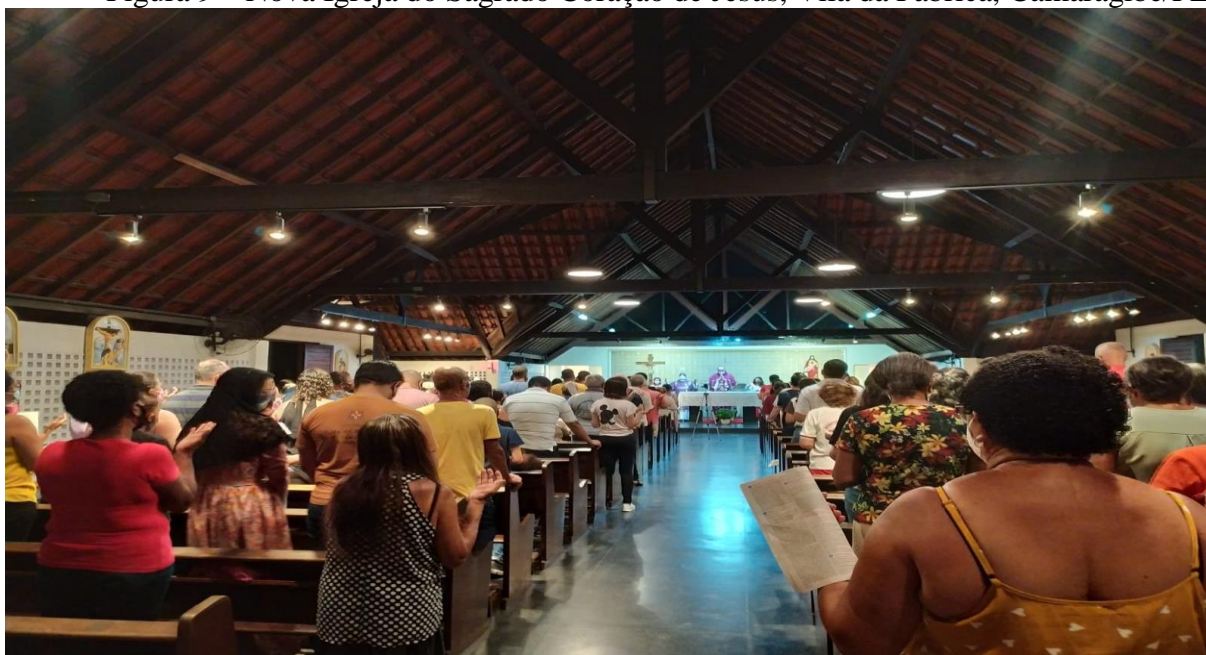


Foto: a autora (2022).

A campanha para a construção da nova igreja congregou jovens, adultos e idosos em um grande sentimento de entusiasmo e solidariedade, fortalecendo laços comunitários entre os moradores mais antigos e os recém-chegados ao bairro. É registrado, em Guerra (2007), que a dinâmica para angariar ajuda financeira vinha de eventos como bailes e feiras que aconteceram na própria comunidade. A igreja, atualmente, além das missas semanais, é palco para diversas reuniões dos membros da comunidade que se agrupam com a finalidade de refletir sobre os problemas locais e discutir melhorias que o bairro necessita.

Outro equipamento de grande valor simbólico para a comunidade local, e que possui a gestão e manutenção sob a responsabilidade da igreja católica, é a gruta da Santa Nossa Senhora de Lourdes (Figura 10). A gruta é palco de diversos eventos religiosos promovidos pelos moradores do lugar, como, por exemplo, a concentração dos frequentadores da igreja para as procissões no dia do padroeiro da cidade. A gruta está localizada na praça de eventos da Vila da Fábrica, terreno situado em frente ao atual Camará Shopping e foi construída com diversos tipos de pedras, o que ajuda a simular uma gruta natural.

Figura 10 – Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, praça da Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



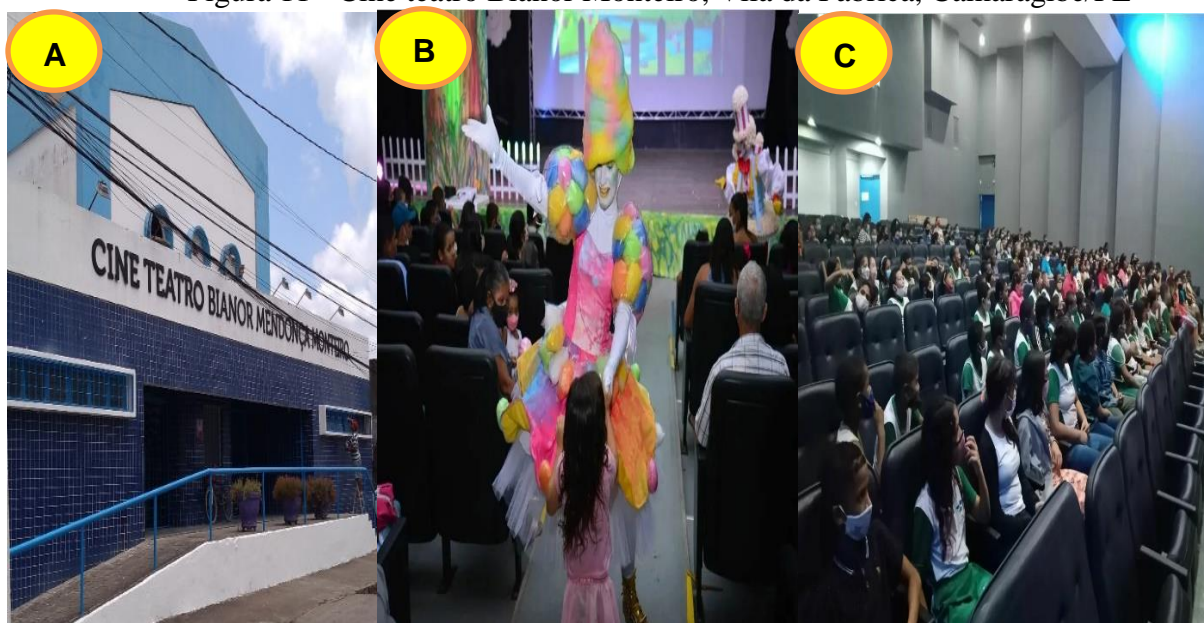
Fonte: disponível em: <https://www.flickr.com/photos/culturacamaragibe/37220472250>

Segundo Guerra (2007), era nessa praça que aconteciam célebres missas, apresentadas, inclusive, por missionários que tinham o poder de atrair multidões até de outras localidades, Frei Damião foi um deles. Nessa praça acontece todos os anos a festa de natal do bairro, reunindo não apenas moradores da Vila da Fábrica, mas também e, expressivamente, moradores de outros bairros adjacentes. Uma das versões para criação da gruta, ainda de acordo com a autora citada acima, é que ela teria sido projetada por Carlos Alberto de Menezes em decorrência de uma promessa por ter sobrevivido a um forte temporal que abalou o navio em que estava presente quando voltava da França.

Ainda sob a luz de Guerra (2007), a religião influenciou na introdução de um pouco de lazer na vida dos que habitavam o núcleo fabril de Camaragibe. A criação da Sociedade Dramática Familiar tinha o objetivo de criar quadros vivos nas festividades natalinas, tornando-se, com o tempo, a semente que germinou o interesse por parte da população pela arte dramática e pelo teatro. A cada ano as encenações se aperfeiçoavam, resultando em 1910 e 1911 nas apresentações das primeiras peças teatrais denominadas por: “A expiação” e “Os jovens cativos”, respectivamente.

As peças de teatro aconteciam numa pequena sala de 22 m² que se comunicava com o salão da igreja, cuja capacidade era para 500 espectadores. Com efeito, foi criado um cinema, este instalado numa casa adaptada em uma das ruas mais dinâmicas da vila operária. Os filmes eram projetados em partes, com intervalos semanais, gerando assim grande expectativa aos moradores do lugar para novamente frequentar o cinema na semana seguinte (GUERRA, 2007 p. 148-156). O prédio do cinema (Figura 11 A, B e C), ainda existente no bairro, foi completamente reformado em 2019.

Figura 11 - Cine teatro Bianor Monteiro, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fotos: a autora (2022).

A instituição responsável pela reforma do cine teatro foi a Fundação de Cultura de Camaragibe, deixando os moradores mais antigos ansiosos para lembrar os velhos tempos de outrora, com o retorno das apresentações de peças de teatro e sessões de filmes. Equipamentos como esse fortalecem as relações de vizinhança e trazem ao espaço do vivido a concretude do real materializado nos objetos que auxiliam na formação do espaço. Esse aspecto resulta na correlação do vivido com a dimensão histórica local (CARLOS, 2001).

Outro equipamento responsável por promover, ao longo do tempo, o aumento do fluxo de pessoas e mercadorias, foi a *República dos Solteiros*. Este estabelecimento servia para abrigar os jovens funcionários inuptos que trabalhavam na indústria têxtil e que não podiam residir nas casas da vila, já que essas eram direcionadas apenas aos operários casados. Anexo ao prédio da *República dos Solteiros*, existia uma barbearia que condicionava um padrão de estilo para cabelos e barbas para os indivíduos operários da indústria têxtil. Essa padronização

favorece a análise da projeção do condicionamento do corpo à criação de regras de convivência. Esse estabelecimento representou a forma de moradia coletiva exclusivamente masculina.

Atualmente, esse prédio emblemático na paisagem da Vila da Fábrica, aloja a já mencionada Fundação de Cultura de Camaragibe. A edificação, hoje “refuncionalizada” (Figura 12 A e B), era destinada a moradia dos funcionários da fábrica advindos de outros lugares e que até então não possuíam família. Na planta original, o prédio era composto por seis quartos localizados na parte superior do edifício, alguns estabelecimentos comerciais e um banheiro coletivo concentrados na parte do térreo do prédio.

Figura 12 - República dos Solteiros Séc. XX (A) e Fundação de Cultura Municipal Séc. (XXI), Vila da Fábrica, Camaragibe/PE

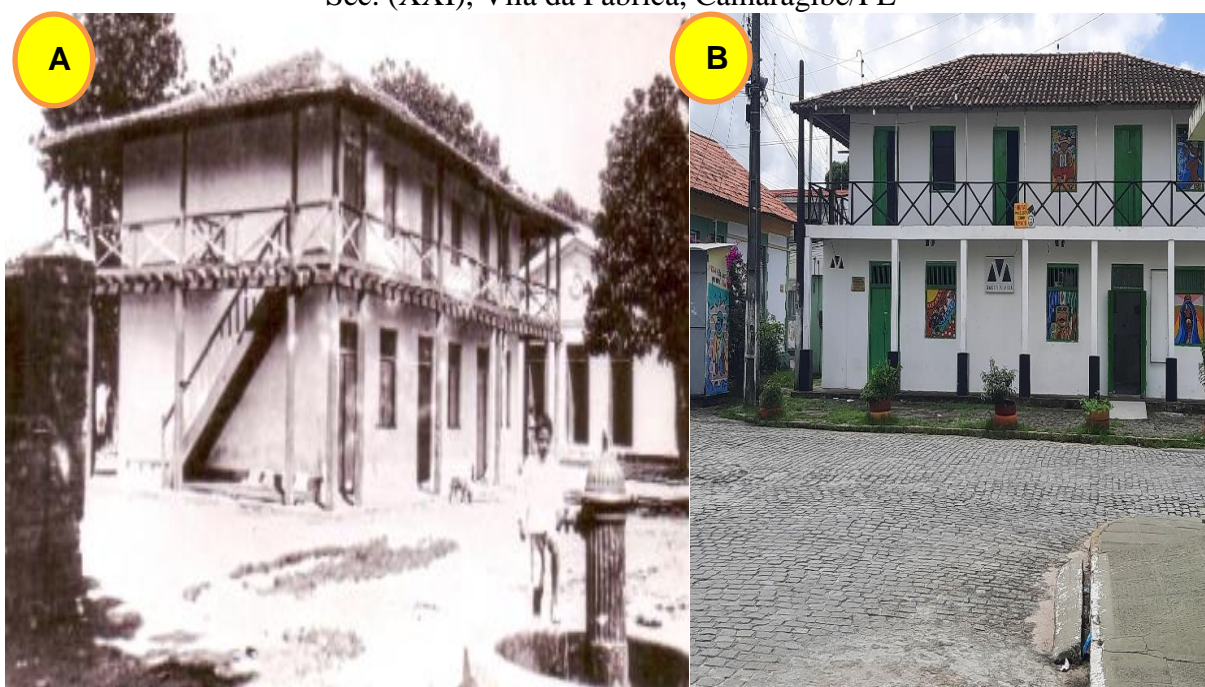


Foto: biblioteca municipal de Camaragibe

Foto: a autora (2022).

Fixada em uma das principais ruas do bairro, o prédio da antiga *República dos solteiros* remete à história da industrialização local, encaixando-se no que Santos (2004) relata quando se refere a duração das formas de objetos históricos quando estes exercem funções que se alteram mediante a uma lógica de uso introduzidos ao espaço. Nas imagens exibidas acima, é possível notar na primeira imagem parte do prédio enquanto moradia dos funcionários solteiros (foto A), assim como sua estrutura preservada até os dias atuais enquanto Fundação de Cultura (Foto B).

Esses equipamentos concretos ainda imprimem uma marca na paisagem do lugar e carregam em si aspectos simbólicos que solidificam o sentimento de pertencimento observados na convivência com os moradores desse espaço. Nesse contexto, e seguindo numa reflexão sobre a categoria lugar, podemos citar Carlos (2001) quando se refere que “O lugar guarda uma dimensão prático-sensível, real e concreta que a análise, aos poucos vai se revelando”. Podemos dizer, no relato demonstrado pela autora, que há entre o conceito do lugar e a dimensão do espaço vivido uma relação estreita e necessária ao seu entendimento por intermédio da análise histórica de cada local.

O sentimento de pertencer chega a estabelecer um vínculo coletivo entre os moradores da Vila da Fábrica e o interesse pela manutenção dos equipamentos contidos no espaço, representando estes a força desse sentimento. Conhecer cada estabelecimento vinculado à história do lugar auxilia na compreensão de como transcorreram as apropriações desse espaço em cada época, sem falar que revela também traços da convivência relacionada à simultaneidade dos tempos ora marcada pelos usos e formas desses equipamentos.

Nesse sentido, falar da Vila da Fábrica sem citar seus clubes esportivos não seria honroso com as pessoas que lá residem quando nos referimos ao clube de futebol de maior representatividade da comunidade, o Guarany. Tomando por base Guerra (2007, p. 160), o primeiro clube de futebol fundado pela CIPER foi na Vila da Fábrica, no ano de 1920, por nome de Guarany Sport Clube (Figura 13 A e B).

Figura 13 - Troféu referente ao centenário do clube Guarany (A) e Sede do Clube Guarany (B), Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Foto: a autora (2022).

Os jogos do Guarany eram eventos frequentados tanto por moradores do bairro como por visitantes de outras localidades. As partidas de futebol aconteciam nas tardes de domingo e empolgavam homens, mulheres e crianças. Por muitos anos, o time jogou no terreno em frente à fábrica, mas, com o patrocínio da indústria têxtil, foi possível construir no bairro um pequeno estádio que facilitou a acomodação das pessoas em dias de jogo.

A direção conservadora do Guarany promoveu um certo descontentamento a um determinado grupo de funcionários da fábrica de tecidos que, reunidos, resolveram formar um outro time para a vila. Esse desagrado fez nascer, em 15 de novembro de 1945, o Penarol Esporte Clube, cuja sede foi instalada também na Vila da Fábrica. A chegada do Penarol estabeleceu uma rivalidade entre as torcidas que, nos dias de jogos, proporcionava ao lugar não apenas um aumento expressivo de torcedores, mas de frequentadores advindos de outras localidades do Recife (GUERRA, 2007).

Com o tempo, os clubes passaram a ser espaços direcionados para eventos sociais e grandes festas, estabelecendo, ao longo dos anos, novas formas de uso desse espaço. As relações com esses equipamentos, tidos como modernos à época, foram ao longo do tempo contribuindo para a atração de novos moradores e, conseqüentemente, para o aumento da expansão habitacional no bairro. Atualmente, esses imóveis constituem outras funções, onde o prédio do Guarany serve para realização de eventos promovidos pela comunidade, como atividades de dança para as mulheres e reuniões comunitárias, enquanto o Penarol tornou-se a biblioteca principal do município.

Na Vila da Fábrica, o estímulo pela prática da leitura surgiu ainda nas primeiras décadas do século XX. Essa realidade marcou e, de certa forma ainda marca, a história do lugar. Não por acaso, a biblioteca municipal instalada no antigo prédio do clube Penarol preservou não apenas o prédio, mas também o nome do time. A biblioteca Penarol promove atividades aos alunos da rede pública e particular do bairro.

Atualmente a biblioteca (Figura 14) estabelece um papel importante para o bairro, uma vez que promove um amplo acesso dos estudantes de escolas públicas e privadas localizadas não apenas na Vila da Fábrica, mas também nos bairros adjacentes. Esse estabelecimento proporciona a execução de eventos relacionados às práticas que envolvem o par ensino-aprendizagem.

Figura 14- Biblioteca Penarol, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Foto: a autora (2022).

Nesse espaço, a execução de oficinas direcionadas aos estudantes acontecem através de exposições de seminários, de práticas de leituras coletivas, de palestras, de reuniões com profissionais da área da educação e de empréstimos de diversos livros, estabelecendo uma dinâmica diária e intensa no lugar.

Muitos dos livros pertencentes à biblioteca advêm de doações dos moradores, não apenas da Vila da Fábrica, mas de outros bairros que compõem o município de Camaragibe. O acesso a biblioteca é efetuado através de um cadastro exigido pelo estabelecimento que possibilita contato com acervo de livros que abordam a história da antiga vila operária, assim como fotografias da fase industrial do bairro. É também na biblioteca que se encontra a última máquina de tear (Figura 15) da antiga indústria têxtil.

Figura 15 - Último exemplar de máquina de fiação da Indústria de Tecidos de Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Foto: a autora (2022).

A peça histórica é exposta para os visitantes da biblioteca com a finalidade de revelar um pouco o que foi a técnica da produção de tecidos quando a fábrica ainda funcionava. Na visão de Milton Santos (2014), enquanto investigador da ontologia do espaço, seria a técnica o eixo que proporciona a transformação do espaço geográfico, além de “empiricizar” o tempo em todas as escalas. Essa mesma técnica, além de conduzir a força produtiva, também configura a relação sujeito-natureza assentando os fluxos e fixos que materializam a vida real.

Nesse contexto, o conjunto de fatores que modificam e redefinem o lugar estariam determinados pelas condições de vida no âmbito social, econômico e ambiental. Em face dessa visão, a técnica passa a viabilizar a formação da vida material no lugar, bem como, as relações sociais ao longo do tempo, constituindo assim o processo histórico local.

Após o encerramento definitivo da fábrica, todo maquinário que ainda existia foi retirado da antiga instalação fabril e, com isso, muito da memória histórica do período industrial também se dissolveu. A única unidade existente é típica de uma época em que o trabalho humano, determinado por um grupo social, resultou da evolução da própria técnica e, conseqüentemente, da reprodução do próprio espaço de vida dos cidadãos habitantes do lugar. Quanto à temática da evolução sob a luz de Santos, temos:

Essa evolução culmina, na fase atual, onde a economia se tornou mundializada, e todas as sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total, de maneira mais ou menos explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos (SANTOS, 2013, p. 6)

De acordo com a narrativa do autor, é possível admitir ser as técnicas um fator indispensável à sobrevivência e evolução humana. Em face dessa visão realizam as técnicas em cada época, a concretude da organização do espaço, e isto independe da escala do lugar em que se materializam. As máquinas, agora sem uso, tornam-se objetos históricos que representam a instrumentalização técnica de um período cujas transformações continuam se “mundializando”, principalmente nas cidades urbanas de todo o globo.

Outra edificação que remonta o período industrial vivido no bairro da Vila da Fábrica, é o antigo prédio do barracão (Figura 16). Esse equipamento aloja, atualmente, uma empresa familiar especializada em confecção de tapetes.

Figura 16 - Prédio do antigo barracão, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Foto: a autora (2019).

De acordo com Lemos (2012, p. 95), o barracão, conhecido também como o armazém da cooperativa, era dividido em seis seções. As duas maiores eram direcionadas para a venda de gêneros alimentícios e miudezas, destinando-se as outras quatro para a padaria e o açougue. Sua gestão era mantida pela Sociedade Cooperativa de Camaragibe, criada nos primeiros anos de funcionamento da fábrica e da vila operária.

Como contribuição para melhor entendimento dessa estrutura, Guerra (2007) explica que todos os funcionários se tornaram membros da Associação e que o quadro de gestão era formado por um Presidente, Vice-presidente, quatro Comissários e, ainda, os Auxiliares. No barracão também existiam os quartos onde dormiam os caixeiros viajantes, profissionais responsáveis pelo abastecimento do estabelecimento comercial. Esses sujeitos comerciantes abasteciam o barracão com mercadorias que eram produzidas em outros lugares do Brasil.

A dinâmica da economia baseada no setor produtivo da indústria espacializa funções e define a extensão do eixo empresarial da metrópole, provocando a instituição de novas centralidades, até então, próprias apenas da capital. Essas novas centralidades, instituídas em áreas mais periféricas, constituem o que Carlos (2017) denomina ser a *metrópole polinucleada*, aquela que confere ao processo de transformação socioespacial uma morfologia enquadrada no reprodutível, com tendências de homogeneização das sociedades.

As mudanças e usos espaciais, apreciados na paisagem urbana, ocorrem geralmente de forma acelerada e violenta. O traçado de alterações de ruas e avenidas, impostas para o escoamento do trânsito mediante a inserção de projetos imobiliários, as alterações nas leis de zoneamento atreladas às mudanças de usos do espaço, assim como a renovação de equipamentos arquitetônicos históricos existentes nos lugares, tornam-se elementos que não mudam apenas o ambiente local, mas também o espaço da vida dos sujeitos.

Nisso, o projeto atual proposto para o bairro da Vila da Fábrica, em Camaragibe, pode iluminar como os fatores de transformação ocorrem no seio da metrópole e como repercutem em determinadas áreas da Região Metropolitana, principalmente aqueles cujo histórico espacial é marcado por singularidades e possibilidades de renovação urbana. Ademais, o processo de reprodução espacial ganha força quando passa a ser influenciado por equipamentos relacionados às atividades de serviços, entretenimento e lazer.

2.3 A reprodução do espaço com a proposta imobiliária atual

A análise da configuração do lugar tende a revelar dimensões que não se enquadram apenas na questão espacial, mas também na questão temporal, ao mesmo tempo que sinaliza processos de contradições relacionados às apropriações do espaço por parte da sociedade. A indissociabilidade do tempo e do espaço ganha relevo quando analisada através da medição do uso desse espaço, estando a forma de medir atrelada aos modos de apropriação.

O processo de uso passa a refletir diretamente na realização da vida humana, admitindo para a contemporaneidade um tempo efêmero, como nos aponta Carlos (2007, p.55) quando aborda que: “Ao analisarmos a metrópole hoje, percebemos que o tempo acelerado degrada o *eterno e o contínuo* impondo-nos a *curta duração*. O sincrônico impõe-se ao diacrônico”.

Essa instantaneidade traz algumas consequências, como a diminuição da memória impressa no espaço através das formas dos objetos nele inseridos. A ação reprodutora contida no espaço urbano acaba por destruir, ao longo do tempo, as condições que gestam a memória coletiva, dando ênfase a um processo de ruptura que não se apresenta de forma gradual, mas brutal. Esse processo perpassa por diluir as referências e os traços de identidade existentes no âmago dos lugares. Essa condição, segundo a autora, denomina o lugar como “espaço amnésico” (CARLOS, 2007).

Em face desses fatores, a Vila da Fábrica, enquanto bairro de prática socioespacial histórica mutante, aponta modos e formas de pensar as transformações dos espaços nas metrópoles. As intervenções urbanas promovidas pelos agentes que detém do poder sobre a cidade, conjugados à explosão das relações sociais provocada pelo aumento expressivo de habitantes, acarretam ao espaço não apenas alterações nas formas e nas funções dos equipamentos existentes no lugar, mas também no cotidiano dos sujeitos que o habitam.

O constante processo de reprodução do espaço urbano nos obriga a refletir sobre a ação do homem enquanto obra continuada. Essas ações não só influenciam para um sentido de valorização da área, como ao mesmo tempo deteriora o antigo uso. As novas apropriações tendem a induzir mudanças de visões e de comportamentos aos sujeitos produtores do espaço, mesmo àqueles que não estão diretamente ligados ao poder de definir tais alterações.

É nessa padronização das visões que a rua passa, por exemplo, a ser encarada apenas como um lugar de passagem; a praça, como um lugar vigiado e cercado; o shopping, como o principal espaço de lazer e compras, entre outros. Sob tal condição, o moldado e modelado espaço do “viver e conviver” condiciona à sujeição dos comportamentos da maior parte dos indivíduos da sociedade que, por ora, torna-se convencionalizada pelos que definem o uso do espaço.

Contudo, as transformações acometidas ao lugar refletem diretamente nas relações de sociabilidade, uma vez que as pessoas tendem a se adaptarem aos ritmos e usos que aquele espaço alterado passa a oferecer. Após séculos tendo na atividade canavieira a sua principal dinâmica, configura-se a Vila da Fábrica como um lugar de moradia fixa, onde as condições

favoráveis de permanência passariam a promover as relações de vizinhança e a vida em comunidade.

Nesse contexto condicionante, o planalto em que a vila operária de Camaragibe foi edificada oferecia segurança quanto ao escoamento das águas da chuva, afastando o risco de enchentes para os primeiros moradores desse espaço. Outrora, as ruas principais possuíam tamanhos ampliados e com um número expressivo de árvores tornavam o lugar um espaço reconhecido pelos habitantes como arborizado. Outro recurso importante para o povoamento gradativo do lugar foi a água disponibilizada através dos chafarizes instalados nas ruas principais. Essa estrutura caracterizava o lugar como ambiente propício ao desenvolvimento e ampliação das relações sociais, visto que pessoas, até mesmo de outros bairros, também frequentavam a vila em busca desse recurso, tendo acesso livre ao uso dos chafarizes.

Segundo Guerra (2007), a água em abundância foi um fator percebido e explorado ainda no início da fundação da fábrica e da vila de operários. Os chafarizes, inicialmente, foram espalhados pelas ruas planejadas da vila operária. Esses equipamentos fizeram a diferença para a democratização do uso da água e, por décadas, serviu não apenas para os moradores do núcleo fabril, mas também para os que moravam nos bairros adjacentes. Os indivíduos se dirigiam à vila só para ter acesso ao líquido vital, o que promovia estilos de convivência. Como forma de registro e ainda de acordo com a autora anteriormente citada, as ruas onde os chafarizes foram instalados:

- Rua Severino Santos;
- Av. Carlos Alberto de Menezes;
- Rua Pierre Collier;
- Av. Com. Moniz Machado;
- Rua Luiz Carlos Araújo;
- Rua transversal a Com. Moniz Machado;
- Beco do Frutapão;
- Dentro da área da fábrica de tecidos;

Atualmente, essas ruas e avenidas citadas tornaram-se também corredores de passagem para o tráfego de veículos, o que ocasionou na retirada de todos os chafarizes do local. Logo, o processo de urbanização acontece de forma contínua provocando mudanças nas formas e nas funções das estruturas mais antigas da Vila da Fábrica, em Camaragibe.

Essas transformações, em cada fase, acabaram por definir e graduar as relações sociais dos sujeitos que habitavam e de seus descendentes que, em parte, ainda habitam esse espaço. De acordo com Santos (2011, p. 282), trata-se de períodos em que a dinâmica de desenvolvimento altera-se de um “*espaço doméstico*” para um “*espaço de mercado*”, imbricando relações e provocando, ao longo de fases, mutações comportamentais e relacionais entre os indivíduos e, conseqüentemente, entre eles e o espaço de convívio, até então modificado. Pertinente a essas alterações, discorre o autor:

A dinâmica de desenvolvimento do espaço doméstico é, de entre as orientações emocionalmente investidas, uma das mais centrais na sociedade. A reprodução das relações entre sexos e entre gerações processa-se pela concentração da energia emocional (maximização do afecto) em ideias e estereótipos de vida familiar e de relações familiares de que se alimenta o poder patriarcal. [...] No espaço do mercado, a incomensurabilidade entre as necessidades e os meios de satisfação é eliminada através da mercadorização potencialmente infinita de ambos, ainda que sempre regulada pela redução da procura à procura solvente.

Considerar a Vila da Fábrica como um espaço do mercado é reconhecer, no momento atual, a inserção da proposta imobiliária do complexo Reserva Camará. Assim, apreender alguns elementos passíveis de reflexões institui um panorama de análises sobre as alterações que ocorrem atualmente no lugar. O espaço doméstico e de produção, transformado em espaço de mercado, torna-se um ambiente propício à “esteticização” do consumo e dos consumidores, práticas que visam maximizar o investimento do empreendimento.

As relações entre as formas de poder e as formas estruturais influenciam na ampliação da desigualdade espacial, uma vez que aqueles agentes que detém do poder e da força do capital se sobressaem aos processos de decisão. É comum ouvirmos dos moradores do bairro a importância de registrar todas as fases históricas que o lugar atravessou e que, por isso, o uso do terreno da antiga indústria fabril deveria ser compartilhado entre eles. Essa necessidade de dar visibilidade à história da Vila da Fábrica é destacada tanto entre os indivíduos mais idosos como entre os mais jovens.

As empresas que formam o consórcio do projeto contemplam a construção de um museu na área onde serão edificadas 18 torres que, juntas, terão cerca de 2.500 unidades habitacionais, com tamanhos entre 40 e 80 m². Segundo site oficial do empreendimento, as torres e demais equipamentos que compõem o Complexo Reserva Camará serão construídos em uma área verde de 26 hectares. É possível observar a área comentada na imagem a seguir (Figura 17).

Figura 17 - Área destinada ao Complexo Reserva Camará, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: imagem gerada por drone (2021)

A construção desse projeto, em Camaragibe, acontece de forma tardia perante ao que já ocorreu na capital pernambucana, bem como na área sul, com a construção do Complexo Imobiliário do Paiva e na área norte com os empreendimentos imobiliários já instalados em Paulista. A densidade demográfica nas metrópoles aparece como um dos fatores que contribui e influencia no direcionamento de investimentos imobiliários como esses, planejados em áreas tidas como periféricas.

Em se tratando da lógica da escolha dos lugares por parte dos representantes do sistema imobiliário local, outro fator preponderante para a inserção desse empreendimento no bairro foi a repercussão da elaboração de políticas públicas dos governos progressistas nos primeiros anos do século XXI. As formas criadas para enfrentar as desigualdades sociais adotadas pela gestão da época nortearam programas como os de renda mínima, tarifas sociais mais adequadas para acesso a serviços públicos, sistema de cotas para pessoas de famílias com situação de vida mais vulnerável e investimentos na qualificação profissional de grupos sociais mais empobrecidos.

Essas ações repercutiram para um cenário propício ao avanço do capital, sendo este, e na ocasião, representado pelos sujeitos do sistema imobiliário, cuja classe é detentora de poder para definir e decidir sobre a reprodução do espaço.

Para a comunidade local, materializar a história do lugar, através da construção de um museu, assim como revitalizar o prédio da antiga indústria têxtil, são ações e pontos importantes a serem considerados nessa reprodução. Esse sentimento de preservação e de visibilidade da história da antiga vila operária induzem à sociabilidade, atribuições, significados e vivências marcadas nas relações existentes entre os sujeitos habitantes do local.

Nesse sentido, cabe sublinhar que os monumentos históricos presentes no bairro ressoam nos vínculos e laços afetivos presentes na convivência cotidiana dos sujeitos habitantes da Vila da Fábrica. Logo, tal condição pode motivar, ainda, resistências à determinadas alterações espaciais, já que os novos equipamentos e as atuais formas de uso e apropriação do espaço podem ameaçar a permanência de alguns objetos ligados, vigorosamente, à memória coletiva do lugar.

2.4 A vila operária e seu processo de “valorização”

Se concordarmos com Eric Dardel (2015) que o espaço construído, representado pela cidade moderna, é o local “onde o homem é moldado em sua conduta, em seus hábitos, em seus costumes, em suas ideias e em seus sentimentos” devemos aceitar que esses espaços, para o homem, diferem em qualidade e significado. Contudo, a ordem do capital, além de se expandir de forma ímpar, atinge uma velocidade de transformação espacial nunca vista antes, o que implica em continuidades e rupturas de padrões criados e renovados a cada momento.

Compreender os momentos específicos de uma época exige esclarecer o quanto as permanências se preenchem de particularidades no decorrer do tempo, bem como, tornam-se singulares. De acordo com Moraes (2011), é nas diferenças que encontramos mecanismos para definir nossa particularidade sócio histórica e geopolítica, mas, como continua o autor, “é necessário estar atento, pois a dinâmica capitalista manifesta-se de forma diferente nas bordas e nas margens de seu espaço econômico central”.

A noção de universalidade das práticas sociais anima os juízos e as percepções entre os sujeitos que, por vez, estabelecem as relações com o espaço provocando a criação, a combinação, a destruição, a interconexão e, ainda, a renovação das diferenças que existem nos

lugares. É no panorama da reflexão contemporânea e sob a teoria da globalização que os lugares se unificam tornando o mundo unitário.

Contudo, é na investigação de identidades e de processos culturais centrados no indivíduo e em seus grupos sociais que se possibilita questionar as relações, estando elas amparadas por visões distintas em toda sociedade, o que muitas vezes promove conflitos entre gerações.

Nesse contexto, o debate sobre a reprodução do espaço gira em torno de preocupações que, quase sempre, provocam conflitos e tensões entre os agentes produtores do solo urbano. O questionamento que se projeta é: como equacionar a vida urbana sem um ordenamento espacial e sem um planejamento que possa envolver a todos numa articulação funcional coletiva?

Aspectos relacionados à exclusão social, a pobreza e a insegurança são recorrentes e evidentes nos processos que marcam as renovações dos lugares. Nesse caso, torna-se a articulação e a interação termos-chaves para atenuar a fragmentação gerada predominantemente pelas diferenças que se tornam evidentes nos contrastes impressos na paisagem local. As formas de moradia podem sinalizar os múltiplos arranjos sociais, no que se refere à desigualdade e vulnerabilidade.

Problemas relacionados à insuficiência de transporte público, ao risco de vida por deslizamentos de terras sobre as casas construídas nas encostas dos morros, à preservação do meio ambiente, à inexistência de equipamentos públicos de lazer, entre outros, exigem ações que muitas vezes não acompanham as reformas urbanas impostas e propostas por aqueles que correspondem a classe dominante. Referindo-se ao contexto relacionado a esse trabalho de pesquisa, enquadram-se no segmento da classe hegemônica o sistema imobiliário representado pelas incorporadoras, construtoras e corretoras que, predominantemente, estão vinculadas às parcerias estabelecidas com o Estado.

Essa correlação de forças presente na sociedade limita ou até impede a criação de pressupostos voltados ao desenvolvimento de uma Reforma Urbana mais democrática, ainda muito distante de um nível de consciência dos setores responsáveis. No dizer de Maricato (1997):

A realidade das cidades brasileiras revela que sem planejamento habitacional o planejamento urbano e as políticas urbanas de meio ambiente se tornam inócuas, tal a gravidade e a dimensão da ocupação do solo pela habitação informal predatória e de má qualidade.

As parcerias estabelecidas pelas esferas público-privadas, cujo mercado imobiliário detém de expressiva participação, carregam a ideia do uso do espaço enquanto fonte de acumulação e lucro. Essa tendência, associada geralmente às políticas urbanas, introduz ao espaço mercantilizado padrões e estilos de vida que abalam a coerência estrutural do lugar. A reprodução espacial cria processos de controle e domínio que não consideram e, muitas vezes, não atendem à realidade das cidades e dos cidadãos que nelas habitam.

Uma vez consolidados, os empreendimentos são implantados no espaço, impactando diretamente nos processos relacionados à valorização do lugar. Os reflexos dessas dinâmicas passam a reger o cotidiano local, assim como as relações existentes no espaço. Logo, contextualizar os fatores que contribuem para essa consolidação é importante para entender sua evolução e um pouco de sua dimensão e consequências.

O avanço tecnológico dos transportes e a descentralização voltada à implantação de centros comerciais nos subúrbios provocaram a expansão de atividades produtivas e de serviços nas áreas periféricas das grandes metrópoles. Esse tipo de estabelecimento, com grandes concentrações de loja, serviu de modelo para a criação dos *shopping Centers*, primeiramente na Europa e nos Estados Unidos, consolidando-se posteriormente em vários lugares do mundo, ainda nas primeiras décadas do século XX.

De acordo com Hissa (2017), as galerias comerciais europeias, assim como o *grand magazin*, eram os principais exemplos das inovações implantadas pelo setor varejista do século XIX. O *grand magazin* teve sua origem na França e se diferenciava das galerias comerciais por se tratar de um ambiente fechado com lojas inseridas em departamentos. Ainda, segundo a autora, nessas lojas, a figura do proprietário não era mais necessária, uma vez que o preço era destacado na mercadoria fazendo com que o cliente, após sua escolha, se dirigisse ao vendedor apenas para concretizar sua compra pagando pelo produto selecionado.

É possível notar que o shopping evolui como produto imobiliário associado à política urbana transformadora do espaço e “mercantilizadora” do lugar, já que induz o planejamento urbano e catalisa o setor imobiliário como propulsor desses empreendimentos. É sob essa ótica que os centros de compras na contemporaneidade, além de serem produto imobiliário, transforma-se em um produto de consumo que reúne como âncora os processos do entretenimento e lazer.

Diante disso, o planejamento urbano atual de Camaragibe é configurado no Plano Diretor do município, por três Zonas de Qualificação, onde o bairro da Vila da Fábrica encontra-

se enquadrado na Zona de Requalificação Urbana (ZRU), conforme a transcrição do artigo 28 do documento:

Art. 28 – A Zona de Requalificação Urbana – ZRU – compreende o Centro Histórico-Cultural do Município, e seu entorno, correspondendo aos bairros da Vila da Fábrica, Alto da Boa Vista, São Paulo e Aldeia de Baixo, apresentando características de degradação e risco de perda deste patrimônio e tem como diretrizes:

I. a conservação integrada do patrimônio histórico-cultural incluindo ações específicas de proteção e preservação que compatibilize uso e manutenção do acervo do patrimônio cultural municipal;

II. o aproveitamento econômico sustentável do patrimônio cultural;

III. a integração das ações públicas e privadas destinadas à proteção do patrimônio cultural existente;

IV. a sensibilização da comunidade local, dos proprietários e possuidores de bens de valor cultural, sobre a importância da conservação da identidade local para o desenvolvimento sustentável do município.

V. a integração entre a educação pública municipal e as iniciativas de proteção ao patrimônio cultural;

VI. a reurbanização dos bairros de entorno da Vila da Fábrica;

Conforme explicitado no Plano Diretor, fica evidente que o documento já propõe ações de conservação do patrimônio histórico-cultural, ainda que apresente contrastes de desenvolvimentos expressos nas formas de uso e ocupação desse espaço. Segundo o documento, é possível observar a projeção de investimentos para o bairro da Vila da Fábrica, cujas partes estão distribuídas da seguinte maneira: a porção Sul concentra a maior densidade de equipamentos médico-hospitalares, educacionais, comerciais e grande parte de estabelecimentos industriais do município, além de equipamentos públicos direcionados para o atendimento coletivo.

Já a porção Norte, caracteriza-se por frações de espaços marcados pela elitização do lugar, uma vez que nesta porção está inserido o bairro de Aldeia, conhecido por compreender o Complexo Agroecoturístico da região, cujas atividades agropecuárias e turísticas de eventos são ainda marcantes. A região de Aldeia é o ponto mais alto de Camaragibe, sendo um local que atrai grande movimento de veículos nos finais de semana devido a busca pelo clima

agradável característico do lugar. Faz-se necessário frisar que Aldeia ainda possui uma expressiva expansão de condomínios horizontais de luxo e que estão atrelados a um padrão de classe social alta.

No decorrer dos últimos anos, relatos de moradores mais jovens do bairro de Aldeia deixa claro que, para um grupo de moradores, o deslocamento diário se referindo a rota residência X trabalho é muito desgastante, principalmente quando esse último fica localizado mais próximo do centro metropolitano, não sendo viável a logística que se sujeitam diariamente para cumprir seus compromissos.

Nesse sentido, é mirando esse contingente de pessoas residentes no entorno do bairro da Vila da Fábrica que as empresas responsáveis pelo projeto do complexo imobiliário Reserva Camará tornar-se-á, na etapa da proposta habitacional, um produto atrativo, já que o equipamento vislumbra encurtar o percurso de deslocamento diário de quem se dirige à cidade do Recife. Os indivíduos interessados pelo novo local de moradia ainda teriam, no seu pacote de oferta, atrativos como: o shopping, o ginásio e o museu, somados ainda à uma proposta de edifício exclusivo para salas empresariais (Figura 18).

Figura 18 - Ilustração do Complexo Imobiliário Reserva Camará, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/imoveis/noticia/2014/09/04/reserva-camara-comecara-vendas-em-2015-143969.php> acesso dia 21.08.2021.

O projeto contempla, além das 18 torres residenciais, uma torre empresarial destinada a escritórios, que no total somarão 12.000 m², girando o investimento total em torno de um bilhão de reais. A estimativa para a conclusão total do empreendimento é para mais 8 anos, a contar do término da primeira etapa, que é a implantação total do Camará Shopping. Esse projeto concretizado encerrará toda uma fase industrial, que durou mais de cem anos, além de substituir equipamentos e dinâmicas características da fase de produção têxtil ocorrida no bairro.

De acordo com Lemos (2012, p. 187), uma pesquisa efetuada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e pequenas Empresas (SEBRAE), no ano de 1996, já apontava uma crescente tendência quanto à transformação da base econômica nos lugares desindustrializados, passando este de industrial para um ambiente predominantemente de comércio e serviços. Pode-se dizer que tal fato materializa um forte crescimento urbano que demarca, por consequência, um segundo ciclo de expansão urbana em Camaragibe enquanto cidade da Região Metropolitana do Recife, transferindo o lugar de um quadro de cidade industrial para um quadro de cidade de investimento totalmente financeiro e de consumo.

3 CAMARAGIBE E SUA INSERÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

O processo de industrialização, no Brasil, ocorrido de forma tardia em relação aos países da Europa, acentua-se após a Revolução Industrial, passando a promover, na época, a expansão demográfica das cidades, principalmente àquelas marcadas pelas dinâmicas cotidianas atreladas à indústria. Assim e, em decorrência desse cenário, um amplo movimento de construção de moradias necessárias para abrigar a população migrante, principalmente aquelas advindas do campo para trabalhar nessas empresas, foi algo inevitavelmente real. Essa situação viabilizou iniciativas para construção de vilas operárias e, com isto, uma maior necessidade de controle da vida social dos funcionários, o que provocou a sedimentação das relações de paternalismo nesses lugares.

Em Pernambuco, a indústria têxtil foi introduzida ainda na segunda metade do século XIX, quando a Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco inaugurou a primeira fábrica instalada na Madalena, tendo como produto principal a confecção de sacos para armazenagem de açúcar. Outro exemplo possível de ser citado como indústria pernambucana têxtil, foi a fábrica da Cia. Paulista de Tecidos, inaugurada também na última década do corrente século. Esta empresa, pouco tempo depois do início da produção, inaugurou uma filial na Paraíba e se tornou, com a expansão, uma das maiores indústrias têxteis do país (COLLIER, 1996).

É no âmbito desse panorama que, em 1891, inicia-se a construção da Indústria de Tecidos de Camaragibe. A produção dessa fábrica não era concentrada nos tecidos mais grossos e nas sacarias, como nas demais empresas locais. A visão aguda de Carlos Alberto de Menezes organizou toda a estrutura da fábrica de Camaragibe para a produção de um tipo mais fino de tecidos. Segundo o autor supracitado, em relato à CIPER, Menezes expôs as ideias mestras do seu plano:

Projetamos a fábrica para 400 teares, adicionando-lhe, porém, uma seção completa de tinturaria, branqueamento e preparação de tecidos. Tivemos, com isso, a ideia de habilitar nossa fábrica a libertar-se da produção exclusiva de tecidos crus por dois motivos: primeiro porque estamos convencidos que dentro de alguns anos, a produção de tais tecidos será superabundante no país. Segundo, no Sul da República, grande número de fábricas já funciona para tal produção... (COLLIER, 1996).

Além de inovar com a produção de novos tecidos, Carlos Alberto também promoveu a difusão de noções de higiene e salubridade das casas da vila operária, coisas que, dentro de uma lógica orientada para fixação dos funcionários, deveriam ser pensadas e idealizadas nos projetos emergentes das moradias fabris. Essa realidade de transformação espacial em áreas industrializadas marcaram as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, o que é possível constatar em Tomás (2012), quando se refere às diversas formas de alojamento operário nas localidades próximas a Lisboa, capital de Portugal.

O projeto de criação de vilas operárias como a Vila da Fábrica, em Camaragibe, também foi realidade em locais tidos como isolados, localizados quase sempre no entorno das metrópoles e aparelhados com recursos naturais essenciais para instalação e fixação das pessoas no lugar.

Como podemos notar, há um reflexo escalar na forma como a iniciativa direcionada à construção habitacional coletiva fabril se desenhou, não só no Brasil como também em outras localidades do mundo, principalmente nos espaços cujas indústrias foram instaladas. Lugares enquadrados nessas antigas experiências tornam-se locais de potenciais possibilidades para uma modelagem contemporânea, caracterizada pela expansão do capitalismo e seus padrões inerentes, refletindo não só no modo de vida das pessoas, como também, nas relações sociais versadas por elas.

É nesse processo pluriescalar que visualizamos o quanto o sistema capitalista se constituiu num jogo de mediações e normas, estabelecendo mecanismos, criando estruturas para dominação e ocasionando, com sua institucionalização, não só a expansão espacial, como principalmente a valorização capitalista de cada espaço.

Cabe ressaltar que, numa escala planetária, a economia-mundo da época capitalista industrial, atrelada ao sistema de produção de lugares específicos, criaram um quadro variado de situações e consequências, sendo essas vividas pelas sociedades desse período, em que as articulações estabelecidas entre centro-periferia formaram um mosaico de situações e fluxos que foram vitais para a reprodução e ampliação do sistema.

De acordo com Cano (1981, p.74), nas primeiras décadas do século XX, para o cenário brasileiro, o sistema capitalista, caracterizado pelo padrão de acumulação ancorado na industrialização, exigia a integração do mercado nacional, que era comprometida pelas enormes distâncias do território e pela insuficiência de transporte, o que, conseqüentemente, culminou na construção e modernização da malha rodoviária.

Logo, essa ampliação das rodovias interligou as regiões Norte, Centro Oeste e Nordeste ao restante do país, promovendo um movimento de intercâmbio entre a periferia nacional e o grande centro do capital brasileiro. Assim, fazendo com que essas regiões não só aumentassem as compras com a cidade de São Paulo, como também, passassem a vender mais a ela.

Os arranjos sociais gerados a partir dessa dinâmica promoveram novas repercussões nas configurações das relações de produção, acentuando conflitos entre os agentes produtivos e a cadeia industrial até então existente no Brasil. Em Pernambuco não foi diferente, movimentos com protestos promovidos pelos trabalhadores e sindicatos demandaram melhores condições de trabalho e salários. Esse período também ficou marcado pelo forte esquema de concorrência entre as indústrias, resultando num abalo nas bases de produção das empresas localizadas em Pernambuco, ainda que isso tenha se dado de forma diferenciada entre os lugares (LOPES, 1988).

Mesmo com a inovadora criação da Corporação Sindical e as Cooperativas de Camaragibe, ainda nos primeiros anos do funcionamento da fábrica têxtil, a indústria inserida nesse município não se livrou de sentir os abalos e as repercussões desses fatos, o que culminou na venda da empresa ao grupo estrangeiro Brasperola, na década de 1980. Após esse período, as crises sequenciais, fossem elas econômicas, políticas ou sociais, desencadearam momentos de dificuldades que resultaram, em 2004, no total encerramento da produção de tecidos da fábrica de Camaragibe.

3.1 Camaragibe: dados demográficos e econômicos;

Integrando a RMR, Camaragibe se encontra a uma distância de 16 km da capital pernambucana, fazendo fronteira com ela e com o município de São Lourenço da Mata, no sentido Sul, limitando-se à Norte com as cidades de Abreu e Lima e Paulista, à Oeste, com Paudalho, e a Leste com Recife. Com relação à área total, o município possui uma área territorial de 51.321 km² e uma densidade demográfica de 2.818,46 hab/km², conforme o Censo de 2010. Hoje, no ranking dos 16 municípios que compõem a Região Metropolitana do Recife, Camaragibe encontra-se na 6ª posição quando o assunto é o contingente total de pessoas existente no lugar.

De acordo com os dados divulgados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a estimativa para o contingente populacional de Camaragibe é de, aproximadamente, 158.899 pessoas residentes no município. Esse número expressa um

aumento em torno de 10% na quantidade de habitantes num intervalo médio de 10 anos, já que o último Censo, datado de 2010, quantificou, oficialmente, um número de 144.466 residentes na cidade. Segundo ainda dados do Instituto, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita no município é de R\$ 11.807,42, sendo esse registro referente a 2018.

Ainda, de acordo com o site, o salário médio mensal dos trabalhadores formais gira em torno de 1,8 salários mínimos, o que deixa o município na 13ª colocação do ranking da RMR. Outro dado importante é o seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) que, também no último Censo do IBGE, foi registrado em 0,692, o que classifica Camaragibe num resultado médio, indicando, assim, uma melhora evolutiva decorrente, principalmente, da implantação de políticas sociais implementadas pelo governo federal entre os anos de 2003 e 2011. Na tabela 1 é possível observar os números que representam o índice dos municípios selecionados, estando eles enquadrados, nas últimas décadas, nos que tiveram mais transformações espaciais com relação a investimentos imobiliários ocorridos na RMR.

Tabela 1 - IDH - Municípios da RMR

| Ano | Recife | Camaragibe | Cabo de Santo Agostinho | Paulista |
|------------|---------------|-------------------|--------------------------------|-----------------|
| 1991 | 0,576 | 0,468 | 0,427 | 0,554 |
| 2000 | 0,660 | 0,582 | 0,547 | 0,648 |
| 2010 | 0,772 | 0,692 | 0,686 | 0,732 |

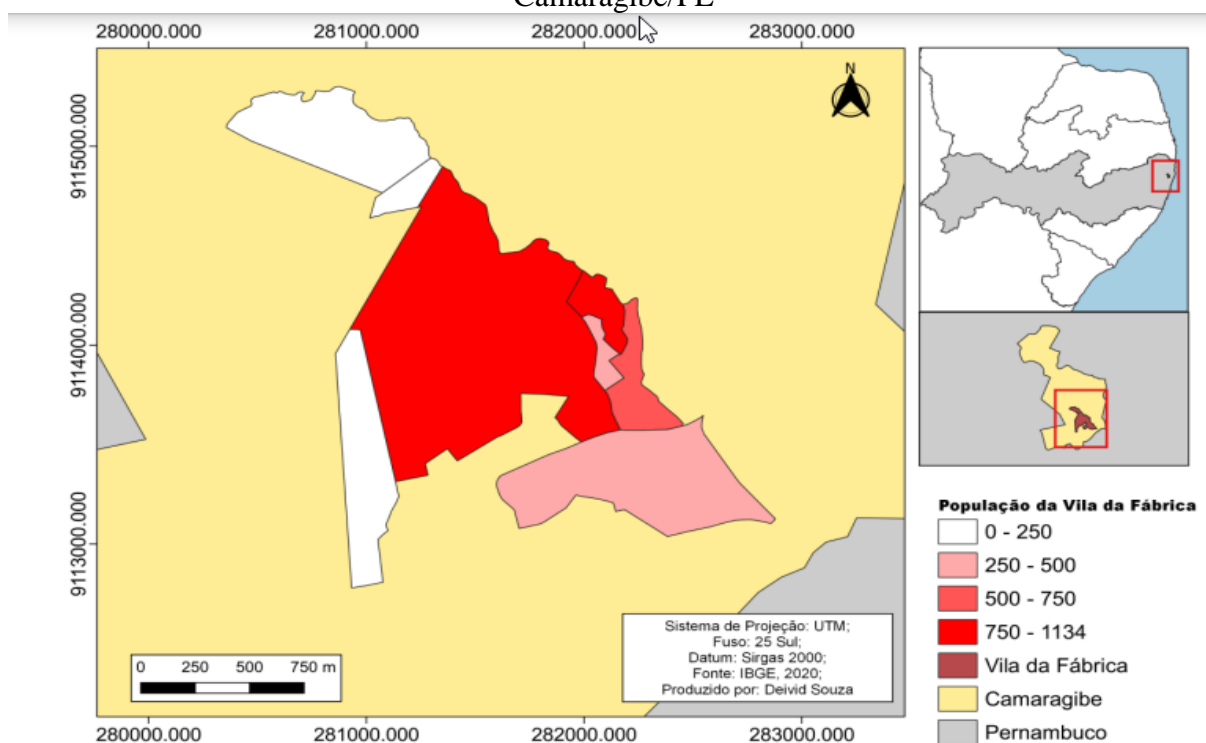
Fonte: IBGE disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> Acesso em: julho/2022

Esses índices exibem a expectativa de melhoria de vida da população dessas áreas tidas como periféricas, após inserção de políticas sociais elaboradas por governos progressistas ainda nas primeiras décadas do ano 2000. Essa realidade serviu como um dos pilares para ampliar o aumento de retornos financeiros para os investidores imobiliários. Assim, a extração de renda passou a ser um dos pontos mais relevantes para tomadas de decisão quando se trata de alteração e valorização do espaço urbano, sendo o IDHM um fator preponderante para a concretização de tais iniciativas. O índice é composto por três componentes que avaliam a longevidade, o nível de educação e o nível de renda da população do município.

Conforme os dados registrados no Censo de 2010 do IBGE, o bairro da Vila da Fábrica possui 3.847 habitantes, sendo este contingente considerado significativo no que se refere a necessidade de elaboração de políticas públicas que visem uma melhor infraestrutura urbana.

Com isto, torna-se fundamental a compreensão da configuração espacial da distribuição da população absoluta do bairro (Figura 19-Mapa distribuição da população absoluta), aspecto elementar para execução de ações na governança do município como um todo.

Figura 19 - Mapa 2 - Distribuição da população absoluta do bairro da Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: Souza (2022)

Conforme o mapa elaborado através dos dados dos setores censitários do IBGE, é possível observar que a acentuada concentração de pessoas se dá na parte central do bairro, coincidindo com a área que sofreu ocupação habitacional espontânea irregular. Esta área, atualmente, apresenta maior vulnerabilidade ambiental, já que se trata de área montanhosa e de risco, mediante a deslizamentos que podem ocorrer em épocas de chuvas. Nesses espaços as casas são predominantemente construídas nas encostas e nos fundos de vale.

Durante o século XX, um dos fatores que contribuíram para o aumento da ocupação do território periférico de Camaragibe era a esperança de trabalho no setor industrial somado à oferta de moradia na vila operária e, posteriormente, as possibilidades de compra de terrenos, cujos preços eram tidos como mais acessíveis. Esse conjunto de elementos era suficiente para

mobilizar trabalhadores de diversas regiões de Pernambuco, e até de outros cantos do Brasil, a buscarem possibilidades por maior qualidade de vida.

Vale reforçar que, nas primeiras décadas do século XXI, as políticas públicas adotadas estabeleceram um modelo de gestão que marcou um período de oportunidades e inclusão social em todo o país, debruçando-se sobre a mitigação das desigualdades econômicas, raciais, de gênero, etc. Nesse contexto, os programas vinculados à melhoria de vida da sociedade resultaram no avanço dos índices classificados como positivos para o desenvolvimento, principalmente para a população periférica dos grandes centros urbanos brasileiros.

É nesse cenário de avanços, mais precisamente em 2007, que Camaragibe estabeleceu diretrizes para a implantação do seu Plano Diretor, cujos fundamentos se pautam nos:

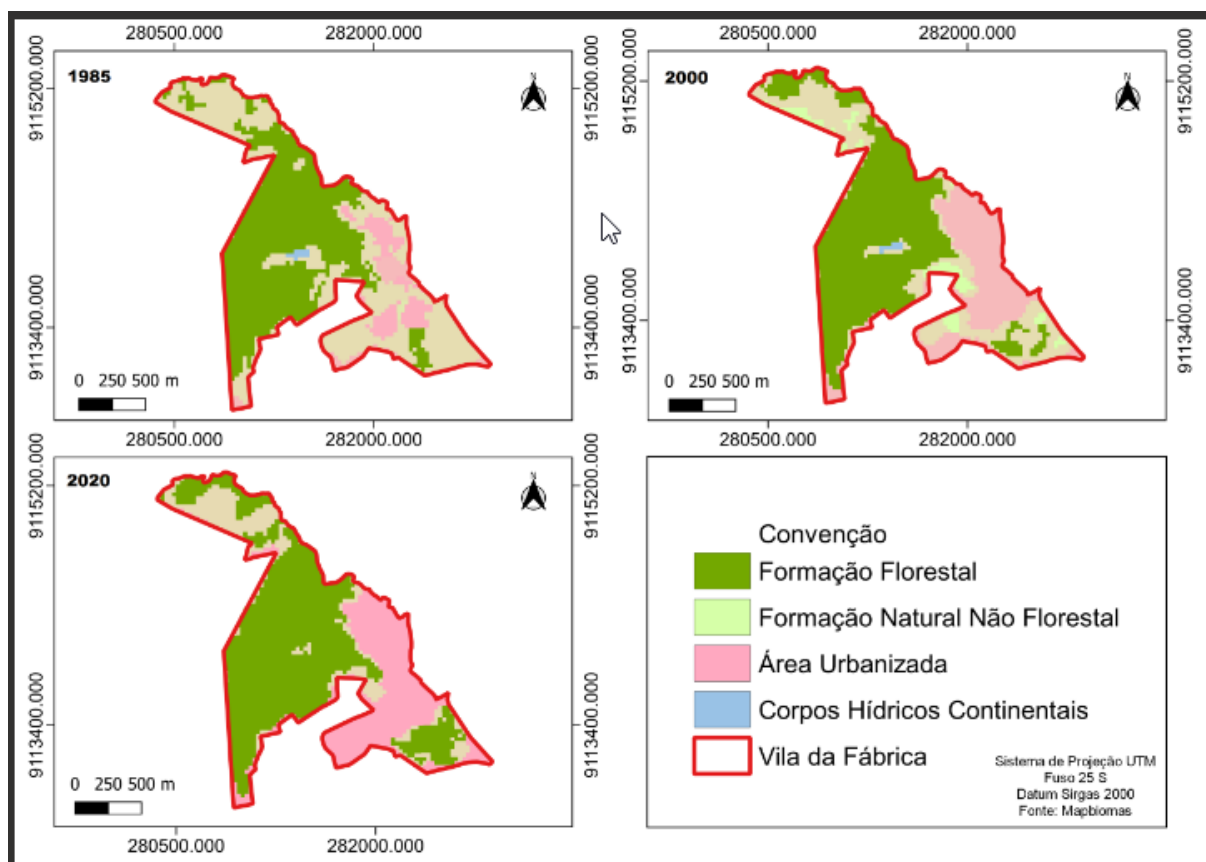
Art. 2º – A atuação da administração pública e da iniciativa privada deverá ser realizada através do Plano Diretor, de forma a assegurar o pleno desenvolvimento ordenado das funções sociais da cidade e da propriedade, a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar da população, segundo os princípios da democracia participativa e representativa e da justiça social.

Art. 3º – O Plano Diretor estabelece ações concernentes à estruturação do espaço urbano, de acordo com as diretrizes da Lei Orgânica do Município de Camaragibe e demais leis incidentes existentes no município, visando o desenvolvimento sustentável das Regiões Político, Administrativas e dos bairros componentes.

Em comunhão com o Plano Diretor, que visa o desenvolvimento sustentável dos bairros, encontra-se o bairro da Vila da Fábrica, área enquadrada como Zona de Requalificação Urbana, que no momento atual compreende o Centro histórico-cultural do município. Nesse contexto, valorizar o patrimônio histórico do bairro, como está estabelecido no Plano Diretor, é fundamental para não só manter o bem-estar dos moradores do lugar, como também, para evitar a degradação do meio ambiente.

De acordo com Rafael (2011), os remanescentes da Mata Atlântica encontrados em Camaragibe são também características comuns em outras cidades da costa brasileira, já que resquícios desse bioma podem ser facilmente detectados. Esses residuais são responsáveis pelo rótulo que o município Camaragibense recebe de ser uma cidade acentuadamente arejada. Nesse sentido, é possível observar na imagem cartográfica (Figura 20-Mapa de evolução do uso da terra) como a vegetação do bairro da Vila da Fábrica se comportou ao longo das últimas quatro décadas quanto à presença da vegetação nativa.

Figura 20 – Mapa 3 - Evolução do uso da terra, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: Souza (2022)

Os mapas elaborados através das imagens fornecidas pelo Mapbiomas exibem nos períodos observados que, nas décadas finais do funcionamento da fábrica, a área em que se concentrava o prédio da indústria (sentido Sudeste da figura) tinha pouca cobertura vegetal. Com o encerramento da produção têxtil, no ano de 2004, é visível o início de um maior crescimento dessa vegetação, cobrindo quase toda a área onde se encontram, atualmente, as ruínas da fábrica. Nos últimos anos, é possível notar praticamente o preenchimento total da área, sendo esse espaço o celeiro principal da reserva imobiliária proposta para o bairro.

Outro aspecto importante notado nas imagens é a expressiva redução das águas do açude da Mata, que passou, no ano de 2018, com a inauguração do Camará Shopping, a ser utilizado e gerido pela administração do centro de compras. Vale ressaltar que o crescente número de usuários tende a provocar, de forma gradativa, o aumento considerável do consumo de água para o uso das descargas sanitárias e para o funcionamento do sistema de arrefecimento do shopping.

A necessidade de um plano de preservação para área verde ainda presente no espaço do antigo prédio industrial é assunto contestado pelos moradores do lugar em algumas respostas

do questionário da pesquisa. Atualmente, a área citada possui 26 hectares de vegetação natural, contemplando uma extensa área verde heterogênea e rica em diversidade de espécies.

O rótulo de bairro arejado faz da Vila da Fábrica, desde sua origem, um lugar diferenciado quanto a esse aspecto. Embasado nessa definição, é possível observar no relato da Comissão do Congresso Médico de Pernambuco, os seguintes aspectos:

A Vila operária foi construída a pequena distância da fábrica a 13 metros acima do nível da esplanada da mesma. O local elevado, em ótimas condições higiênicas, bem ventilado e favorecendo o escoamento rápido das águas torna a vila seca e saudável, descortinando ao mesmo tempo um belo panorama. Uma arborização regular e geral muito tem concorrido para embelezamento e salubridade da mesma Vila (AGUIAR; LIMA, 2012 p. 165).

A visita dos representantes da instituição foi efetuada ainda nos primeiros anos do século XX e, conforme os autores anteriormente referenciados, esta Comissão ainda registrou, na época, uma população média de 1500 pessoas morando na vila operária de Camaragibe. O resultado desta inspeção concedeu ao local um parecer positivo quanto à higiene e salubridade ali constatadas, principalmente diante do contingente de pessoas e dos tipos de moradia que na vila existia.

A ocupação gradativa, principalmente da parte central do município, se deu em áreas cujo relevo é bastante acidentado, o que levou a região a passar por um processo de ocupação espontânea com riscos de deslizamentos todos os anos no decorrer do inverno. As condições enfrentadas em período de chuvas são as mais angustiantes para a população, devido aos riscos de movimento de massas nas barreiras e até de enchentes nas áreas mais baixas. Boa parte do bairro da Vila da Fábrica está inserida nessa realidade.

Mediante a essa realidade, no ano de 1990 fortes chuvas ocasionaram no rompimento de parte do paredão da barragem do Açude da Mata, provocando deslizamentos e destruição nas áreas mais baixas do bairro. Esse episódio trouxe momentos de aflição e profunda tristeza para a comunidade, já que muitos perderam familiares tendo suas casas arrastadas pela força da correnteza. Diversos moradores lembram do dia da catástrofe e dos danos irreparáveis com a perda de seus parentes. O trágico cenário está, até hoje, marcado na memória dos moradores que não esquecem o acidente provocado pela enxurrada.

As consequências dessa tragédia foram relatadas em diversos meios de comunicação e embora tal fato tenha sido presenciado por parte da população, algumas pessoas ainda residem

em áreas de encostas ou nos fundos de vale existentes no bairro e no seu entorno. Atualmente, as pessoas que moram nas habitações desses espaços vivem sob risco de vida em períodos de chuvas intensas. Na imagem abaixo (Figura 21) é possível notar como ficaram as casas localizadas nessas áreas com as chuvas recorrentes do último mês de junho do ano em curso.

Figura 21 - Enchente 2022, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Foto: a autora (2022).

O volume d'água atinge predominantemente uma área de concentração de casas localizadas na parte mais baixa do relevo. Este espaço é marcado pela recorrência da expansão habitacional espontânea irregular, que caracteriza não apenas a realidade do bairro da Vila da Fábrica, mas também de outros bairros da cidade de Camaragibe. No município, boa parte da população mora em áreas de risco e todo período de inverno a comunidade passa por grande apreensão.

Esse quadro de fragilidade atesta que a extensão habitacional irregular acentua-se a cada ano, já que a maior parte das novas residências se concentram nas áreas mais montanhosas. Essa área torna visível um dos aspectos de precariedade urbana existente no bairro, cujo cenário de pobreza contrasta diretamente com o entorno imediato da antiga fábrica de tecidos, e até da própria e ancestral vila operária, onde a estrutura do casario foi construída na parte mais segura do pediplano cristalino.

Vale ressaltar que, com o início de funcionamento do Camará Shopping e com a perspectiva de conclusão do projeto imobiliário, estarão esses contrastes em patamares mais

amplos, já que outros problemas, como, por exemplo, a acentuação de congestionamento do trânsito de veículos no local, tendem a aumentar com a construção completa do empreendimento. Esses equipamentos não só contribuem para alterar o espaço do bairro, como implica na redefinição da centralidade urbana dessa parte localizada a Oeste da RMR, no caso de Camaragibe.

Dialogando com o que discute Carlos (2001, p.13) quando diz que “o espaço é condição, meio e produto da realidade da sociedade humana em toda a sua multiplicidade”, é possível sustentar que o projeto do complexo imobiliário a ser instalado em Camaragibe ocasionará ao lugar a introdução de novos objetos e valores. A composição desses aspectos forma um sistema que, fomentado pelo poder dos agentes que representam o capital financeiro representado pelo setor imobiliário com a parceria do Estado, transformam o espaço sem levar em consideração a opinião e a visão dos moradores do bairro.

Logo, considerar a forma como a produção do espaço vai gradativamente se revelando, e descortinando as intencionalidades dos agentes responsáveis pela implementação de novos empreendimentos, nos faz perceber que as transformações socioespaciais não só promovem, como aprofundam diferenças e desigualdades que afetam a vida dos que moram no lugar.

Assim como acontece na Vila da Fábrica, em Camaragibe, a implantação de megaprojetos imobiliários gera revalorização do espaço urbano, sendo oportuno citar a ampliação das linhas de transporte coletivo, adquiridas pelo bairro após a inauguração do novo centro de compras. Mediante ao ocorrido, é possível observar que a influência desses equipamentos está ancorada numa lógica de uso e apropriação do espaço.

Essa característica pode ser constatada em Pádua (2015), quando, em seus estudos direcionados à cidade de São Paulo, analisa que a implantação de empreendimentos que reúnem a função de residência com as de comércio e serviços em antigas áreas de dinâmicas industriais, principalmente em bairros que se localizam nas proximidades do centro metropolitano. Essa conjuntura estabelece uma linha argumentativa que fundamenta a análise para uma melhor e mais ampla compreensão da realidade quando se trata de alterações espaciais.

Estas transformações sofridas em recortes de regiões metropolitanas, como no caso da Vila da Fábrica, representam principalmente uma realidade aplicada em áreas que sofreram processos de desindustrialização, especialmente àquelas que também passaram, posteriormente, por um período de degradação. Não por acaso, Camaragibe, após encerramento da antiga indústria têxtil, torna-se uma cidade dormitório, sendo por décadas assim reconhecida.

3.2 Os nexos que servem para mercantilizar o espaço

O processo de construção social está ligado diretamente às realizações humanas condicionadas ao espaço e ao tempo que, sob base material, revela o espaço e seu uso, assim como também o tempo e seu uso. A dinâmica espacial revelada nos períodos históricos de cada lugar e em cada época está ligada às técnicas que, segundo Milton Santos (2006), comandam a tipologia e a funcionalidade dos deslocamentos, estando o “*espaço distância*” modulado por essas técnicas. Para o autor, a técnica seria um dado constitutivo do espaço refletido pelo processo produtivo que é adequado ao lugar e pela circulação que é adequada à extensão (SANTOS, 2006 p. 34).

Sob o olhar do materialismo histórico dialético, o estudo da reprodução do espaço também implica considerar os distintos jogos de interesse envolvendo a produção e reprodução da cidade com o passar dos tempos, logo, o lugar representa um cenário de visões e práticas distintas em cada época. A forma como um morador mais antigo e o promotor imobiliário pensam e agem no espaço, ou ao menos, em determinados recortes dele, podem ser completamente diferentes e até, muitas vezes, divergentes entre si.

Em decorrência dessa dupla perspectiva de viver e atuar na cidade, o recorte da Vila da Fábrica possibilita enxergar a importância da abordagem do lugar enquanto espaço transformado e reproduzido, seja sob a perspectiva do capital, seja sob as formas de uso e apropriação que acabam por desencadear a mercantilização dos lugares. É nesse âmbito que o município de Camaragibe vivencia uma múltipla e intensa realidade de apropriação do espaço ao longo dos tempos.

As terras do Engenho Camaragibe, nas últimas décadas do século XIX, também foram marcadas pela implantação de linhas férreas, sendo estas fortemente implantadas em cidades estratégicas, ocorrendo a sua distribuição por todo o Estado de Pernambuco. A estrada de ferro, enquanto elemento fixo, permitiu que a intensificação de fluxos tanto de pessoas como de mercadorias aumentasse consideravelmente nesses lugares. Os espaços demarcados para sediar as estações ferroviárias ampliaram as possibilidades de extensão e ocupação desses territórios, atraindo localmente outros equipamentos que também representavam verticalidades para época.

Em decorrência dessas implantações, verifica-se a partir de 1850 a importância das ferrovias para a expansão urbana da cidade de Camaragibe, onde as linhas férreas foram caracterizadas como elementos constituintes desse espaço. Concordando com Santos (1985), a estrada de ferro permite pensar o espaço enquanto instância social, já que se trata de uma técnica

urbana que parte da cidade penetrando os subúrbios e os meios rurais, influenciando assim, nas transformações dos lugares e colaborando para a aproximação desses com o centro cultural e econômico das metrópoles.

Essas lógicas expansivas, ampliadas e favorecidas pelo capitalismo industrial, estão amparadas ao que Lefebvre (2019) relata sobre, e como a separação de elementos no espaço viabilizam detalhar os pontos dinâmicos de cada lugar. Conforme ainda o autor, seria mediante a estudos aprofundados quanto à possibilidade de conhecer e compreender o todo, que passaríamos a entender suas relações com as partes,.

Corroborando com essa reflexão, Cardoso (2018) observa que as três principais linhas férreas de Pernambuco, conhecidas como linhas “tronco”, eram extensas e saíam de Recife com destinos ligados às cidades do interior. A linha que o município de Camaragibe estava inserido fazia parte do tronco Recife-Limoeiro e foi gerida diretamente pelo império para promover oportunidades aos estrangeiros que aceitassem desbravar e explorar a região.

A linha férrea de Camaragibe, em seu percurso principal, passava em frente a fábrica de tecidos (Figura 22), favorecendo, por décadas, no aumento da dinâmica dos fluxos, tanto de matéria-prima e mercadorias utilizadas pela indústria, quanto de pessoas que passaram a frequentar mais a cidade. A parceria do governo provincial pernambucano com os capitalistas ingleses contribuiu para a formação do primeiro empreendimento da área, a *Recife and São Francisco Railway*, após a criação da Lei Ferroviária de 1852 (CARDOSO, 2018 p. 28).

Figura 22 - Estrada de Ferro séc. XX em frente à Indústria Têxtil, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: biblioteca municipal de Camaragibe.

Inicialmente, o trem destinado a Limoeiro passava por uma estação localizada em Aldeia de Baixo, sendo esse lugar muito próximo da indústria de tecido. Posteriormente, a construção da *Estação Nova* influenciou na denominação do bairro, que recebeu o nome de *Bairro Novo*, sendo ele, vizinho ao bairro da Vila da Fábrica. A imagem da figura acima retrata a proximidade da linha férrea com a fábrica de tecidos de Camaragibe, exibida ao fundo da foto.

Segundo Cardoso (2018), os ingleses foram os grandes investidores ferroviários dessa região. Seus interesses eram pelo aumento da oferta da matéria-prima, o açúcar mascavado produzido no Estado. Esses empreendedores britânicos também enxergavam no Brasil um grande mercado de consumo de bens de capital, o que tornava o país um terreno fértil para a especulação financeira com a expectativa de altos lucros. A linha Recife-Limoeiro foi completada e inaugurada em 1882 e encerrada em 1968, passando oitenta e seis anos em funcionamento.

As rotas dessas linhas férreas foram relevantes para o surgimento dos chamados núcleos urbanos, já que essas ligaram diversos lugares, não apenas numa escala local, mas também na regional e nacional. Esses equipamentos contribuíram para o avanço da expansão urbana do país e o transporte ferroviário representou, por décadas, o primeiro sistema bem definido de transporte brasileiro, estendendo-se da época do império até o período do regime republicano.

Foi ao longo de mais de 1300 km de trilhos que Pernambuco vivenciou, entre meados do século XIX e metade do século XX, momentos de expressiva dinâmica urbana. Esses equipamentos assumiram a função de promover a mobilidade urbana, servindo não só para o transporte de cargas, mas de pessoas e, com elas, suas histórias e memórias experienciadas por cada lugar que passavam e em cada época de suas vidas (CARDOSO, 2021).

Com a suspensão do funcionamento da linha Recife-Limoeiro, a estação ferroviária de Camaragibe, que chegou a receber o presidente do Brasil no ano de 1908 (Figura 23), foi, como muitas, completamente desativada.

Figura 23 - Estação Camaragibe, visita de Afonso Pena presidente do Brasil, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: biblioteca municipal de Camaragibe

As estações, reconhecidas como equipamentos que marcaram esses lugares, também foram consideradas como estabelecimentos de propulsão de progresso local, porém, na atualidade, muitas delas encontram-se em ruínas, abandonadas e sem nenhum indício de manutenção pelos órgãos responsáveis. Essas formas de uso, com o passar dos tempos, foram se interpelando ao constante processo de reprodução do espaço, o que resultou tanto na sua materialidade, quanto na solidificação das relações sociais existentes em cada época de seu pleno funcionamento.

No momento atual, essas estações também marcam os vestígios de diversas temporalidades vividas e ocorridas nos lugares. Atualmente, o que restou da estação de Camaragibe apresenta-se em precárias condições de preservação (Figura 24).

Figura 24 - Ruínas da estação ferroviária Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: biblioteca municipal de Camaragibe

A vida nas estações era marcada pelo simbolismo e transcorria paralelo à constante dinâmica econômica. O acesso a lugares marcados por arquiteturas ecléticas passavam a estimular a percepção das paisagens sentidas pelos sujeitos que transitavam nas viagens de trem. A exemplo, é possível citar a fábrica de tecidos de Camaragibe, que com seu requinte arquitetônico moderno à época impressionava àqueles que por lá transitavam. Como espaços de sociabilidades, as estações representam valores históricos e afetivos que estão diretamente relacionados ao lugar, tanto no que envolve a memória individual quanto a coletiva, sendo esta representada por um grupo social.

A ligação litoral-interior, estabelecida pelos centros produtores e comerciais da Zona da Mata, Agreste e Sertão, representava uma lógica para as instalações das ferrovias de Pernambuco. Nesta época, o Brasil estava inserido num cenário internacional ocupando a função de exportador agrícola, cujos produtos destaques eram o açúcar e o algodão, chegando mais tarde ao café. Os grandes centros consumidores tinham no país o seu principal fornecedor dos produtos mencionados (CARDOSO, 2018 p. 23).

Esse sistema ferroviário implantado em Pernambuco ampliou consideravelmente, na época, o mercado urbano, interligando os lugares e facilitando o transporte de insumos, produtos e pessoas. Conforme relata Guerra (2007, p. 68), o transporte para os municípios

vizinhos, inclusive Recife, era efetuado pelo trem da Great Western, cujo destino da rota que passava por Camaragibe era a cidade de Limoeiro, localizada no interior do Estado.

Nesse sentido, é possível afirmar que o projeto das linhas férreas, reconhecidas como uma “verticalidade”, facilitou a questão logística local quanto ao abastecimento de matéria-prima e mercadorias, não apenas para a fábrica de tecidos de Camaragibe, mas também para o comércio da vila operária como um todo. Logo, esse cenário nos permite parafrasear Santos (2006), quando o mesmo relata que “as verticalidades criam interdependências, tanto mais numerosas e atuantes, quanto maiores as necessidades de cooperação entre os lugares”. Ainda sob as reflexões do autor, as verticalidades dariam conta de fenômenos produtivos como circulação, distribuição e o consumo, funcionando como um veículo de cooperação mais amplo, tanto no panorama geográfico, como no econômico.

Após a década de 80, segundo Lemos (2012, p. 191-192), a indústria têxtil nordestina atravessou situações de grandes dificuldades, pois problemas como: a escassez de matéria-prima, a falta de peças para reposição das máquinas, o alto endividamento decorrente dos últimos investimentos destinados à produção de fios de algodão e, ainda, o aumento dos débitos ocasionados pela elevada correção monetária e inflação ocasionaram uma crise sem precedentes. Em decorrência desses fatores, foi nesse período que o setor têxtil nordestino, representado por Pernambuco, perdeu sua liderança.

A crise fez com que muitas firmas têxteis tradicionais e importantes para o setor encerrassem suas atividades no Brasil, e com a fábrica de tecidos de Camaragibe não foi diferente. A indústria pernambucana foi vendida pela primeira vez ao grupo Braspérola, que proporcionou à fábrica uma nova gestão, desencadeando na fabricação de um tecido próprio, o linho Braspérola, nome que alcançou não apenas localidades do território nacional, como também do exterior. A fábrica de tecidos de Camaragibe, com a gestão da Braspérola, ganhou a posição de maior fábrica de linho da América Latina, o que proporcionou certa visibilidade ao município.

A gestão Braspérola durou até o ano de 2001, quando os diretores decidiram pela venda total da empresa ao grupo Vivalin-Depestele, representado no Brasil pela Vivabras. A recorrente instabilidade das últimas décadas enfrentada pelo grupo Vivabras ocasionou no encerramento total das operações no ano de 2004, quando o grupo resolveu leiloar a empresa por completo. O leilão aconteceu em 2005, mediante a uma longa fase de decadência no ritmo da produção e a vários problemas trabalhistas acumulados até então.

A Vivabras arrematou toda área da antiga fábrica, no entanto, os representantes do grupo francês decidiram não mais reativar o empreendimento, o que resultou, a partir de então, numa discussão sobre as relações estabelecidas quanto ao uso e à apropriação desse espaço.

Vinculado a esse momento, está a análise de um processo social de urbanização que impacta na contínua formação da cidade de Camaragibe, descrevendo o que nos traz David Harvey, quando observa que a cidade é uma forma espacial e que, uma vez criada, tende a institucionalizar e até a determinar o desenvolvimento do processo de transformação socioespacial (HARVEY, 1980).

A urbanização atrelada à formação das cidades, bem como extensão do capital, ganha relevo diante dos interesses do mercado privado, já que a apropriação e uso do solo urbano, seletivamente, se torna particular, pertencendo exclusivamente a uma classe privilegiada financeiramente. Nesse contexto, é necessário refletir sobre a relevância do valor de troca, pois este propicia aos grupos de diversas classes sociais a disputa pelos lugares, revelando o interesse que se instaura, mediante a valorização espacial, predominantemente, através das ações da classe hegemônica do capital, sendo ela, nesse trabalho de pesquisa, representada pelo sistema imobiliário.

Da finalização da atividade fabril, até a inauguração do shopping em 2018, foram mais de dez anos sem dinâmica produtiva nesse espaço, onde apenas as ruínas da antiga fábrica de tecidos ditavam as lembranças de uma rotina industrial que durou de 1894 a 2004. O período após o fechamento da fábrica caracterizou o município de Camaragibe como uma *Cidade Dormitório* e a passagem do espaço produtivo industrial para o espaço financeiro e de consumo se desenhou na Vila da Fábrica tardiamente. Esse cenário compara-se diante da realidade da metrópole pernambucana, marcada ainda nas últimas décadas do século XX pelo adensamento populacional e pela instauração e concentração de grandes shoppings.

O atual centro de compras de Camaragibe disponibiliza, segundo a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FECOMERCIO), cerca de 300 lojas, sendo 16 âncoras. O Camará Shopping foi construído numa área aproximadamente de 61 mil metros quadrados, podendo impulsionar outros setores, atraindo assim, agentes financeiros e imobiliários que possam se apropriar de usos e formas já existentes no lugar. Ainda segundo a Federação, a escolha do local foi feita com base numa análise detalhada que apontou a área com um potencial de consumo anual em torno de R\$ 1,3 bilhão (FECOMERCIO, 2018).

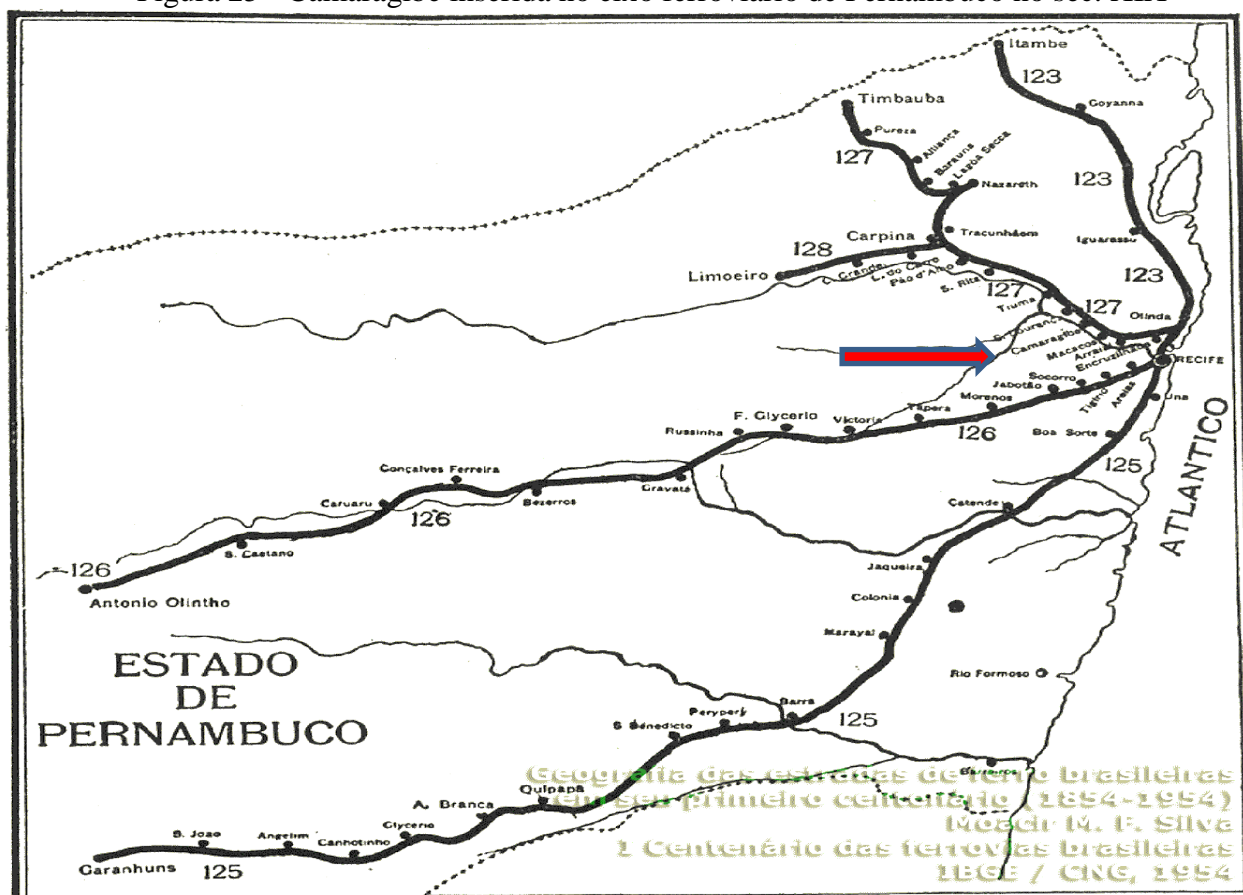
Inserida na 5ª maior região do país e, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, Camaragibe faz parte da RMR, reconhecida também como a maior região do Nordeste brasileiro. Conforme o referido Censo, a cidade possui 9,1% de sua população ocupada com uma média salarial de 1,8 salários-mínimos entre os trabalhadores formais, e apresenta ainda 40.5% de domicílios com esgotamento sanitário adequado.

Foi com o desenvolvimento das ferrovias e estações distribuídas em Pernambuco, principalmente em Recife, que Carlos Alberto de Menezes, o fundador da fábrica de tecidos de Camaragibe, conheceu as áreas que circundam a capital. Nascido na modesta Vila de Cantagalo, na província do Rio de Janeiro, no ano de 1855, Menezes vem ao mundo numa época em que o Brasil atravessava a fase do Império. Filho de Camilo Maria de Menezes, funcionário público que ocupava o cargo de Inspetor Geral das Obras Públicas do Distrito Federal, Menezes tinha o seu pai como um dos maiores inspiradores para sua formação em engenharia, curso concluído na Politécnica do Rio de Janeiro no ano de 1878.

Ligado às instituições e entidades extra universitárias, Carlos Alberto também era participante da Sociedade de São Vicente de Paula, a qual se tornou um assíduo frequentador dos eventos realizados tanto em Recife como em outras localidades do Brasil. Ainda, de acordo com Collier (1996), a Sociedade Vicentina foi fundada pelo francês Antônio Frederico Ozanam, outra inspiração para Menezes. Ozanam tinha como premissa a finalidade de ajudar os pobres da cidade de Paris.

É através de sua participação nas Conferências Vicentinas que Carlos Alberto recebe o convite para trabalhar na comissão de fiscalização da Estrada de Ferro Central do Estado, ligando-se assim ao movimento ferroviário. Cobrindo uma distância de 180km, o trecho férreo em que trabalhou cobria até a cidade de Caruaru, porém, se envolveu com todos os troncos dos eixos ferroviários, cuja origem era a capital pernambucana. O trecho em que a estação de Camaragibe estava inserida era o eixo central que fazia a linha Recife-Limoeiro (Figura 25).

Figura 25 - Camaragibe inserida no eixo ferroviário de Pernambuco no séc. XIX



Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1898redePernambucana.shtml> acessado em set. 2021.

A influência da dinâmica existente na capital se difundiu por todos os percursos desses troncos, impulsionando, de forma diferenciada, a economia desses lugares. Muito da circulação de mercadorias e pessoas passaram a promover uma maior movimentação nas estações, levando boa parte da população a conhecer diversas cidades com objetivo de fixar moradia. A estação de Camaragibe foi uma delas, e muito do abastecimento da fábrica, com o algodão advindo dos interiores, acabou servindo para ampliar a produção dos tecidos.

Nota-se que o projeto ferroviário foi mais um dos nexos que sedimentaram a interligação entre Recife e Camaragibe, mediante ao considerado aumento de fluxos, tanto de mercadorias quanto de pessoas. Esse projeto dos três principais troncos ferroviários acabou por promover também a implantação de trens de curtos percursos na capital de Pernambuco. De acordo com Fernandes (2016), essas redes poderiam, na época, enquadrar-se ao processo chamado de inovação⁹.

⁹ “A partir das contribuições originais, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD na sigla em inglês) conceitua sistema nacional de inovação como a rede ou complexo de interações entre atores

As ferrovias objetivaram a integração de outras cidades do Estado, interligando áreas produtoras de matéria-prima em direção ao porto do Recife. O escoamento dos produtos foi facilitado com essa estrutura férrea e as estações contribuíram para impulsionar o desenvolvimento local. Após alguns anos atuando com linhas férreas, Menezes aceitou o convite da CIPER, mais precisamente de Pereira Carneiro, para elaborar o projeto e gerir a fábrica de tecidos de Camaragibe.

O projeto, inicialmente, exigiu um plano detalhado, no que se refere a sua construção. A necessidade de fabricação dos tijolos levou primeiramente a edificação de uma olaria que se situava ao lado da indústria têxtil. Com os registros de Lemos (2012) é possível ter uma noção dessa estrutura, quando a autora nos descreve com minúcia que a fabricação dos tijolos e telhas que viabilizaram a instalação da fábrica e das 155 casas que compunham a vila operária era intensa e constante. Os tijolos, conforme o exemplar abaixo (Figura 26) eram cozidos num forno Hoffman, com 10 compartimentos capazes de conter 20.000 tijolos cada um. Segundo ainda a autora, o forno foi importado da Inglaterra.

Figura 26 - Exemplo de tijolo utilizado para construção da Indústria de Tecidos de Camaragibe, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Foto: a autora (2022)

Na olaria também se fabricava tijolos de plásticos e ladrilhos. Com 10 horas de trabalho era possível produzir 18.000 tijolos. Esses ritmos produtivos, assim como a técnica e os equipamentos utilizados, fizeram parte, na época, de uma tecnologia moderna, que fora trazida

também por Carlos Alberto de Menezes em uma de suas idas à Europa. Atualmente, a chaminé da olaria foi preservada pelo Camará Shopping como símbolo de parte do processo industrial ocorrido nesse espaço (LEMOS, 2012).

Outro nexos existente no passado que contribuiu para pensar o lugar enquanto espaço de possibilidades para a mercantilização nos tempos atuais foi a construção da pequena usina elétrica criada para o abastecimento de energia. A usina proporcionava a iluminação necessária, tanto para a área da fábrica, como para suprir a necessidade de energia elétrica de todas as casas da vila operária (GUERRA, 2007).

A iluminação das residências era feita, inicialmente, com o uso de candeeiros, mas, posteriormente, com a chegada do engenheiro suíço, Gustav Peter, ganhou lugar a construção da sua própria usina elétrica, instalada ao lado da fábrica. Atualmente, a administração do Camará Shopping preservou o prédio da antiga usina, mantendo-a ao lado do centro comercial (Figura 27).

Figura 27 - Prédio da antiga usina elétrica, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Foto: imagens geradas por drone (2022)

A energia garantida por este estabelecimento era produzida por um gerador, onde um quadro de distribuição assegurava o envio através da fiação alojada em um dos compartimentos da usina. Por várias décadas, Peter se dedicou à gestão da usina e permaneceu trabalhando em Camaragibe até sua morte. Esse sistema de abastecimento de energia elétrica permaneceu até a

chegada da empresa Pernambuco Tramways, corporação inglesa instalada em Recife ainda nas primeiras décadas do século XX. A partir de 1949, o abastecimento de energia do bairro passou a ser da Usina de Paulo Afonso (GUERRA, 2007).

Como é possível notar, o processo têxtil em Camaragibe, ainda no início de suas operações, já oportunizou o movimento e a expansão simultânea do lugar, não apenas geográfica, mas também dos aspectos do capital que, segundo Harvey (2005, p. 62), tem o capitalismo, em sua expansão e para sua existência, a criação do espaço “novo” atendendo a finalidade da acumulação através da intensificação de desejos e necessidades sociais. Segundo o autor, o espaço novo seria criado por meio de uma diversidade de estratégias, sendo essas implantadas dentro das condições reais e históricas de cada lugar.

Parafraseando o enunciado anterior, Henri Lefebvre (2019), em sua obra *A revolução urbana*, destaca que a indústria tem sua implantação próxima às fontes de energia, às matérias-primas e às reservas de mão de obra, o que dentro de uma lógica precedente a emergência do capital dá origem a *cidade industrial*, ligando-a, mais cedo ou mais tarde, as cidades pré-existentes ou constituindo-se em *idades novas*.

Como é possível observar, a relação entre os elementos implantados no lugar, em épocas passadas, acaba por estabelecer uma lógica para os interesses das classes possuidoras de poder, no que se refere ao seu uso e apropriação. Esses elementos configuram o que Santos (2006) nos apresenta como *Sistema de objetos e Sistema de ações*, pois, uma vez fixados, permitem desencadear atitudes e práticas que refletiram e que, de certa forma, ainda refletem na formação do lugar. Esses sistemas, ancorados a novos fluxos, não só recriam as condições de uso do ambiente, mas também estabelece a formação relacional entre as pessoas.

Por esse ângulo, evidencia-se que lugares como os da Vila da Fábrica possibilitam a atração de planos estratégicos por partes dos sujeitos responsáveis pela reprodução espacial na contemporaneidade, estando estes representados por empresas construtoras, imobiliárias, financeiras e até mesmo pelo próprio Estado que se vincula à essas estratégias. Atualmente, o Camará Shopping, bem como todo o projeto para a construção do complexo imobiliário da Reserva Camará, compõe o quadro de empreendimentos atuais, tidos como modernos e revolucionários para o bairro.

Tal panorama torna claro que a instauração de novos empreendimentos imobiliários, somada às narrativas ideológicas de desenvolvimento, como adverte Carlos (2001), altera diretamente a dinâmica de uso do solo urbano e promove abruptamente a valorização

econômica do lugar. A mercantilização seria o resultado dessas transformações físicas em decorrência das instalações desses equipamentos tidos como inovadores para o espaço. A mercantilização também acarretaria no desenlace das relações sociais entre aqueles que vivem e moram no local.

Este cenário, que envolve o *Sistema de objetos* e o *Sistema de ações*, serve como um dos pontos de análise neste trabalho, complementando o que Santos (2004) informa quando diz ser o estudo das relações ocorridas no espaço, representada pelo cotidiano, abrange a análise das marcas do tempo, materializados nos elementos locais que ainda podem resistir às alterações de cada época. O conjunto de elementos materializados, e que representam a memória histórica e coletiva da Vila da fábrica, encontra-se amplamente enquadrado nessa reflexão.

3.3 A memória do lugar, o valor simbólico de seus eventos

A população da Vila da Fábrica possui muito de sua cultura e estilo de vida atrelados à fase industrial, período onde o construto do espaço e das práticas dos sujeitos se materializaram ancoradas às questões de moradia e convivência coletiva. Como refere Dardel (2015, p. 27) quando se reporta ao espaço construído: “a forma mais importante do espaço construído está ligada ao habitat”, onde o homem molda seus costumes, suas ideias e seus sentimentos. A integração dessa sociedade urbano-industrial implicou numa organização espacial em que o sujeito se compreende como um centro de relações.

É diante das intervenções humanas impostas ao lugar que, ao longo do tempo, promove-se as alterações nas formas de uso e apropriação do espaço. Levando em consideração essas intervenções, a pesquisa, na abordagem *histórico-dialética*¹⁰, compreende ser as relações sociais e geográficas a chave para o entendimento da realidade vivida pelos sujeitos no seu cotidiano.

Sendo assim, o depoimento dos sujeitos participantes da corrente pesquisa foi direcionado para a investigação dos fatos, tanto os ocorridos na fase industrial como na atual. Logo, as percepções dos sujeitos quanto aos acontecimentos, processos e eventos criados ao

¹⁰ Marconi e Lakatos (2019, p. 74-75) descreve histórico no sentido de movimento das coisas, possuindo estas, potencialidades que se transformam em realidades efetivas, sendo a dialética uma lógica do conflito, do movimento, da vida.

longo do tempo receberam influências para a formação das relações sociais existentes no lugar, sendo as narrativas expostas pelos entrevistados uma forma de pensar a repercussão desse passado como fator influenciador do estilo de viver no bairro nos dias atuais.

O núcleo fabril existente em Camaragibe promoveu, ainda nos primeiros anos de funcionamento da indústria de tecidos, uma organização não só no cenário profissional, mas também no ambiente de convivência entre as pessoas que, naquele espaço, residia e tinha suas atividades ancoradas ao trabalho e às relações de vizinhança. Foi nesse cenário que Carlos Alberto de Menezes, idealizador núcleo fabril, criou na comunidade as festas de natal, as solenidades religiosas, os eventos esportivos e o carnaval que, segundo os moradores, marcam até hoje a vida e as relações entre os residentes no bairro e os visitantes que se deslocam de localidades próximas para participar desses eventos.

O carnaval da Vila da Fábrica ainda é considerado o evento cultural que mais reúne moradores da comunidade. No bairro, a criação de clubes de rua, fomentado pelos operários da fábrica, trouxe e até os dias atuais ainda traz uma rotina anual de eventos que arrasta multidões para o lugar. Os blocos mais citados pelos residentes da Vila da Fábrica são: Cebola Quente, Riso das Flores e Couro-de-gato, esses eram e, alguns deles ainda são, durante o carnaval, os mais aguardados pela população da área.

Durante as festas carnavalescas na fase industrial, a maioria dos participantes fazia economia durante o ano para comprar suas fantasias, o que deixava evidente, já naquela época, as diferenças do poder aquisitivo das pessoas que, através do porte das fantasias utilizadas, enquadravam-se nas mais ou menos luxuosas. Essas roupas eram usadas por todos aqueles que vivenciavam o passar das horas acompanhando a troça pelas ruas da vila e de seus arredores (LEMOS, 2012).

Além do carnaval, outra festa que marca até hoje a vida dos moradores do bairro da Vila da Fábrica é a celebração do natal, que segundo Guerra (2007), tornou-se o evento que desde sua fundação mais atrai pessoas de outras localidades do Recife. A primeira festa natalina aconteceu no ano de 1900 e o evento na época foi considerado uma verdadeira apoteose para os que frequentavam o lugar. A ornamentação era feita com árvore de natal e o evento ainda contava com a distribuição de brinquedos para crianças, apresentação de peças de teatro e pastoris¹¹.

¹¹ Para Vieira (2010), o pastoril é considerado como “um folguedo popular porque nele, seus participantes engajam sua vida pessoal; sua cultura e suas influências, revelando modos de ser e compreender que são interiorizados pelos brincantes a partir da vivência de seu contexto social múltiplo e de diferentes sentidos.

Nesse período, a vila ganhava destaque com relação a outras localidades do Recife, principalmente por efetuar a missa do galo no pátio da indústria, acontecimento que em outros lugares ocorria dentro das igrejas, como era de costume. O pátio de eventos ficava localizado em frente à fábrica, hoje em frente ao Camará Shopping. Essa área recebe, no período natalino, uma iluminação especial, prática efetuada desde o primeiro evento. É ao lado desse pátio que se encontra localizada a gruta da santa Nossa Senhora de Lourdes, espaço onde acontece a festa do padroeiro da cidade. Esses eventos são marcados por queima de fogos e apresentações de bandas de músicas, o que torna o local uma área especial para práticas comunitárias.

Como um exemplo dessa relevância, é possível citar um dos eventos que mais reúne um contingente expressivo de pessoas, a festa em que se comemora a emancipação do município de Camaragibe, que ocorreu em 14 de maio de 1982, por meio da Lei Estadual nº 8951. A partir dessa data, a comemoração (Figura 28) acontece anualmente no pátio de eventos da Vila da Fábrica e atrai pessoas não apenas de Camaragibe, mas de bairros adjacentes, o que acarreta em um aumento expressivo do fluxo de indivíduos no local.

Figura 28 - Festa dos 40 anos de emancipação do município, Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



O evento em comemoração aos quarenta anos de emancipação do município Camaragibense ocorre no mês de maio e geralmente conta com a participação de artistas pernambucanos e bandas de músicas locais. Essa festa, na percepção dos moradores do bairro, é vista como um dos eventos mais importantes do lugar, pois está ligada à história da formação socioespacial da Vila da Fábrica, espaço reconhecido pelos moradores como importante para o desenvolvimento do município. A festa da emancipação é organizada pela Fundação de Cultura da cidade e patrocinada pela prefeitura de Camaragibe.

Apesar de sua trajetória centenária enquanto lugar marcado pela rotina industrial, a antiga vila operária ainda preserva muitos costumes da época da produção de tecidos, principalmente os relacionados a eventos que atravessaram décadas, mas que ainda ocorrem no bairro. Esses acontecimentos são citados quando tão logo indagamos aos moradores da Vila da Fábrica e participantes da pesquisa sobre quais os eventos e rituais que mais lembram a histórica local e que são praticados até os dias atuais. Alguns dos relatos podem sintetizar um pouco a simbologia dessa representatividade:

“Os eventos que representam a história da Vila da Fábrica estão intimamente ligados ao calendário festivo e cultural da cidade, a exemplo disso, posso citar o bloco Foiará em folia, que tinha suas atividades festivas todo domingo de carnaval, era uma celebração memorável, uma representação histórica lendária intimamente ligada com os operários e a fábrica de tecido no tempo das greves. Na vila, também existia o cortejo do bloco lírico Misto Mocidade de Camaragibe, de dona Helena, esposa de seu Gilberto, a troça Vai quem Quer, de dona Tide, o urso Fantástico e boi rubro Alvirrubro. Posso destacar também o São João nas estrelas que acontecia no espaço em frente a fábrica de tecidos, conhecida como a praça de eventos da gruta. Existia um grande arraial com várias atrações locais e estaduais, o concurso de quadrilhas juninas da cidade de Camaragibe e apresentações das quadrilhas juninas de outras cidades” (Participante 16, idade: 33 anos).

“Pra mim, os eventos que mais representam a história do lugar é o desfile cívico pelos filhos de operários e a festa do padroeiro” (Participante 20, idade: 47 anos).

“Pra mim, o evento principal é o do Padroeiro Sagrado Coração de Jesus e outros” (Participante 23, idade: 41 anos).

“Pra mim o maior evento de todos é a festa de Emancipação do município e também aqueles que contam a história da fábrica de tecidos, a construção da Vila Operária e a concepção da Igreja católica e suas representações” (Participante 24, idade: 63 anos).

“Pra mim, nenhum evento do passado existe mais, eu não sei!” (Participante 25, idade: 18 anos).

“Tem os bloquinhos de carnaval como o foiara, corujão que se passa faz muitos anos. Tem também o Garany, que tinha festas e o Camará Shopping e a Gruta, como teve a festa da emancipação da cidade” (Participante 26, idade: 17 anos).

“As festas natalinas com o parque de diversões no pátio da Gruta, elas foram as primeiras festas e duram até hoje” (Participante 5, idade: 60 anos).

No que tange os depoimentos, é possível perceber que as impressões dos moradores quanto às representações dos mesmos, ainda existentes na Vila da Fábrica, variam entre eles, sendo possível notar que, para alguns sujeitos, os eventos mais significativos se enquadram na dimensão festiva carnavalesca, já para outros, na dimensão religiosa. É observado também o conflito de gerações entre essas opiniões, quando notamos que alguns dos sujeitos mais jovens não sabem citar nenhum evento ou até incluem o shopping como um aparelho que pode fazer parte desse contexto histórico, mesmo sendo o centro de compras um equipamento construído recentemente no local.

Apropriado para falar das questões simbólicas existentes no espaço e no lugar, trazemos para este contexto Tuan (2015, p. 1), quando anuncia a indissociabilidade dessas duas categorias geográficas, mostrando como a articulação entre as experiências humanas auxilia na interpretação tanto do conceito espaço, quanto do conceito lugar, sendo eles considerados como imagens de sentimentos complexos. Segundo o autor, experienciar reúne as maneiras mais distintas de conhecer e construir a realidade, o que varia de pessoa para pessoa.

A festa do padroeiro também é outra solenidade de destaque entre os moradores do lugar, pois atrai até hoje pessoas de regiões vizinhas à Vila. É válido citar que esse evento religioso, um dos mais frequentados, acontece no mês de maio, período todo dedicado à santa padroeira do município, Nossa Senhora de Lourdes. Com o passar dos anos, eventos como esse persistem sendo mantidos pela relevância do significado para os moradores do local. A comemoração desse evento atrai pessoas de outros bairros como, *São Lourenço, Caxangá, Várzea e Aldeia*.

Ainda nesse contexto, é possível perceber que a religião nutriu e, de certa maneira, ainda nutre o espaço da Vila da Fábrica, implicando nas questões de ordem e na cultura social que é passada de geração para geração. É possível também observar que o sentimento de religiosidade, presente na comunidade desde sua formação espacial industrial, alimenta até os dias atuais parte dos indivíduos que residem no bairro e que são, predominantemente, parentes de antigos funcionários e herdeiros das casas operárias.

Em Diniz (2011), é possível entender melhor o que a doutrina social da igreja católica pregava quando se referia a um dos seus principais princípios, o de *Bem Comum*. Orientada na causa da dimensão social e comunitária do bem moral, é reforçado pelo autor:

De facto, o ‘bem comum’ não é um grande bolo para cada um tentar ficar com a fatia maior, passe a comparação. Antes, aparece como o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro ‘*de per se*’, alcançar mais plenamente a própria perfeição (DINIZ, 2011 p. 86).

Foi pautado nesses princípios que Carlos Alberto de Menezes, além de fundador e gestor da indústria de tecidos, contribuiu para fomentar a construção do espaço social do lugar, marcando assim sua liderança social católica, que lhe colocou a frente de momentos importantes do início das atividades têxteis.

Conhecer Léon Harmel, industrial francês, também defensor do bem comum, foi fator decisivo para Menezes concretizar o processo da Corporação cristã em Camaragibe, sediando essa corporação na Vila da Fábrica, lugar que hoje está consolidado enquanto bairro como sendo um dos mais importantes em questões de dinâmica comercial e habitacional do município. A interação entre os dois empresários promoveu, ao longo de anos, não apenas o aprimoramento da produção têxtil, mas principalmente a educação de todo o operariado que seguiu as práticas essenciais da Associação Cristã de Camaragibe.

De acordo com Collier (1996), as inspirações para a concretização das ideias de Menezes estariam consignadas ao princípio do bem-estar moral, material e espiritual dos trabalhadores, cujos preceitos estavam materializados na encíclica *Rerum Novarum*, que em português significa “*Das coisas novas*”. Parafraçando Amaral (2019, p.4), a encíclica foi uma carta escrita pelo papa *Leão XIII*, em 15 de maio de 1891.

Quatro meses após o registro de Estatuto da Companhia Industrial Pernambucana, demonstrou Carlos Alberto seu papel de agente ativo e militante católico com a criação deste estatuto. Menezes, influenciado por Harmel, identificou os reflexos das relações entre governo, negócio, trabalho e igreja, colocando em prática na Vila da Fábrica, em Camaragibe, boa parte do que presenciou em Val-des-Bois.

Desenvolver o espírito de fraternidade, solidariedade e união estavam no seio do processo das crenças de Menezes, e a cultura do *bon patron*, aplicada em alguns países da Europa no final do século XIX, foi adotada por Harmel e conseqüentemente admitida por Carlos Alberto de Menezes logo após sua primeira viagem à França.

Em Pernambuco, Menezes adequou os parâmetros dessa cultura à realidade brasileira da época e a instituiu em Camaragibe, através das Associações. Nota-se que sua visão vanguardista, no que se referia a formação socioespacial, pautou o que Santos (2006) denominou como *Sistema de objetos* e *Sistema de ações*. A propósito, temos:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. [...], o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico. (SANTOS 2006, p.39)

Assim, os objetos e as ações ancoradas numa prática paternalista implicaram na organização espacial, a qual, sob a luz do instrumento da técnica, apontada pelo autor como meio que sedimenta as relações entre o homem e o espaço, carregaria as combinações para a criação de uma configuração espacial singular e específica de cada lugar, como no caso da Vila da Fábrica em Camaragibe e seu industrial contexto.

Diante disto, é possível verificar que as formas encontradas no espaço, nos dias atuais, repousam sobre a fisionomia dos objetos herdados de um passado que foi marcado pela dinâmica de combinações, no que se refere às relações sociais e produtivas que vão, ao longo deste trabalho, sendo reveladas.

A militância católica e industrial que formavam as associações seguia as diretrizes de Carlos Alberto de Menezes e se acentuaram depois das suas viagens à França. Foi conhecendo diversas tecelagens do Rio de Janeiro, seu Estado de origem, que Menezes teve conhecimento da empresa de Léon Harmel, através dos *Boletins Vicentinos*. Seu interesse em conhecer a estrutura da empresa francesa o levou à França um pouco antes da construção da fábrica de tecidos de Camaragibe.

Essa relação estabeleceu uma sólida amizade, tornando-se um fator decisivo e definidor para a concretização do projeto em Camaragibe. Segundo Amaral (2019, p. 5), foi através de Harmel que Menezes conheceu Padre Léon Déhon, reverendo que constituiu a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus de Camaragibe, cuja missão consistia em aproximar o povo e a igreja por meio do trabalho social.

Sendo assim, é visto que as atividades religiosas praticadas pelos operários e pelos seus descendentes no momento atual vem dialogar com o que Lemos (2012, p. 116) destaca quanto ao sentimento coletivo que acreditava ser “dosando o trabalho com fé e a oração com diversão

se estabeleceria os pares ideais para promover a tranquilidade entre os grupos humanos, sendo o homem equilibrado, aquele que sem exageros, saberia dar valor a cada expressão cultural”.

Outros eventos que arrebatavam pessoas de outras localidades até a antiga vila operária de Camaragibe eram os jogos esportivos, representados pelos times de futebol do bairro. A criação dos times Guarany e Penarol promovia, aos domingos, uma dinâmica de maior fluxo de pessoas na Vila da Fábrica. Esses jogos aconteciam na parte da manhã e atraíam pessoas dos arredores da vila operária. O registro oficial da criação do time Guarany data de 1920 e o clube até hoje se encontra em atividade. No Clube Penarol, também ocorriam as partidas de jogos de dama e bilhar.

Por reflexo, as bases da estrutura social artística de Camaragibe foram constituídas com a fundação do núcleo fabril, mais precisamente com a fundação da Corporação Operária de Camaragibe, criada por Carlos Alberto de Menezes ainda nos primeiros anos de atividade industrial. Para compreender a criação do teatro e do cinema no bairro faz-se necessário entender como funcionava a Corporação e como ela auxiliou para o desenvolvimento de eventos voltados às práticas artísticas que duram até hoje na comunidade.

A Corporação era composta por associações que ligavam certo número de indivíduos e seus familiares em prol de um objetivo coletivo, o de assegurar as principais necessidades do grupo. É com Guerra (2007, p. 31-33, 72) que encontramos os detalhes da estrutura da Cooperativa formada por uma parte central composta por duas ramificações diferentes, sendo a primeira, a Associação da Sociedade de Mútuo Socorro e a segunda, a da Sociedade Cooperativa.

A parte central compreendia as seguintes atividades: o serviço religioso, às escolas e seus profissionais, a salubridade do lugar relacionada ao conforto e higiene, a arte voltada à execução de peças de teatro e clube musical. A Corporação teve sua personalidade jurídica assentada nos termos da Lei nº 173, de 10 de setembro de 1893, cujo registro foi efetuado na sede do município de São Lourenço da Mata, no mesmo ano de sua fundação, em 1900.

Numa escala global, os efeitos da Revolução Industrial também desencadearam determinadas preocupações quanto à garantia do aumento da produtividade. Logo, a redução de acidentes e doenças laborais, a restrição de indenizações e afastamento de funcionários e, ainda, a própria motivação promovida por ambientes mais adequados eram fundamentais para assegurar a produção, eis o que justificava a criação da Associação da Sociedade de Mútuo Socorro.

As ramificações da Sociedade de Mútuo Socorro eram responsáveis pela garantia de assistência médica, distribuição de medicamentos, cobertura para sepultamentos, auxílio extraordinário nos casos de moléstia grave e lesões por acidentes de trabalho (GUERRA, 2007).

Somadas às manifestações operárias por direitos do trabalho, essas preocupações também contribuíram para algumas conquistas trabalhistas ao longo do período em que a fábrica esteve em funcionamento. Uma dessas conquistas foi a construção da sede onde funcionava o ambulatório médico, pois nele podia-se garantir a assistência para os funcionários que sofriam acidentes de trabalho durante o processo de produção.

Para esse controle, o consultório e ambulatório médico exerciam um papel chave para garantir a cobertura dessas assistências a todos que trabalhassem na fábrica. Atualmente, o prédio que alojava o ambulatório possui outra função, a de escola, servindo como sede do Colégio 15 de novembro, localizado na Av. Carlos Alberto de Menezes, uma das principais ruas do bairro. A denominação da rua foi em homenagem ao fundador do núcleo fabril de Camaragibe.

Como segunda ramificação, existia a Associação da Sociedade Cooperativa, que tinha como finalidade a garantia de todos os gêneros de consumo, cujas mercadorias eram postas para venda no Barracão. Conforme Lemos (2012, p. 78), a Cooperativa fundada em 1º de julho de 1900 tinha como finalidade desenvolver formas de benefícios aos operários, fossem esses benefícios materiais, intelectuais, morais e até espirituais. Assim, era mantido como objetivo maior da Cooperativa a garantia de renda que fosse suficiente não apenas para atender as necessidades básicas, mas também de assegurar o patrimônio material relacionado à Indústria e a vila operária.

A direção geral da Cooperativa era confiada a um Conselho Corporativo que era renovado a cada dois anos e composto por 20 membros, no qual 50% era nomeado pelo presidente da fábrica e os outros 50% eleitos pelos trabalhadores. Essa estrutura perdurou por décadas e auxiliou para concretizar diversos benefícios almejados pela população operária da Vila da Fábrica. Foi através da Cooperativa Operária de Camaragibe que aconteceu, por exemplo, a fundação de um clube musical em 1901 e a construção do teatro, mediante a fundação da Associação da Sociedade Dramática, a qual era constituída pelas atividades do Círculo Católico, ambos com sede na vila operária.

A renda obtida pela Corporação tanto permitia aumentar e desenvolver as instituições ligadas às Associações, como consentiam na criação de tantas outras obras que visassem o bem-estar moral e material de seus associados. Nesse contexto, todos os funcionários da fábrica eram integrantes da Associação Cooperativa que mantinha uma reserva (Caixa de empréstimos) para auxiliar os operários em necessidade casual (GUERRA, 2007, p. 28). A análise desses aspectos proporciona compreender o quanto essa Associação contribuiu para a organização social desse espaço, já que a melhoria das condições de vida de seus moradores era promovida pelo envolvimento de todos que ali trabalhavam e viviam.

É importante citar que essas interações não apenas influenciaram Carlos Alberto de Menezes e os grupos dos operários, mas todo o projeto Camaragibense ao longo do tempo. O avanço dessas Associações tornou a Vila da Fábrica, por muitos anos, um lugar diferenciado com relação a outros polos fabris existentes no Estado. Na ocasião, tanto a indústria têxtil como a vila operária de Camaragibe tiveram, de forma direta, sua organização social baseada nas influências e experiências de outros locais do planeta.

Neste caso, é pertinente notar que outra categoria geográfica se materializou na realidade da formação espacial da Vila da Fábrica, sendo ela a conformação do *Global-Local*, neologismo linguístico que já incorporava uma realidade mesmo antes do seu corrente uso na literatura contemporânea, principalmente após a quarta fase do fenômeno da *Globalização*, já nos últimos anos do século XX.

Desse modo, as relações firmadas entre os agentes e as escalas que conectaram o local a mecanismos de caráter mais globalizante, do ponto de vista do movimento do capital, já naquela época, eram tidas como uma realidade no fragmento espacial urbano do atual bairro de Camaragibe. Segundo Amaral (2019), o registro de semelhanças entre a estrutura constituída na Vila da Fábrica Camaragibense com a de Val-des-Bois na França é documentado por padre Déhon em seu diário de viagens, elaborado quando em visita a cidade de Camaragibe durante sua passagem pela América do Sul em 1906.

É com esse panorama de fluxos interativos, seguido de tendências exógenas ao lugar, que o espaço da Vila da Fábrica se molda, inserindo na sua história sutilezas que refletem até os dias atuais no estilo de vida de sua população. Este estilo é percebido pelos sujeitos inseridos no arranjo espacial do lugar, seja pelos detalhes observados na forma de convívio entre os moradores do bairro, ou até mesmo entre os frequentadores de Camaragibe como um todo.

3.4 O capitalismo e o confisco das cidades

O capital e sua dinâmica expansiva engendra processos constantes de alterações que estão diretamente associados com as transformações do espaço urbano. Cabe adicionar que, relacionado à estrutura espaço-tempo, a compreensão da reprodução capitalista dos lugares deve considerar o movimento do capital enquanto competitivo, contraditório e desigual. Nesse sentido, a moldagem espacial, patrocinada pelo sistema do capital, promove a diversidade no desenvolvimento territorial, assim como a desigualdade, estando ambas associadas aos processos de concentração e acumulação. Em consonância David Harvey destaca:

O capitalismo produz uma Geografia histórica distintiva. Depois que se forma a paisagem física e social da urbanização de acordo com critérios caracteristicamente capitalistas, certos limites se interpõem nas vias futuras do desenvolvimento capitalista. Isso implica que, embora o processo urbano sob o capitalismo seja moldado pela lógica da circulação e da acumulação do capital, aqueles critérios modelam as condições e as circunstâncias da acumulação do capital em pontos posteriores do tempo e do espaço (HARVEY, 2005 p. 163).

Em termo processual que se reproduz o capital, ancorado ao avanço técnico-científico, desvenda a reprodução da vida social que se manifesta num cenário de concorrência, pois atrela-se à aspectos relevantes da vida real. Assim, as configurações geográficas surgem de uma lógica pautada na integração e na exclusão de espaços, estando esse nexos geralmente ligado a parâmetros de valorização, sendo esses ainda inerentes à padrões estabelecidos pela economia mundial.

É com esse combo de elementos que os estabelecimentos, denominados por “vilas operárias”, surgem no Brasil do século XIX. Sobre essa temática, Correia (2001) ressalta que a prática de construções de moradias para empregados de fábricas instaladas no meio rural, ou em áreas escolhidas pelos oligarcas da época, originaram comunidades inteiras que, empregadas por uma única companhia, sujeitam-se ao controle e formas de uso não apenas das moradias, mas dos equipamentos e dos serviços coletivos existentes nesses espaços. “No território nacional esse tipo de assentamento se difundiu, principalmente, por empresas dos segmentos têxtil, papel, mineração, frigorífico e usinas de açúcar e eram nomeados de várias formas” (CORREIA, 2001).

Essas habitações apresentavam aspectos de moradia popular, porém, opostos às favelas, aos cortiços e aos mocambos que, até a década de 1930, denominavam-se habitações precárias que sugeriam falta de higiene interna. O conjunto de casas que compunham as vilas distinguiam-se justamente pela organização espacial e salubridade interior, o que acabava

estabelecendo denominações variadas para cada estilo. Essas casas eram utilizadas pelo operário urbano e, quanto mais estável fosse sua realidade com a fábrica, mais homogêneo era o grupo de sujeitos habitantes desses espaços. A organização espacial leva a distinção da terra urbana quando aloca o capital e o trabalho.

É a localização e as formas espaciais produzidas que promovem a expansão do capital e a dinâmica da acumulação. A concorrência e a luta de classes regem as forças produtivas, motivando a inserção de novos métodos de produção, intensificando, com isso, a concorrência e a competição em todas as dimensões da vida. Como aponta Barbosa (2018, p. 42 *apud* MARX, 2006), o progresso técnico permite ampliar a escala da produção e a produtividade do trabalho, o que reduz os preços das mercadorias de forma que os capitais maiores, por terem melhores condições de produção, derrotam os capitais menores, gerando a tendência de centralização e concentração de capital.

O contexto histórico da Vila da Fábrica, em Camaragibe, contemplou essa dinâmica fabril por um período que durou de 1894 a 2004. Foi a partir da chegada da indústria têxtil que novas famílias foram criando outros bairros ao entorno da fábrica. Essa configuração contribuiu para a formação do bairro operário e deu forma a cidade urbana-industrial que nascia e que, na época, passou a possuir um dos mais requintados empreendimentos de Pernambuco. As transformações espaciais ocorridas durante o funcionamento da empresa permitiram que mais um aspecto característico do sistema capitalista fosse gradativamente se instalando, o processo de circulação de fluxos.

Acentuada pelas tendências do fordismo, difundidas numa escala mundial, ainda nas primeiras décadas do século XX, passaram os fluxos tanto de mercadorias como de pessoas a repercutirem para um cenário urbano com a instalação de estruturas específicas que passaram a ter uma modelagem padrão em diversas cidades brasileiras. Aspectos inovadores e organizacionais do espaço deram início a um processo dinâmico e gradativo de fixação do homem nesses lugares. A instalação da malha ferroviária, de escolas, de estabelecimentos de comércio e lazer proporcionaram um surto de expansão cada vez mais urbano e capitalista.

No entanto, a expansão habitacional, em muitas ocasiões, difundiu-se de forma espontânea e irregular, diante da realidade financeira estratificada dos sujeitos que foram compor a comunidade local. O surgimento das cidades urbanas era acompanhado de uma explosão de desigualdade social vinculada a não equidade dos acessos e usufruto do aparelho estrutural urbano, reflexo dos padrões de vida diferenciados e vividos pelos moradores, principalmente, nos locais ao entorno, tanto da fábrica, quanto da vila operária.

Segundo Harvey (1989, p. 125), o período pós Segunda Guerra Mundial foi marcado pela reposição dos papéis dos atores responsáveis pelos processos do desenvolvimento capitalista. Esses agentes tiveram que reposicionar seus papéis para garantir a contínua e, cada vez mais, crescente e concentrada lucratividade. O Estado teve que construir novos poderes institucionais, o capital corporativo teve que seguir com mais suavidade a trilha da lucratividade segura, e o trabalho organizado teve que assumir novas funções relativas ao desempenho nos mercados de trabalho e nos processos de produção.

A cidade industrial passa a inspirar ideologias e projetos urbanos que direcionam as diversas formas de uso e apropriação de lugares, acelerando as fragmentações espaciais. Em paralelo, intensificam-se os movimentos das classes trabalhadoras e os conflitos entre os agentes formadores do espaço.

A sociedade urbana, com suas especificidades, vai se tornando cada vez mais complexa, na qual a passagem do rural para o industrial e do industrial para o urbano atingem o espaço e o tempo, já que é através do tempo que as atividades se desenvolvem. Essas fases ocorrem de variadas formas e, numa escala mundial, confirmam o que Henri Lefebvre (2019) destacou ser “o urbano, um fenômeno mundial”.

O processo de acumulação de riquezas, concentrado nas cidades, passa para as mãos dos agentes capitalistas urbanos que se privilegiam com o controle do uso dos espaços projetados em edifícios que segregam os sujeitos cidadãos. Essa aglomeração apartada, presente nos centros das cidades industriais, cria um cenário de densidade demográfica considerável, que tem como consequência o deslocamento dos sujeitos mais pobres para outras áreas mais periféricas e distantes das metrópoles. Assim, as restrições para o uso da cidade se ampliam, transformando o núcleo urbano da cidade em um produto de consumo restrito a determinados grupos.

O espaço da Vila da Fábrica, em Camaragibe, passa atualmente por um processo gradativo de uso e ocupação, sendo ele o resultado de várias fases, todas marcadas por um povoamento coletivo desde sua gênese. Segundo Lemos (2012), a terra Camaragibense foi inicialmente habitada pelos índios Camarás e tem sua história pautada na disseminação de povoamento, marcada ainda no século XVI, com a instalação do primeiro engenho.

Em sequência, a fase seguinte, iniciada ainda no final do século XIX, marcou o começo da produção industrial têxtil e, com ela estabeleceu alterações significativas ao espaço. Já a fase atual, marcada pelo projeto imobiliário da Reserva Camará, passa a caracterizar o lugar como sendo um espaço adequado à atual era do consumo e da financeirização.

Uma das iniciativas que podem promover a melhoria das condições urbanas passa pela elaboração de um inventário de bens culturais. Esse documento teria a finalidade de identificar as diversas manifestações culturais do lugar, assim como também os bens de interesse de preservação, tanto os que estão relacionados à natureza material da cidade como àqueles que possuem relação com a dimensão imaterial. Esse documento é considerado um instrumento para auxiliar nas diretrizes da organização socioespacial dos lugares, já que valoriza o envolvimento dos sujeitos ativos na formação do espaço.

O Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe (2018), promovido pela Fundação de Cultura do município, traz na sua configuração a relação de uma sequência de bens considerados de expressiva importância cultural para a cidade. Esse documento, cuja metodologia foi desenvolvida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), compõe uma lista de objetos e lugares pré-selecionados para serem inventariados mediante a sua relevância histórica e simbólica no processo de formação do município.

No referido documento, é possível observar que, dos 58 itens previamente escolhidos em Camaragibe, 18 estão localizados no bairro da Vila da Fábrica, o que revela a importância de reconhecer a necessidade de preservação e cuidados para com o lugar. Esses itens são entendidos por bens históricos e culturais, estando esses elementos representados nos monumentos históricos distribuídos por todo o bairro.

A leitura efetuada sobre a cidade contemporânea deve levar em consideração as consequências da desordenada organização espacial para, assim, promover a mitigação dos aspectos atrelados à problemática urbana. O propósito da atenuação dos problemas pode repercutir num melhor e mais democrático processo de inserção de objetos físicos no ambiente, assim como, promover mais equidade nas relações entre os sujeitos ativos e responsáveis pela reprodução do espaço.

4 A MERCANTILIZAÇÃO DO LUGAR

[...] O shopping proporcionou a geração de emprego e renda para alguns da comunidade, mas também elevou o que já era alto, a supervalorização dos imóveis no entorno dele (Participante 18, idade: 50 anos).

Esse conjunto de prédios novos não vai ser bom para o lugar, pois é mais um empreendimento para gerar lucro e não vai promover benefícios para a comunidade (Participante 28, idade: 17 anos).

O Complexo Imobiliário da Vila da Fábrica pode sim valorizar o lugar. Vai tornar o bairro como um local mais centralizado e moderno (Participante 22, idade: 22 anos).

“Não foi muito bom porque não trouxe nenhum benefício para a comunidade, teria sido bom se os moradores tivessem a chance de trabalho, mas as pessoas que trabalham lá no shopping são de fora, coisa que a fábrica priorizava os moradores daqui” (Participante 11, idade: 33 anos).

Sob esse aspecto valorativo, fica evidenciado, nas falas destacadas acima, como os moradores estão encarando os novos empreendimentos planejados para o bairro da Vila da Fábrica em Camaragibe e como eles percebem os impactos que desencadeiam no processo de reprodução desse espaço e na mercantilização do lugar.

O mundo da mercadoria se estende e se dissipa tomando uma dimensão global, em que tudo se vende e se compra, sobre esse mundo de dimensão mercantil nos traz Lefebvre (2001, p. 136): “Todas as funções e estruturas, por ele engendradas, entram nesse mundo e sustentam-no”. Porém, esse mundo não se fecha e, sob efeito, o mundo da mercadoria atua sobre o mundo inteiro. É diante dessa lógica que a ideia de “moderno” e de “modernização” avança como sendo um tema que é incorporado na argumentação para a reprodução dos espaços urbanos da atualidade.

O crescimento da vida urbana derivada, principalmente, da atividade industrial, cujo desencadeamento de fatores resultou num aumento dos fluxos de pessoas e de informações, proporcionou a ampla difusão do conhecimento técnico e de algumas ideologias que auxiliaram na reflexão sobre o desenvolvimento dos países marcados pela industrialização. No Brasil, a própria abolição dos escravos e a proclamação da república serviram para apontar uma meta hegemônica elaborada pelas elites desse período quanto à reprodução espacial de alguns lugares do país. Esses sujeitos eram influentes na época e tinham como objetivo enquadrar o Brasil num panorama modernizante.

A própria formação do Estado de Pernambuco se estabelece nas bases da estrutura escravocrata e agrícola, seu alicerce foi moldado por um sistema de desenvolvimento territorial cosmopolita e plástico. Segundo Freyre (2003), Pernambuco e São Paulo foram os dois polos que mais se destacaram quanto a esse sistema desenvolvimentista, cuja instalação de catequeses, das bandeiras, das guerras contra holandeses, da considerável miscigenação entre brancos, índios e negros e, principalmente, da origem e firmação da agricultura escravocrata, contribuíram para esse quadro.

A decadência do trabalho servil e a abolição proporcionam os caminhos para o período da República (1889-1930) no Brasil e a ruptura com o regime colonial introduziu formas e padrões de competição intrínsecos ao sistema capitalista contemporâneo à época. Esse período marcou a passagem do poder escravocrata e senhorial para o poder político e é nesse cenário que a industrialização se expandiu no território nacional, promovendo a economia de transição para o trabalho assalariado.

Fernandes (2006) nos traz a proposta de elucidar que é com a ruptura do regime colonial no Brasil que acontece a introdução de formas e padrões de competição (pessoal ou grupal), tendo-se, na passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade urbana industrial, a formação da classe média consumidora, passando a ser esse cenário uma realidade nas principais capitais do país.

Erguida nesse período e sob esses aspectos, a fábrica de tecidos de Camaragibe tornou-se um instrumento de circulação de capital, promovendo, como nos diz Harvey (2001), a “viga mestra” das relações capitalistas asseveradas pela competição, passando a provocar movimentos entre as classes existentes. O autor ainda nos cita que “o controle mais poderoso sobre o espaço (tanto militarmente como economicamente) é exercido por uma burguesia cada vez mais internacionalizada, já a classe trabalhadora demonstra a capacidade de controlar as políticas do lugar, mas sempre permanece vulnerável à disciplina das relações espaciais.

Espaços marcados por circuitos capitalistas, como o da Vila da Fábrica, em Camaragibe, tornam-se, além de produto, item produtivo na lógica de valorização inerente ao capital e, em decorrência disso, imprimem na configuração do espaço, principalmente no espaço urbano, a estrutura das desigualdades socioespaciais. A relação entre a produção do espaço e o modo capitalista de produção deve ser considerada como uma via de mão-dupla dialética, uma vez que o espaço, enquanto elemento ativo (vivências, percepções, concepções, etc), é utilizado instrumentalmente e operacionalmente pela classe dominante.

A burguesia, enquanto classe dominante, detém do poder sobre a propriedade privada do solo, assim como dispõe do poder do panorama do saber, do conhecimento, da estratégia e da ação do Estado propriamente dita. É nesse contexto que, para entender a produção do espaço, faz-se necessário considerar que a classe possuidora de maior quantidade de recursos pode, através do dinheiro, ocupar, modelar e até fragmentar o espaço, de forma a atender necessidades próprias de um grupo seletivo da sociedade.

Pensar na produção do espaço é pensar no “direito à cidade” como “um lugar de usufruto cotidiano e de encontros”, como sinalizava Lefebvre (2001). Nesse sentido, a reflexão passa a obrigar dos sujeitos ativos e agentes produtores do espaço a redefinição das formas e funções das estruturas que compõem o lugar, bem como, das necessidades inerentes à sociedade urbana. Engendrados nesse processo, o grupo social que habita esses espaços se expõe a uma série de fatores que obrigam esses indivíduos a buscarem soluções mais sustentáveis para todos que usam o espaço cotidianamente.

O crescimento demográfico das capitais brasileiras provocado, principalmente, pelos fluxos de imigrantes e pela diversidade econômica de cada lugar, aguçou a disputa por algumas localizações nas cidades. Pernambuco também se enquadra nessa realidade e a fábrica de tecidos de Camaragibe tornou-se referência no setor têxtil brasileiro boa parte da época em que esteve em atividade. Assim, os vínculos criados, ao longo de mais de cem anos, seguem ainda muito presentes no bairro e entre as pessoas que residem no local, sendo muitas delas descendentes de antigos trabalhadores da fábrica.

As ocupações de terrenos nas grandes Regiões Metropolitanas, assim como em Camaragibe, colocam o próprio direito à cidade como um vetor de análise, já que surge da demanda por algo “a mais” e que muitas vezes não se alinha às necessidades de todos os agentes. O direito pela participação, no que se refere à reprodução do espaço, perpassa pelo cruzamento das percepções desses agentes e é nesse contexto que a Vila da Fábrica se enquadra enquanto objeto de possibilidades.

O envolvimento da coletividade, quanto à produção espacial, deve tecer ações de uso e apropriação do solo cidadão que estejam voltadas às estruturas enquadradas na esfera política, econômica, cultural, etc. O interesse da comunidade em participar das definições relacionadas à preservação de alguns equipamentos históricos foi muito observado durante as entrevistas, principalmente quando indagados sobre o que fazer com o espaço da antiga fábrica, hoje em ruínas. Abaixo é possível constatar alguns desses depoimentos:

“Renovar o prédio da antiga fábrica e construir nele um museu para novas pessoas conhecerem a história” (Participante 42, idade: 17 anos)

“O prédio deveria virar um museu para preservar a história do surgimento da vila” (Participante 49, idade: 50 anos).

“Eu penso que deve se ter uma valorização, um respeito a identidade das memórias do lugar, especificamente pelos antigos moradores. Então, penso que vá se preservar e se for para fazer o desenvolvimento, pensando no próprio sítio histórico que se faça um urbanismo consciente e que não pense o lugar para explorar os recursos, porque o prédio da antiga fábrica é monumento cultural e um museu ou um centro cultural conservaria a área verde que existe ao redor e lá poderia implantar artesanato dos artistas locais, exposições e trabalhos culturais...” (Participante 58, idade: 26 anos).

Acho importante preservar o antigo prédio da fábrica, haja vista que poderiam ser criadas formas para sabermos mais sobre a cidade e tais pontos, gerando uma espécie de "museu/ponto turístico". Assim os moradores teriam mais identificação com sua origem (Participante 22, idade: 22 anos).

Cabe observar que, para alguns dos moradores, a forma abrupta de como se instalam empreendimentos, como o do Complexo da Reserva Camará, pode ameaçar o contexto histórico existente no lugar, fazendo com que seja necessário repensar o modelo de como os representantes do capital imobiliário ocupam os espaços, principalmente, aqueles que possuem uma ligação simbólica entre os sujeitos locais e os objetos históricos ainda existentes.

Assim, fazer uma leitura geográfica dessa história passada e vivida pela comunidade, mediante a percepção dos moradores, é levar em consideração seus depoimentos quanto à revitalização do prédio da antiga fábrica de tecidos e a devida preservação da área verde ao entorno dela. Esses temas tiveram relevância na maior parte das falas dos entrevistados, quando questionados sobre quais os impactos que possivelmente o bairro teria com a conclusão do complexo imobiliário Reserva Camará, sendo constatando em alguns dos relatos:

“Se os prédios forem destruir as áreas verdes, sou totalmente contra, mas ouvir dizer que o projeto tem um urbanismo consciente que, além de preservar a reserva, desenvolverá mais emprego e renda para comunidade. Ouvi boatos que seriam operadoras de serviços de telecomunicação e possibilitaria abertura de vagas de emprego. Mas não tenho certeza” (Participante 16, idade: 33 anos).

“Vai trazer mais transtorno, o trânsito vai aumentar e o meio ambiente será destruído” (Participante 47, idade: 43 anos).

“Destruição do ambiente natural, poluição do ar, dependendo da forma que serão construídos e para que esses prédios serão utilizados. E o crescimento de uma classe que está sempre em ascensão em detrimento da população do bairro “ (Participante 16, idade 33 anos).

Em contrapartida foi possível observar também aqueles moradores que saem em defesa do empreendimento ou até mesmo aqueles que não sabem do que se refere o projeto e, muito menos, dos impactos que podem causar ao lugar. Segue as referidas falas:

“Se chegar a construir vai ser ótimo para que pessoas possam comprar, aqueles que não tem casa sabe?” (Participante 23, idade: 49 anos).

“Vai trazer mais moradia para as pessoas da comunidade” (Participante 41, idade: 18 anos).

“O projeto traria mais desenvolvimento, museu, faculdade...” (Participante 49, idade: 50 anos).

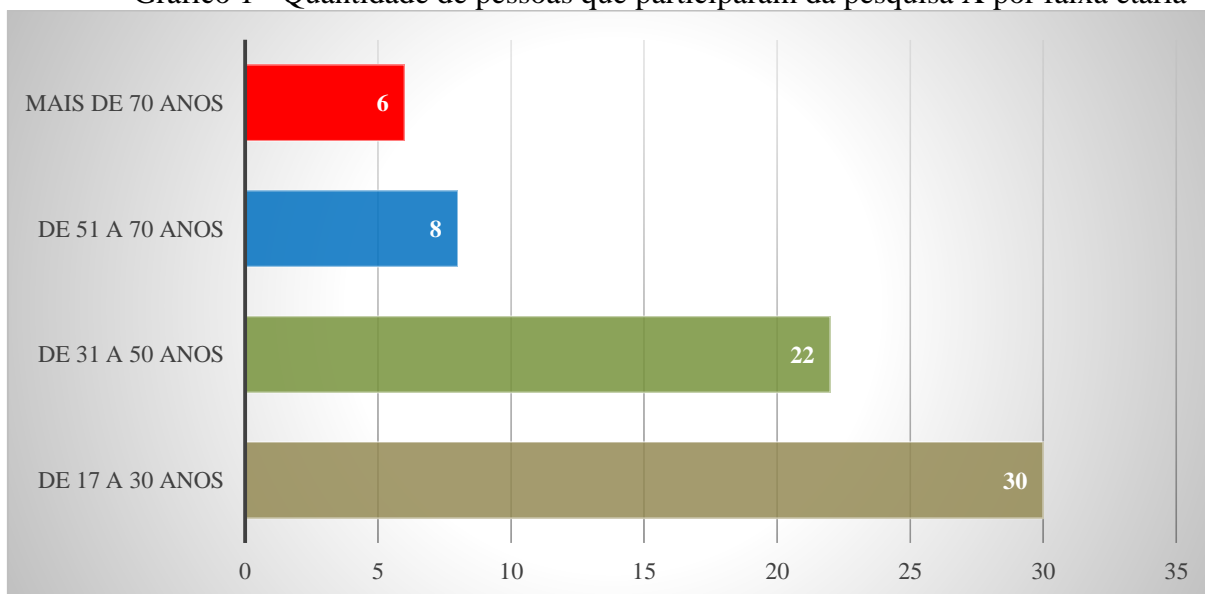
“Acho uma boa. Mais movimentação na cidade” (Participante 13, idade: 26 anos).

“Acho muito bom se não afetar de forma negativa as pessoas que moram ao redor do shopping. Ainda não sei muito sobre o assunto” (Participante: 7, idade: 26 anos).

Diante desses relatos, é possível observar o conflito de opiniões presentes em cada narrativa exposta. O choque dessas visões dá-se mediante as épocas distintas em que viveram essas pessoas, pois foram completamente influenciadas pelas experiências vividas em cada período, inclusive o atual.

Esse problema, causado pelo choque das visões, principalmente entre os moradores mais idosos e os mais jovens, estabelece diferenças de ações e transtornos nas relações de convívio entre os sujeitos produtores desse espaço. Para um melhor entendimento quanto à distribuição da faixa etária dos sujeitos participantes da pesquisa, faz-se necessário a exibição do gráfico:

Gráfico 1 - Quantidade de pessoas que participaram da pesquisa X por faixa etária

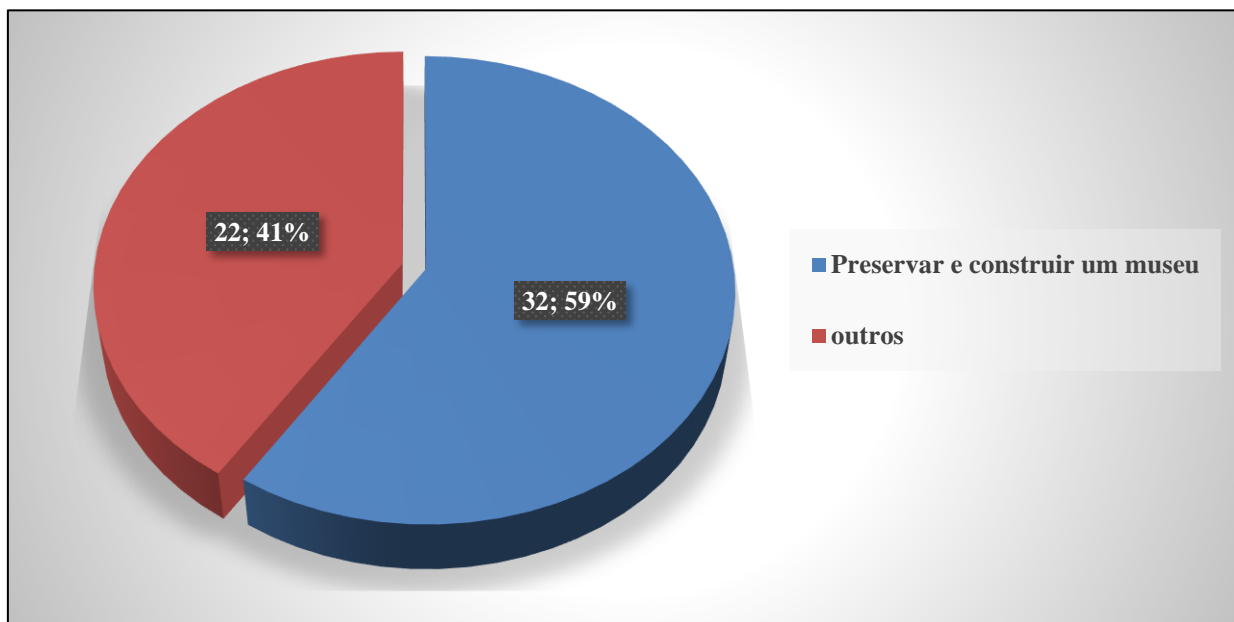


Fonte; a autora (2022).

As distintas percepções, notadas no decorrer dos relatos dos sujeitos participantes da pesquisa, evidenciaram o quanto a reprodução espacial, pautada nas alterações da infraestrutura física de algumas edificações presentes no lugar, favorecem a circulação do capital e servem de suporte para a instalação de crises mediante aos interesses da classe dominante. Vale salientar que, ao todo, foram entrevistados 12 moradores e aplicados 54 questionários, o que resultou num total de 66 participantes. É importante destacar que estes participantes estavam localizados na parte mais central do bairro, estando eles, no ato do contato, em suas residências ou em estabelecimentos comerciais pertencentes ao lugar.

Nesse ambiente de visões distintas, a Vila da Fábrica encontra-se imersa e servindo de suporte para um cenário de tensões e ações relacionadas às transformações do lugar. Na aplicação dos questionários e nas entrevistas, foi possível constatar, independentemente da idade dos participantes, a convergência de percepções quanto a alguns assuntos, um deles, a preservação dos bens históricos ainda presentes no bairro. O gráfico 1, retrata a opinião dos moradores sobre o que acreditam ser a melhor opção de uso do espaço, onde se encontra o antigo prédio da indústria têxtil de Camaragibe, localizada ao lado do shopping. É pertinente ressaltar que essa pergunta foi aplicada apenas nos questionários cujas respostas exibiram a seguinte realidade de opiniões:

Gráfico 2 – Opinião dos moradores quanto a refuncionalização do prédio da antiga fábrica de tecidos de Camaragibe



Fonte: a autora (2022)

Dos 54 questionários aplicados, 32 deles, o equivalente a 59% dos participantes, é a favor da revitalização da edificação da fábrica para a instalação de um museu. Logo, fica evidente que para a maioria dos moradores pesquisados, independentemente da idade, a instalação desse tipo de instituição cultural seria a ação mais apropriada no que se refere a reprodução e refuncionalização desse espaço.

O conjunto de elementos, inerentes aos monumentos históricos ainda presentes no bairro, são considerados expressões genuínas da identidade de um povo que, ao longo do tempo, constroem no espaço de moradia e convivência laços afetivos, que integram as relações existentes no lugar. Essa afetividade estabelece como consequência a necessidade de preservação e ainda a ressignificação dos valores culturais impressos nesses bens históricos.

Ancorada nessa narrativa de conservação de bens culturais e históricos, é possível observar como o conceito oficial de Patrimônio Cultural Industrial¹² se enquadra na história da Vila da Fábrica de Camaragibe e como esse conceito é abordado segundo o autor:

¹² De acordo com a Carta de Nizhny Tagil, documento do qual se origina o conceito, e utilizado pelo The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), órgão vinculado ao International Council of Museums and Other Sites (Icomos), ambos avaliam os patrimônios culturais mundiais e os reconhecem segundo a Unesco.

O patrimônio Industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de tratamento e de refino, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (RODRIGUES, 2018).

Com isto, locais em que foram instaladas antigas vilas operárias, a exemplo de Camaragibe, trazem, na sua essência histórica, a marca do desenvolvimento de atividades sociais relacionadas à rotina industrial, e tiveram também na sua formação espacial um conjunto de elementos importantes para preservação de identidade locais.

Os projetos de renovação urbana, geralmente, impõem-se de forma efêmera e abrupta, sem falar que muitas vezes se embasam numa orientação claramente antipopular, desconsiderando a opinião dos habitantes locais quanto a essas “renovações” impostas. Trata-se, com isso, de criar e fomentar espaços de modernidade, onde traços “arcaicos” inseridos no ambiente local passam a não mais aparecer na paisagem do lugar, deixando a maior parte da população sem possibilidade de intervenção quanto a essas mudanças.

Diversos estudos no Brasil vêm comprovando o aumento de interesse dos representantes do capital imobiliário para com espaços desindustrializados, principalmente aqueles que carregam historicamente uma vivência relacional e coletiva de operários ou descendentes deles com o lugar. Conforme estudo de Sousa (2019), foi assim na região Oeste do Rio de Janeiro, quando o Shopping Bangu, construído na área da antiga Fábrica de Tecidos Bangu, iniciou em 2007 seu funcionamento. Essa transformação permitiu ao lugar uma refuncionalização do espaço, situação similar ao que se propõe para a Vila da Fábrica de Camaragibe, com a implantação do complexo imobiliário.

A reprodução e a refuncionalização do espaço, na escala local, parte de grupos e agentes financeiros e econômicos representados por empresas do ramo imobiliário. Segundo Luz (2018), a cidade de Paulista, também inserida na RMR, inaugurou, no ano de 2015, em área da antiga Companhia de Tecidos Paulista, o seu centro de compras, o Paulista North Way Shopping. Anexo ao projeto, estão adicionadas torres empresariais e residenciais, a maioria delas, já concluídas. Sob tais condições relatam os autores:

Se os Shopping-Centers despontam como uma instância relevante da cadeia de distribuição de produtos e serviços, incluindo diversos tipos de lazer, eles são, outrossim, produtos de grandes empreendimentos imobiliários que vêm modificar a estrutura e o dinamismo das metrópoles (SANTOS; SILVEIRA, 2006, p.152).

Corroborando com esse cenário, o levantamento efetuado em 2021 pela Associação Brasileira de Shopping Centers (ABRASCE) mostra que o Nordeste é a segunda região que detém o maior número de estabelecimentos de compras configurados como Shopping Centers. A fatia nordestina assume o segundo lugar e fica com 17% da quantidade total dos shoppings construídos no Brasil, atrás apenas da região Sudeste, que em 2021, segundo ainda a ABRASCE, possuía uma fatia de 51%, assumindo, assim, a liderança.

De acordo com as previsões da Associação, o Estado de Pernambuco chegará ao final de 2022 com um total de 22 Shopping Centers, número que representa uma média de 673.058 milhões de m² de área construída. Essa refuncionalização do espaço com esses projetos têm sido cada vez mais comuns pelo país e, as formas como o capital privado tem se apropriado de certas características do urbano, em espaços centrais, tem sido cada vez mais recorrente, é o que se observa no relato de um dos entrevistados quando perguntado sobre qual o impacto em sua rotina cotidiana com a chegada do Camará Shopping:

A chegada do shopping está gerando investimento, aqui mesmo na vila tem um senhor que comprou uma casa aqui nessa rua e já vai fazer um bloco de apartamento pra o pessoal alugar e quando faz casa aqui agora, o pessoal tudinho aluga, é caro, mas aluga. Agora é porque o shopping tem que fazer mais coisa ainda, porque, pela maquete, tem universidade, tem apartamento, tem tudo... (Participante 59, idade: 60 anos).

Nesse sentido, a experiência mostra que a instalação de empreendimentos que reúnem em sua planta o centro de compras e o conjunto residencial, tendem a promover uma revalorização do lugar, resultando, conseqüentemente, na sua mercantilização. Os espaços afetados por esses arranjos promovem mudanças e alterações nos lugares e essas propostas não apenas modificam o espaço, mas facilitam a permanência do ciclo do capital.

Assim, o lugar, modelado pela ação do capital, repassa o controle da configuração espacial para o mercado privado e este, por sua vez, transforma a cidade em negócio. Logo, fazer uso dessa estratégia para integrar o espaço à acumulação capitalista, com as novas transformações, acabam por enquadrá-lo não apenas como produto, mas também como elemento produtivo. Isso implica numa dinâmica que obedece a lógica da valorização da

mercadoria, em que a venda do produto não mais é representada apenas por suas características, mas também pela estética e valores apresentados na embalagem e pagos pelo consumidor final (BARBOSA, 2014).

O crescimento de investimentos imobiliários concentrados em espaços periféricos, nos últimos anos, está atrelado à densidade demográfica encontrada nos grandes centros urbanos e à redução de renda de uma classe média centrada na metrópole que, em busca de imóveis que reúnam condições mais atrativas, com relação ao custo *versus* benefícios, fomentam o mercado que são voltados aos empreendimentos como o proposto para a Reserva Camará, no bairro da Vila da Fábrica, em Camaragibe.

É sob a luz do fenômeno do espaço, enquanto mercadoria, que é lançado um breve olhar sobre a perspectiva das ações que contribuem para uma compreensão mais atenta dos processos estratégicos. Esses processos se referem à apropriação do espaço em cada período, principalmente, nos lugares onde as mudanças ocorreram de forma mais tardia no decorrer das últimas décadas.

4.1 O espaço como mercadoria, prática contemporânea

Os processos que englobam as cidades circunvizinhas às metrópoles, enquanto lugares propícios para a industrialização, inicia-se no Brasil no século XIX, e é fortemente acentuado nas primeiras décadas do século XX. A expansão do modelo industrial ocorre em regiões do mundo inteiro. Essa modelagem passa a desenhar, nesses lugares, protótipos de modelos quanto às formas e estilos de vida que estabelecem práticas e atividades padronizadas e irreversíveis.

Com esse novo molde, surge o espaço urbano que se estende e se integra às formas de organização constituídas por elementos que provocam estímulos ao contato externo, o que resulta na hierarquização socioespacial. Esse ambiente passa a promover a concentração de poder nas mãos de uma elite burguesa representada pelas classes dominantes existentes no país.

Pensando nas características que moldaram a formação dessa classe dominante brasileira, é possível sinalizar dois acontecimentos que são fundamentais para a compreensão de como se desenham os arranjos espaciais nos tempos atuais. O primeiro, marcado pela presença do capital exportador, que promoveu a instalação de aparelhos voltados a prestação de serviços e comércio ligados a uma economia exportadora representada pela classe oligarca

rural. E o segundo, a intensificação do controle do aparelho do Estado, que passou a viabilizar, por parte de grandes industriais, a inserção da produção industrial em cidades menores.

Essas cidades, marcadas pela atividade industrial, passariam a ter o Estado como regulador das relações entre o capital e o trabalho e estariam ancoradas nas exigências do capitalismo industrial. Os investimentos em infraestrutura também estariam assegurados pelo Estado, assim como a execução de mecanismos que garantissem os meios de consumo coletivo, todos responsáveis pela difusão das condições gerais para o funcionamento da indústria e conseqüentemente do espaço urbano.

A extensão do tecido urbano, promovida pelo funcionamento da dinâmica industrial, carrega com ele os “germes” da *pólis* atrelada às práticas políticas e sociais que levantam preocupações com a qualidade de vida cotidiana, com o meio ambiente e, propriamente, com a reprodução ampliada da vida. A materialização desses processos de produção e reprodução espacial resultaria do confronto do industrial com o urbano, presente principalmente em lugares que contemplaram, em períodos de formação, a rotina industrial.

Inserida no âmbito de todo esse debate contextual, a Vila da Fábrica enquadra-se na lógica do mercado e da mercadoria, enquanto lugar propício à difusão dessa lógica. Assim, articulando-se com Recife e com outros centros urbanos, Camaragibe, ainda na sua gênese, contabiliza no seu contexto histórico a relevante interação com a Europa, quando antes mesmo da elaboração do projeto da fábrica têxtil constata, nas conexões efetuadas com a França, similaridades que possivelmente foram capturadas nas viagens de Carlos Alberto de Menezes.

Engenheiro projetista, acionista e gestor da fábrica, Menezes alimentou também suas ambições de militante religioso e industrial em sua longa viagem, primeiramente para sua terra natal, Rio de Janeiro, e em seguida para Val-des-Bois, na França. Com essas experiências, apreende Menezes detalhes do funcionamento das tecelagens localizadas nessas regiões, o que se tornaria referência para o projeto industrial Camaragibense. Conhecer a fábrica francesa, pertencente ao industrial Léon Harmel, foi uma experiência definidora e inspiradora para a organização social que se fundaria paralelamente ao funcionamento da unidade fabril instalada na vila operária pernambucana.

Segundo Amaral (2019 p. 5), Léon Harmel foi um industrial francês que fez de sua fábrica um laboratório para formação da corporação cristã, cujo prédio central do complexo era a capela. O modelo influenciou Menezes, quando dedicou um espaço para a instalação da primeira capela da vila operária de Camaragibe, dentro da indústria têxtil. Outra influência foi ver que Harmel e seus familiares residiam na vila operária em Val-des-Bois, fato que muito o aproximava dos operários e de toda a rotina produtiva da fábrica.

Outro acontecimento importante para a fundação da fábrica de tecidos de Camaragibe foi Menezes ter conhecido padre Léon Dehon, fundador da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Em sua visita a Camaragibe, em 1906, padre Dehon deixa saltar os olhos, em destaque no seu diário, para o contingente de presença negra e indígena na população local, o que poderia ser considerado um indício de conformação da classe trabalhadora de Camaragibe. O líder da Congregação vinha de uma longa viagem que fez a diversos países como Argentina, Uruguai e o próprio Sul do Brasil e, por isso, tinha elementos suficientes para comparar (AMARAL, 2019 p. 9).

A primeira capela instalada no núcleo fabril localizava-se dentro da fábrica e, por muitos anos, funcionou como reduto de eventos religiosos que atraíam os operários e seus familiares. Não por acaso, o Sagrado Coração se tornou o padroeiro da cidade de Camaragibe e até hoje, no dia em que se comemora a data do padroeiro, acontece um dos eventos religiosos mais representativos e lembrados por parte da comunidade da Vila da Fábrica, o que pode ser constatado nas falas dos participantes quando questionados sobre qual o evento que mais representa a história do bairro:

“Pra mim, assim como pra minha mãe e avó, dos eventos que mais representa a Vila, são as Diversas festas do padroeiro Sagrado coração de Jesus, procissões, festividades na praça de eventos, circos que ali se instalam, instalações de parques temporários (roda gigante, pula-pula, bate-bate, etc)” (Participante 53, idade: 23 anos).

“O evento mais antigo que lembra a Vila da Fábrica é a festa do Sagrado Coração de Jesus, em frente a gruta de nossa senhora” (Participante 3, idade: 20 anos).

“A vinda das Irmãs da Sagrada Família, que trouxeram o Sagrado Coração de Jesus para a vila de operários” (Participante: 10, idade: 33 anos):

A dimensão religiosa, implementada na Vila da Fábrica, se tornou sólida e intensa durante todo o período industrial, continuando até os dias atuais, na qual a presença da igreja e dos rituais ainda são muito considerados por parte dos moradores, inclusive os mais jovens. No que tange à singularidade, o modelo de indústria com vila operária e ação paternalista, acrescida do elemento religião, disseminou-se país afora durante todo o século XX. Por conseguinte, a conjugação de todos esses elementos promoveu a formação de relações no espaço de convívio do cidadão Camaragibense e isso ainda é muito visível no bairro atualmente.

À vista disso, o conjunto de práticas e ideias que condicionam as relações entre lugar e poder faz com que entendamos, de forma emergencial, que a reprodução do espaço e

consequentemente a mercantilização do lugar, apresentam-se de forma indissociável. Logo, a reprodução do espaço passa a ser um meio estratégico para acumulação do capital, cuja lógica do valor de troca sobre o valor de uso se estabelece sobre o espaço, transformando-o em mercadoria, e sendo intensamente adotada na contemporaneidade.

4.2 O lugar como elemento de valor de uso e valor de troca

O processo de valorização do espaço é estabelecido pelas condições que permitem que o ciclo do capital se desenvolva, estando ele voltado à viabilização dos processos de produção, circulação, distribuição, troca e consumo. Conforme o grau de interesse dos agentes dominantes do espaço, a fragmentação dos lugares em múltiplas células torna-se uma realidade estratégica para a acumulação do capital. Como pode nos asseverar Carlos (2001, p. 15), “nesse plano, há uma lógica que tende a se impor como “ordem estabelecida” que define o modo como a cidade vai-se reproduzindo”.

O valor de uso, atrelado à dimensão utilitária do espaço, está sobreposto a determinações históricas, passando, assim, o valor de troca a orientar a instrumentalização do espaço e, consequentemente, a sua mercantilização. Para Lefebvre (2001, p. 135), o “valor de uso corresponde à necessidade, à expectativa, à desejabilidade. O valor de troca corresponde à relação dessa coisa com as outras coisas, com todos os objetos e com todas as coisas no mundo da mercadoria”. Sob essa compreensão, o “mundo da mercadoria” teria sua lógica, seu discurso e sua própria linguagem. Pensando a temática com a realidade da Vila da Fábrica, em Camaragibe, é possível refletir junto às falas dos sujeitos participantes da pesquisa quando questionados sobre suas opiniões quanto aos impactos que a instalação do complexo imobiliário Reserva Camará poderá ocasionar ao bairro:

O projeto do conjunto de prédios que irão compor a Reserva Camará é composto por edifícios altos que reproduzem uma dinâmica genérica sem qualquer relação espacial local, destoando profundamente do seu entorno (Participante 53, idade: 23 anos).

Acho o projeto da Reserva ruim, porque vai desmatar as árvores (Participante 26, idade: 17 anos);

Acho que será só para os ricos ...pois os pobres de Camaragibe nem pela frente vão ter acesso (Participante 8, idade: 38 anos)

Não estava sabendo sobre isso, mas, dependendo da situação, esses prédios podem ser algo bom para a comunidade (Participante 38, idade: 17 anos).

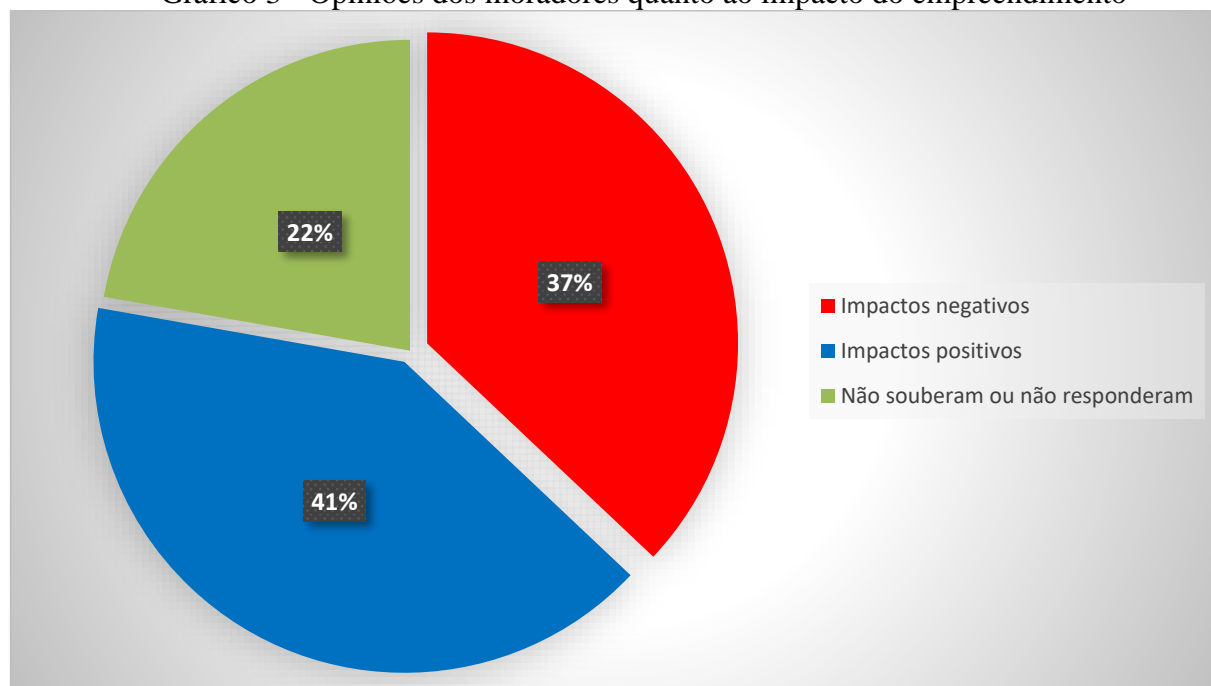
Acho bom, porque irá valorizar ainda mais a cidade e principalmente o bairro, fazendo e trazendo mais habitantes para Camaragibe (Participante 52, idade: 45 anos).

Acho que a Reserva Camará vai ser legal, vai gerar mais empregos, é o que estamos precisando "o capital girar" bastante (Participante 21, idade: 35 anos).

Fazendo uso dessa análise, é possível notar que o confronto de opiniões gera expectativas variadas quanto à implantação total do empreendimento. Essas visões distintas encerram uma realidade complexa, em que as possibilidades são encaradas de forma imbricada, no que se refere aos impactos pertinentes, relacionados a realidade de vida de cada sujeito habitante do lugar.

No próximo gráfico, é possível constatar o contingente total dos participantes selecionados e a forma como enxergam os impactos positivos e negativos referentes à implantação do complexo imobiliário Reserva Camará, no bairro da Vila da Fábrica:

Gráfico 3 - Opiniões dos moradores quanto ao impacto do empreendimento



Fonte: a autora (2022)

Nessa perspectiva de percepções, é possível enxergar que os fatores atrelados aos impactos positivos, sendo eles os mais citados – mais valorização para bairro, mais emprego e mais moradia – corresponderam a um percentual em torno de 41%, enquanto que os relacionados aos impactos negativos, sendo alguns desses – mais poluição para a Vila, mais congestionamento de trânsito e mais desmatamento da reserva – representam 37% das opiniões, de um total de 66 participantes. Os que não souberam ou não responderam representaram um grupo em torno de 22%.

É a partir desse quadro de percepções distintas que o espaço em que a Vila da Fábrica está localizada vem se transformando. A percepção dos moradores do lugar quanto a essas alterações foi alvo no contexto empírico da investigação deste trabalho, pois o processo geral de reprodução do espaço está diretamente atrelado a forma desigual de participação, no que se refere aos novos arranjos espaciais introduzidos ao espaço, estando diretamente ligados ao uso e apropriação do solo urbano.

Para compreender o contexto social atual do bairro, foi necessária a observação dos equipamentos que compõem o patrimônio histórico e cultural da Vila da Fábrica. O intuito foi observar o nível de conservação que esses itens recebem dos agentes produtores do espaço, uns geridos pelo poder público local, outros por proprietários privados. Essa intervenção auxiliou na coleta de dados quanto à percepção dos indivíduos que fazem uso da Vila da Fábrica, sobre o aspecto de preservação e restauração desses equipamentos. Como nos cita alguns dos participantes da pesquisa:

As antigas edificações históricas são relíquias que trazem história do meu bairro (Participante 1, idade: 18 anos).

Acredito que há uma urgência para revitalizar as edificações, por parte dos órgãos responsável pelo patrimônio material, uma articulação entre a fundação de cultura, a FUNDARPE e o IPHAN. E também uma necessidade de promover atividades de educação patrimonial que conscientize a população sobre a importância de cuidar, proteger e fiscalizar as edificações, no sentido mesmo de preservar o legado histórico e cultural que a vila tem (Participante 16, idade: 33 anos).

Importante, pois a partir do patrimônio cultural encontra-se a identidade. Destruição retira a memória e a história (Participante 47, idade: 43 anos).

Acho que a preservação deve ser uma questão entendida pelo poder público como urgente (Participante 53, idade: 23 anos).

Preservar as edificações históricas é entender que a história do bairro é extremamente importante para o surgimento da cidade (Participante 48, idade: 41 anos).

Esses depoimentos referem-se aos 18 monumentos históricos existentes no bairro, os quais fazem parte do relatório do patrimônio histórico e cultural da Vila da Fábrica. Esse documento teve a participação da Fundação de Cultura do município na sua elaboração.

É importante salientar que os promotores imobiliários, em parceria com os representantes da política local, estabelecem discursos que se convergem para com as falas dos entrevistados, narrativa essa que se encontra exposta no próprio site do complexo imobiliário da Reserva Camará. No seu espaço de divulgação, os agentes do empreendimento abordam a importância da preservação tanto dos monumentos como da vegetação existente no bairro.

No entanto, na prática, essas narrativas se conflitam quando observamos, por exemplo, a tentativa da gestão do shopping em retirar da praça centenária a gruta da santa localizada em frente ao centro comercial. O objetivo era a construção de um terminal de ônibus que viabilizaria um maior fluxo de pessoas para frequentar o estabelecimento. Tal fato não teve êxito devido à resistência dos moradores, o que acabou por evidenciar que as relações entre as decisões para reprodução do espaço, predominantemente, não consideram e não são pensadas por todos os sujeitos que habitam o lugar.

Nesse contexto, a valorização espacial, resultante da renovação dos lugares, impulsiona transformações que atingem não apenas a estrutura física das cidades, mas, principalmente, a dinâmica cotidiana dos sujeitos, grande parte residentes. Na tentativa de homogeneizar a cidade enquanto reduto moderno, onde a variedade de serviços e técnicas passam a fazer parte desse cotidiano de forma mais propínqua, preserva-se traços identitários do lugar condicionando esse à população local quanto às transformações.

Nesse caso, em se tratando de traços identitários, percebe-se que para parte dos moradores da Vila da Fábrica, mesmo após a implantação do Camará Shopping em 2018, é importante, por exemplo, preservar a sirene centenária da antiga fábrica de tecidos, já que ela é considerada um equipamento que durante muito tempo serviu para orientar atividades cotidianas dos moradores.

O comércio, as escolas e a própria indústria têxtil faziam parte das atividades vividas na vila diariamente e o toque da sirene, em muitos momentos do dia, servia para orientar na execução dessas atividades. Diante da relevância simbólica desse equipamento, o shopping

estrategicamente manteve o toque da sirene, passando ela a funcionar nos períodos de abertura do centro de compras. Isso ocorre desde a inauguração do Camará Shopping.

O condicionamento dos corpos dos operários, quanto à obediência de uma rotina produtiva, estabelecia um padrão de cumprimento de horário por parte dos indivíduos que ali trabalhavam e residiam. Esse toque, denominado pelos moradores como o “apito da fábrica”, reporta um passado de lembranças, onde a dinâmica de vida, promovida pela rotina fabril, era tomada pelo envolvimento e sentimento coletivo, principalmente entre os mais idosos. Quanto a esse aspecto, temos nas falas de alguns dos participantes, quando questionados sobre a preservação do apito, os seguintes relatos:

O apito da fábrica era muito importante, porque tocava pra avisar a hora de ir trabalhar, pra não perder a hora, o apito dá muita saudade, tem dia que eu ainda escuto, boto o aparelho e ainda escuto (Participante 56, idade 101 anos).

O apito ajudava porque a gente estava em casa ou estava lá em Tabatinga e estava ouvindo o apito da fábrica e aí já sabia que era a hora de vim trabalhar (Participante 57, idade: 87 anos).

Esses símbolos e representações, mantidas com a renovação do espaço, promovem o surgimento de novos valores que, na contemporaneidade, são produzidos pela sociedade de consumo local. Sendo assim, na ocasião, a lógica da manutenção do apito por parte da administração do shopping faz sentido quando se considera o poder do toque em atrair pessoas para a prática de consumação, já que o equipamento é considerado de uso misto no que diz respeito a um lugar que concentra lojas e espaços de lazer. É válido ressaltar também que o estabelecimento, nesse período, passa a vender a identidade local com a renovação de hábitos e costumes diferentes do que existia antes do centro de compras.

Em Lopes (1988, p. 20), quando se refere à “apitos de fábrica com vilas operárias”, encontramos a alegação que os mesmos são utilizados como forma de “dominação embutida”, em que o corpo do próprio dominado interioriza de forma subjetiva a maneira como deve construir seu cotidiano e conseqüentemente sua história de vida no lugar.

Porém, não era só na rotina de trabalho diário e no período de festas que o apito da fábrica poderia ser ouvido, geralmente isso ocorria em quase todos os eventos religiosos promovidos pela fábrica e igreja da vila. A semana santa tinha, na cerimônia de lava-pés, dias dedicados à oração e jejum, a celebração do sábado de aleluia e a missa do domingo de páscoa

também eram eventos marcados com o toque da sirene. Os padres e as freiras da comunidade eram os organizadores diretos desses eventos e a presença de toda direção da fábrica condicionava o momento como sendo de aproximação informal entre patrões e empregados.

Atualmente, muito das pessoas que habitam o bairro desde a época industrial cresceu dentro de uma rotina de trabalho constituída no núcleo fabril, em que se podia ouvir o toque do apito desde o primeiro dia de vida. Esses indivíduos que lá residem são predominantemente descendentes dos antigos operários da fábrica e, durante a pesquisa, foi possível notar o quanto o apito, até hoje, comove e, de certa forma, até orienta a comunidade em suas atividades do dia.

O mecanismo utilizado como estratégia de atração é citado explicitamente pelos moradores como sendo algo importante para execução de algumas das práticas diárias, como, por exemplo, pagamento de contas, uso do serviço de cartório e bancos, que existem dentro do shopping. Logo, é possível compreender o interesse de manter o apito que, por mais de cem anos, condicionou os corpos dos operários não sendo, por acaso, uma mera coincidência que, nos dias atuais, ele tivesse também o poder de atrair e condicionar parte desses mesmos corpos, ou de seus descendentes, para as compras, o consumo e os serviços lá oferecidos.

O lazer e o entretenimento também foram aspectos relacionados nas manifestações dos sujeitos pesquisados, principalmente quando se lançou a pergunta sobre o que mudou em seu cotidiano após a implantação do shopping. Conforme respostas abaixo, é possível averiguar:

O shopping possibilitou a saída de casa, pois antes do shopping não tinha lugar de lazer igual outras cidades (Participante 32, idade: 17 anos).

Comecei a me divertir mais indo ao shopping nos finais de semana (Participante 42, idade: 17 anos).

Um lugar para lazer perto dos moradores, para ir com a família e amigos (Participante 29, idade: 17 anos)

Trouxe diversão para os moradores de perto (Participante 37, idade: 17 anos)

Como é possível notar, a opinião dos mais jovens é unânime quando se refere a associação do shopping ao lazer. As opções de entretenimento oferecidas pelo centro comercial alteraram em muito a rotina da juventude do bairro, que tem no empreendimento seu principal objeto de descontração e diversão, embora não sejam o acesso ao consumo e ao lazer a realidade de muitos que moram no bairro.

Em se tratando de lazer, outra evidência atestada nas falas dos entrevistados é que o bairro apresenta a carência de espaços públicos comunitários como praças e centros culturais para o fomento da cultura popular local. Essa escassez faz com que parte da população reconheça apenas no shopping o reduto para essas atividades e práticas, ainda que não esteja ao alcance de todos os sujeitos do bairro. Essa carência mostra a fragilidade da presença do Estado no território quanto a inserção desses instrumentos com essa relevância.

Com isto e, gradativamente, a redução da identidade coletiva, representada pela memória histórica de uma legião de moradores, torna-se pacífica e adulterada, principalmente entre aqueles que se reconhecem como mais jovens e contemporâneos. À exemplo disso, podemos observar nas falas dos participantes abaixo de 50 anos quando questionados se com a instalação do complexo imobiliário o lugar ficará mais valorizado:

“Os novos empreendimentos vão valorizar mais o lugar com certeza, pois como eu falei antes, isso atrairá cada vez mais, não só novos moradores, como também, investimentos para a cidade” (Participante 52, idade: 45 anos).

“Sim, vai valorizar o lugar e muito, pois os prédios vão estar perto do shopping de um centro de compras e de lazer” (Participante 15, idade: 27 anos).

“Sim, com mais moradores teremos melhoria no transporte público” (Participante 32, idade: 17 anos).

Em contrapartida, os mais velhos não possuem uma impressão tão positiva sobre essa valorização do bairro após a conclusão da Reserva Camará. Como podemos observar:

“A valorização do lugar existe desde que haja um cuidado com a vegetação, a fauna e os recursos hídricos da cidade. Pois as construções sem esse tipo de preocupação estão cada vez mais poluindo sem a devida atenção ao meio ambiente” (Participante 5, idade: 60 anos).

“Será ruim, ocasionará no aumento do já caótico trânsito do município de Camaragibe” (Participante 18, idade: 50 anos).

“Só é ruim o aumento da violência, assaltos, muita gente estranha no bairro agora” (Participante 56, idade: 101 anos).

“Vai ter que colocar mais segurança, pois é muita gente de fora vindo pra cá agora, muito roubo” (Participante 59, idade: 62 anos).

Esse horizonte de opiniões distintas torna visível a mistura de visões que acaba por influenciar nas ações e práticas de convivência entre os indivíduos que, por enquanto, permanecem residindo no bairro. Muito mais que uma sobreposição de percepções, o desdobramento dessas visões implica numa teia de atos individuais e coletivos, que fazem do espaço um meio para condicionar a vida e a história de cada lugar, assim como para sinalizar as perspectivas de permanência dos antigos moradores no local, mesmo depois de todas as alterações.

4.3 Os distintos olhares dos moradores face às atuais transformações

Uma parte aonde existe a Fábrica poderia ser feito um Museu. Já a parte que só contém um terreno, poderia ser feita uma praça, tipo o DONA LINDU (BOA VIAGEM) para a população poder aproveitar e ter aonde ir, pois Camaragibe é escasso de lugares de lazer (Participante 22, 22 anos).

No terreno da antiga fábrica, deveria ser construída outra fábrica com mais empregos (Participante 45, 62 anos).

A grande área que compreende o terreno da antiga fábrica já está ocupada, encontra-se instalado um Centro comercial que disponibiliza, no mesmo local, variados tipos de serviços, lojas, cinemas, bancos, playground, cartório, salão de beleza e clínica de saúde, conhecido como Shopping Camará. Ao lado do Shopping Camará ainda existe o prédio da antiga fábrica de tecidos, uma propriedade privada, aparentemente com características de abandono, sendo coberta de mato e plantas silvestres. Penso que tem que ser feito uma limpeza aos arredores e uma revitalização na área verde e na estrutura para preservação e conservação do imóvel, considerando que o mesmo possui muita relevância cultural, arquitetônica e histórica. Acredito que, se os órgãos responsáveis pelo tombamento do Patrimônio Imaterial, e os representantes da sociedade civil, junto com a comunidade, poderiam transformar o prédio em um Museu, um Memorial ou um Centro Cultural. Um espaço de inovação, Ciência e Cultura, oferecendo para a população a oportunidade de interagir com a arte, a tecnologia e a criatividade. Penso em preservar o patrimônio e promover a economia criativa, o turismo local. Em um futuro não muito impossível, poderíamos promover dentro do prédio; feiras de artesanato, gastronomia e artes, eventos culturais, celebração, oficinas de cultura popular, atividades com músicas. Produzir um acervo histórico e bibliográfico, até mesmo uma exposição permanente dedicada aos operários e personagens importantes, moradores da Vila da Fábrica (Participante 16, 33 anos).

Observando a Vila da Fábrica “de fora” e no momento atual, é possível notar uma estrutura enquadrada numa realidade predominantemente de expansão habitacional espontânea e irregular, onde a parte inicial configura-se pelas ruas e casas da época da pequena e singela vila operária. As moradias e ruas que, ao longo do tempo, ampliaram-se sem nenhum planejamento urbano, apresentam formas distintas perceptíveis aos olhos de quem frequenta o

bairro. No decorrer do tempo, a paisagem imprime estilos tradicionais e contemporâneos dessas moradias e, conseqüentemente de um cotidiano engendrado de percepções distintas por parte dos habitantes quanto a reprodução desse espaço.

Essa relação propicia visões diversas quanto às transformações em curso e propostas para a configuração espacial futura do bairro. A amplitude e a intensidade das opiniões dos sujeitos exercem forças que não são equânimes quanto à geração de ações de uso e de formas de apropriação do espaço. Essas forças, ajustadas ao poder, determinam o elemento definidor do uso do lugar, em que a tomada de decisão orientada no “como”, “quando”, “o que” e “para quem” mudar se estabelece. Esse universo de forças, poder e ações se desvelam na cotidianidade e segue ancorado por um discurso que se pauta na modernidade.

Sob a luz de Lefebvre (1968, p. 38-39), quando analisou a sociedade europeia nas décadas de 1950 e 1960, é possível associar que a realidade de uma determinada sociedade se forma pela simultaneidade da modernidade e da cotidianidade, sendo essas dimensões consideradas em duas faces dessa simultaneidade. Para Lefebvre, seria o cotidiano representado pelo “modesto e sólido, o que vale por si, aquilo em que as partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo, e assim somente aparentemente insignificante”, ao mesmo tempo em que o moderno seria o apenas aparentemente audacioso, “sinal do novo ou da novidade: o suntuoso, o paradoxal, marcado pela tecnicidade ou pela mundianidade”. Para o sociólogo francês, esses aspectos – o cotidiano e o moderno – complementam-se e legitimam um ao outro.

A dialética Lefebvrina é aqui observada mediante duas dimensões: a cotidianidade e a modernidade. Considerando os sujeitos financeiros e do Estado, que representam o capital e a concentração do poder, atuariam estes atores sob a lógica capitalista para reprodução espacial mediante o planejamento urbano voltados ao uso dos carros nas cidades e ao tamanho das estruturas residenciais projetadas segundo conteúdos de consumos, estejam eles relacionados à novas facilidades ou produtos.

É válido ressaltar que Lefebvre distingue a vida cotidiana da cotidianidade, pois a primeira representa a possibilidade de produção da vida pelo próprio ser humano, enquanto a segunda resulta do planejamento e da programação da vida cotidiana pelo capitalismo moderno, abrigo predominantemente, as possibilidades de redução da vida cotidiana dos indivíduos de uma sociedade.

Nesse contexto, um contingente significativo, com relação a necessidade de se criar políticas públicas que orientem na melhoria da infraestrutura urbana, passa a surgir no bairro

da Vila da Fábrica. É possível citar aqui a melhoria do transporte coletivo tão solicitado pelos moradores e que apenas por intermédio da inserção dos novos equipamentos arquitetônicos, dentre eles o Camará Shopping, tiveram parte dessa carência atendida. É possível constatar o feito, através do seguinte depoimento:

Após a instalação do shopping, melhorou, sim, com certeza, as empresas de transporte aumentaram as rotas, incluíram mais opção de condução, como van, micro-ônibus, ônibus com tempo curto de espera (Participante 16, idade: 33 anos).

Embora seja assegurado por alguns moradores que houve melhoria no transporte público, a maior parte dos participantes da pesquisa discordam dessa opinião e até relataram os motivos pelos quais acreditam que a melhoria do transporte público, no bairro, ainda não aconteceu, mesmo depois da instalação do Shopping. Algumas das respostas relacionadas a essa indagação:

Infelizmente, não, principalmente na linha do Vila da Fábrica, que só piora a cada dia (Participante 10, idade: 33 anos).

O transporte público não melhorou após o shopping, eles ainda demoram muito (Participante 40, idade: 18 anos).

Não, infelizmente, o número e os horários dos transportes públicos continuaram os mesmos, só mudaram o trajeto (Participante 17, idade: 43 anos).

Houve, sim, depois da instalação do shopping tem várias opções pra se deslocar pro shopping (Participante 21, idade: 35 anos)

Através das declarações acima, é possível observar que um processo de conflitos se forma entre os sujeitos que habitam o lugar. Geralmente o quadro dessas percepções conflitantes vão se estabelecendo à medida que o espaço vai sendo reproduzido, seja sob a responsabilidade da classe de indivíduos que representam o poder financeiro em parceria com o Estado, seja pela sujeição da classe dos indivíduos representados pelos moradores que não possuem poder de participação quanto a essas renovações.

Em contrapartida, as vias de acesso para o Camará Shopping foram revisadas com o propósito de atrair um maior fluxo de pessoas para frequentarem o lugar. Como exemplo, citamos a via que liga o Centro de Camaragibe ao shopping, aberta exclusivamente para ampliar esse contingente. Essa via está localizada ao lado do mercado principal do município. Assim, é possível notar que a melhoria na quantidade de opções para os deslocamentos dos usuários,

culmina apenas para abertura das rotas destinadas ao estabelecimento, deixando de fora desse planejamento outras áreas mais carentes de transporte público no bairro.

Além dessa via, outro acesso alternativo pensado, após a finalização da primeira etapa do complexo imobiliário Reserva Camará, foi a que liga o bairro de Aldeia ao da Vila da Fábrica. De acordo com o Censo do IBGE (2010), o bairro de Aldeia possui um contingente populacional de 6.460 habitantes, fator relevante para a execução do investimento na abertura da via. Outro trajeto que assume um caráter facilitador de acesso ao Camará Shopping é a Avenida Caxangá, conhecida como grande corredor de veículos que transitam diariamente entre o bairro de mesmo nome e o da Vila da Fábrica.

Ainda no âmbito do planejamento urbano, é possível notar que, mesmo com as medidas e condições citadas após o funcionamento do Camará shopping, congestionamentos são gerados com frequência em alguns horários, principalmente na via de principal acesso ao bairro da Vila da Fábrica. Tal realidade sinaliza a carência do lugar no que se refere à falta de investimento em obras de infraestrutura relacionadas à melhoria e até ampliação das vias urbanas da cidade. Tais ações fazem com que a população cobre dos órgãos públicos responsáveis uma maior atenção para o planejamento urbano, fazendo com que a mobilidade urbana seja adequada a todos que habitam o município. A recorrência dos congestionamentos foi pontuada como fator negativo após a implantação do shopping pela maior parte dos participantes da pesquisa.

Outro relato destacado durante a aplicação dos questionários e execução das entrevistas, tanto pelos mais jovens quanto pelos mais idosos, foi o racionamento de água ocorrido com mais frequência após a instalação do centro de compras. Moradores citaram que, para atender a demanda diária do shopping, as residências chegam a ficar, por vários dias, sem abastecimento. Seguem algumas das falas em respostas à pergunta relacionada a quais os problemas sentidos após a implantação da primeira etapa da Reserva Camará:

Um dos maiores problemas enfrentados pelo bairro após o shopping foi a falta d'água, pois o abastecimento era antes do Açude da Mata e depois do shopping ficou com a COMPESA (Participante 44, idade: 61 anos).

Uma das piores mudanças foi porque todo o sistema de água da gente era abastecido pelo açude, que abastecia a Vila da Fábrica, o Açude da Mata, então esse açude abastecia toda nossa vila e até aqui a parte de baixo do bairro. Era feita com a tubulação de ferro de antigamente, então a gente não sofria aqui não, eu tinha até parentes da minha mãe que muitas vezes vinha lá em casa pra, moravam em outra cidade e vinham pra lá pra casa pra lavar roupa, porque não faltava água e agora essa água toda vai pro shopping e a gente ficou com a COMPESA, num sistema misto que seria um sistema entre duas barragens. Foi uma das exigências do shopping em assumir todo o terreno da fábrica que ela disse que queria ficar com o sistema de água do açude (Participante 55, idade: 50 anos).

Quando tinha do rio vinha a água da COMPESA, pelo menos 3 dias com água e 4 sem, agora temos que esperar 15 dias ou mais pra termos água, isso é um absurdo (Participante 9, idade: 32 anos)

No exposto acima, é possível notar que grandes empreendimentos, como esses de porte do complexo imobiliário Reserva Camará, são reconhecidos como objetos de grande impacto, no que se refere ao potencial de interferências que causam ao entorno de sua área de inserção. Logo, pensar as relações que possam contribuir para uma melhor dinâmica urbana na cidade é fator primordial que deve ser encarado de maneira coletiva, já que todos fazem uso dos recursos pertencentes ao lugar, independentemente da idade ou do tempo de moradia dos sujeitos habitantes.

O fluxo e o encontro de pessoas sempre foram tidos como elementos essenciais para a prática comercial e o consumo como um todo. Esses fatores geralmente promovem não só a circulação como as trocas, sejam de objetos tangíveis ou de experiências, o que configura um viés social na realidade cotidiana dos lugares. Assim, os Shoppings Centers são constituídos não só como novas áreas para o fomento do comércio, mas também como um espaço para a convivência, o encontro e o lazer. Esse novo estilo compõe um arcabouço de um sistema entrelaçado às atratividades, geralmente centralizadas mediante a oferta de facilidades, comodidades e flexibilidades, reunidas em um só estabelecimento.

As relações com as áreas centrais tradicionais dos lugares passam, com a chegada dos shoppings, por uma alteração em sua dinâmica de uso, uma vez que, principalmente entre os mais jovens, o ambiente do shopping passa a substituir algumas opções de lojas que antes se localizavam apenas no comércio local, geralmente fixadas no centro do município. As compras de confecções e itens de uso pessoal são as primeiras a serem direcionadas ao shopping e a maneira como alguns dos participantes da pesquisa abordam esse assunto fortalece o enunciado:

A chegada do shopping não impactou no comércio local, porque as propostas são diferentes, o shopping é para quem tem dinheiro (Participante 47, idade: 43 anos).

Um dos maiores efeitos do shopping para o comércio local foi a novidade do cinema e das lojas de roupas que a gente tinha que ir até o centro pra poder ter aquela roupinha da moda, hoje ficou muito mais fácil (Participante 4, idade: 47 anos).

Claro que quando se instala um grande empreendimento em alguma cidade o comércio local acaba sofrendo um pouco. Mas ainda há relutância entre os moradores mais antigos que ainda preferem se deslocar ao centro da cidade ao invés de comprar em shoppings (Participante 7, idade: 26 anos).

O efeito foi negativo: pessoas deixam de comprar em comércios mais humildes para comprar no shopping (Participante 22, idade: 22 anos).

Essas foram algumas das respostas concedidas após o questionamento sobre os efeitos e impactos causados ao comércio local. E, como é possível notar, os impactos tanto no comércio do bairro quanto no seu entorno, representam depoimentos com visões distintas, havendo moradores que veem impactos mais negativos que positivos e vice-versa. A escolha pelas compras no comércio local estaria prejudicada pela falta de estacionamento, ficando o ambiente que concentra o comércio tradicional muito aquém das inúmeras vagas oferecidas pelo Camará Shopping.

A chegada desse equipamento também provocou um aumento nos fluxos dos veículos que circulam pelas próprias ruas do bairro, sendo relevante notar que a completa construção do complexo imobiliário Reserva Camará ainda não foi concluída, o que deve ampliar, expressivamente, o tráfego desses espaços. As várias falas dos entrevistados quanto ao tema de aumento de congestionamento e transtornos no trânsito após o shopping, nos faz refletir:

Com o aumento do tráfego de veículos, percebe-se um elevado número de buracos na via, causando um grande transtorno (Participante 18, idade: 50 anos).

O shopping trouxe um grande problema, o aumento dos engarrafamentos (Participante 16, idade: 17 anos).

O trânsito é o maior problema enfrentado pelo bairro após a instalação do shopping (Participante 36, idade: 18 anos).

Em minha opinião, acredito que foi a questão do aumento do movimento dos automóveis na principal via de acesso a Padre Oseas, causando muitos buracos (Participante 52, idade: 45 anos).

Como é possível observar, na percepção dos participantes, o aumento da população conjugado ao aumento da frota de veículos que circula no bairro, passou a provocar uma acentuação de problemas concentrados nas principais vias de acesso e ao entorno do bairro.

Essas mudanças, com o passar do tempo, tendem a abalar as interações entre os indivíduos, favorecendo a segregação do espaço. Com isto, o despertar para uma consciência no que se refere a um planejamento urbano que busque promover a melhoria da infraestrutura do bairro se faz urgente. A urgência para os municípios periféricos, com históricos de áreas

desindustrializadas, passam a ser ainda maiores, pois muitas vezes, esses lugares não possuem uma realidade de planejamento adequado para receber, abruptamente, tantos veículos como é o caso da Vila da Fábrica, em Camaragibe.

De acordo com o IBGE, a posição de Camaragibe com relação ao ranking dos municípios de Pernambuco adicionado às suas respectivas médias de renda per capita atingiu seu ápice no ano de 2007, quando a cidade ficou em 15º lugar, apresentando uma renda média de 1,8 salários mínimos, realidade bem diferente da atualidade, cujos números de 2019, ainda segundo o Instituto, enquadram o município na 29ª posição.

Certamente o centro de compras foi planejado e instalado no bairro levando em consideração fatores como esses que estão relacionados à melhoria da renda da população. A gestão de governos progressistas, que atuaram no Brasil entre os anos 2000 e 2016, deve ser levada em consideração para uma melhor compreensão desses processos.

Como reflexo dessa realidade, o mercado imobiliário local encontrou no bairro da Vila da Fábrica condições que possibilitaram a descentralização de novos modelos habitacionais concentrados geralmente nas metrópoles, dando destaque a lugares e áreas de subúrbios. O histórico passado de grandes acontecimentos, quando ainda na formação desses espaços, além do período com ausência de circulação tanto de pessoas quanto de veículos, são fatores destacados nos canais de divulgação do complexo imobiliário, o que demonstra a relevância desses pontos para a lógica da mercantilização atual do lugar.

Com isso, o Camará Shopping assume, na atualidade, o papel de uma alavanca para venda das unidades habitacionais que fazem parte do projeto do complexo imobiliário Reserva Camará, podendo o argumento impulsionar também a procura pelas residências mais antigas do lugar. Sobre esse dilema, os participantes da pesquisa possuem percepções divergentes quando indagados se o projeto pode promover a valorização dos imóveis e com isso a mudança de moradores:

Após a instalação do shopping, o lugar valorizou tanto que hoje se cobra preços absurdos pelas residências do bairro (Participante 3, idade: 41 anos).

Parte do terreno da fábrica deveria ser usado para construir casas para pessoas sem condições financeiras e que moram em casas precárias da comunidade (Participante 38, idade: 17 anos).

Com a chegada do shopping os valores referentes a aluguéis aumentaram consideravelmente (Participante 7, idade: 23 anos).

É nessa conjuntura que o bairro da Vila da Fábrica encontra-se afetado, seja isso reconhecido de forma individual ou coletiva. É nesse cenário que tanto a dimensão econômica, como a dimensão social, acaba por marcar o espaço pela seletividade, uma vez que a capacidade dos indivíduos, tanto de consumir como de usufruir, não acontece de forma equitativa.

Desse modo, o antigo bairro industrial de Camaragibe apresenta, no período atual, diferenças com relação aos períodos precedentes, pois duas variáveis que são difundidas pelo centro do sistema econômico do mundo refletem em todos os lugares do globo. Trata-se da informação e do consumo, cuja disseminação resulta nos processos de transformações, sejam da economia, da sociedade e até da própria organização do espaço. Como nos relata Santos (2008, p. 35-36), a difusão da informação e a difusão das novas formas de consumo são, simultaneamente, geradoras de forças que resultam na organização do espaço.

A difusão da informação acaba por servir à disseminação do consumo, atuando como um sustentáculo para ampliar os modelos consumistas, inspirados pelos países mais ricos. Esse cenário amplifica o aparecimento de novos bens, estilos e comportamentos dentre os países mais pobres. Embora difundido, o consumo acaba, na prática, não acontecendo na mesma intensidade escalar, já que o fator “renda” atrelado à sociedade de cada lugar, exprime uma hierarquização de atividades proporcionais aos ganhos financeiros de cada indivíduo. Esse dilema também é percebido em alguns relatos dos participantes, como é possível constatar:

[...] o lado positivo é poder ter lojas, cinema e uma praça de alimentação para ir com os amigos/familiares (Participante 22, idade: 22 anos).

O shopping é um lugar de lazer, compras, fast-food, mais próxima para os moradores (Participante 34, idade: 18 anos).

Ficou tudo mais perto, podemos pagar contas, comprar livros, passear com os amigos sem ir para longe de casa (Participante 34, idade: 18 anos).

Pra mim, não mudou nada, as vezes eu só vou ao local, tudo lá é muito caro (Participante 36, idade: 18 anos).

Nada, só nos sábados que eu vou para os “rolé” (Participante 40, idade: 18 anos).

O comércio se tornou mais movimentado, porém, atualmente, todos os bens estão muito caros, então poucas pessoas têm condições de comprar (Participante 28, idade: 17 anos)

Nesses depoimentos, é possível verificar que existe uma variedade e uma intensidade nos usos e acessos, já que há frequentador que apenas vai ao shopping para divagar entre as lojas existentes, não tendo recursos financeiros para atender sua necessidade de compra. Esse movimento assinala que esses acessos estão relacionados à situação financeira de cada grupo social e que a realidade de consumo é bastante diferenciada mediante a essa realidade.

Em contrapartida, nos países desenvolvidos, localizados no centro econômico do mundo, a disparidade de renda quase não influencia no seletivo acesso a um grande número de bens e serviços. Essa realidade acontece geralmente nos países caracterizados como periféricos, onde essa disparidade entre rendas representa uma realidade de consumo extremamente variada e desigual. Com isso, fica constatado que o nível de renda chega a determinar a intensidade de consumo de cada um, seja o sujeito produtor ou consumidor.

Nesse contexto, os novos estilos se difundem na escala do lugar em meio a subsistência dos estilos tradicionais, que, por sinal, resistem, imprimindo ao espaço um cenário de nível de consumo variado, tanto qualitativamente, como quantitativamente. É possível notar que as especificidades que norteiam as preferências da população Camaragibense contribuem para manter determinados usos e formas espaciais integradas a processos contemporâneos relacionados ao uso do espaço.

Assim, as particularidades resistentes no tempo e no espaço são evidenciadas na organização da economia da sociedade local, repercutindo, sem precedentes, na urbanização do lugar. Por fim, essas particularidades estariam combinadas, pois, sob a luz de Harvey (2005, p. 62), sustentam-se essas particularidades a processos combinados, em que a expansão capitalista é, simultaneamente, *intensificação* de desejos, necessidades sociais e *criação* de um espaço novo para garantir o processo contínuo da acumulação. Nesse contexto, estaria a Vila da Fábrica na mira desse olhar rentista e mercantil?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da mercantilização do lugar, derivada da reprodução do espaço, comprova, com a implantação do complexo imobiliário Reserva Camará, ser o espaço uma instância social, tendo ele um valor explicativo para as transformações do solo urbano. O projeto promovido pelo setor imobiliário possui um perfil inovador, que repercute numa reprodução espacial constituída por elementos que impactam na valorização do bairro da Vila da Fábrica e, conseqüentemente, nas relações entre as pessoas que habitam o local.

A pesquisa compreendeu como o processo de transformações socioespaciais ocorridas na Vila da Fábrica pode culminar no remanejamento do espaço enquanto mercadoria e como a valorização do lugar, na percepção dos moradores, pode refletir nas formas de usos e apropriações das áreas urbanas. Logo, referenciar, no primeiro capítulo, o par dialético das categorias *espaço e lugar* faz sentido no critério de exibir a conjuntura atual de uma comunidade permeada por um contexto histórico significativo, marcado pela industrialização.

Com efeito, ficou constatado que a implantação do empreendimento traz à tona os conflitos entre gerações, resultando no acirramento das visões e opiniões quanto às transformações em curso. As distintas percepções dos sujeitos moradores do lugar, dos mais jovens aos mais idosos, adquirem importância significativa para entender a lógica da reprodução do espaço. Dessa forma, entender que a expansão imobiliária, típica da RMR, oferece para o município de Camaragibe não apenas possibilidades de valorização, mas também o aprofundamento das desigualdades, sinalizando que a expansão do capitalismo faz uso do urbano para difundir sua reprodução em áreas periféricas.

Nesse contexto, a reprodução do espaço da Vila da Fábrica confirma o interesse dos agentes do capital por lugares desindustrializados, sendo esses agentes representados pelo setor imobiliário. Assim, as áreas que detém esse potencial histórico tornam-se alvos para a implantação de empreendimentos de uso misto, que oferecem, principalmente, um modelo conjugado de residência, lazer e diversidade de lojas e serviços. Estruturas enquadradas nesse padrão garantem a instauração do modelo capitalista contemporâneo, em que os fundamentos da hegemonia resguardam o usufruto seletivo dos espaços que, por ora, vão se compondo em arranjos espaciais fragmentados e divididos, independente da escala espacial.

O movimento dado ao uso do espaço da Vila da Fábrica parte de pressupostos históricos que se sobrepõe ao tempo e articula, simultaneamente, as variadas apropriações. De acordo com

o exposto ao longo deste trabalho, o processo histórico que permeia o bairro onde está inserida a antiga vila operária contribui, no período atual, para a inserção de novos objetos e, conseqüentemente, de novas dinâmicas. Logo, as relações entre os sujeitos são redefinidas e passam a orientar os processos internos quanto à reformulação da cidade. Isso implica que o processo do urbano deixa às margens das decisões um contingente de sujeitos que não participam dessas alterações e que se sujeitam ao modelo de vida estabelecido pelo padrão do capital.

Por sua vez, é na parceria entre os agentes imobiliários e o poder público local que encontramos o assentamento das ideias e interesses relacionados à valorização dos espaços, como no caso da Vila da fábrica. Assim, é possível afirmar que a implantação de empreendimentos como o Camará Shopping enquanto primeira etapa do complexo imobiliário Reserva Camará, engendra aspectos relacionados à infraestrutura e a serviços urbanos que tendem a não se enquadrarem com a realidade de parte da cidade.

Regida por essa lógica, a consolidação desses projetos reflete na valorização do lugar e, conseqüentemente, na sua alteração gradativa após essas inserções. Nesse contexto, a pesquisa também comprovou que os vinte e seis hectares de flora, existentes no terreno da antiga fábrica de tecidos, integra a preocupação de um contingente expressivo de moradores quanto à importância da preservação dessa área verde, atualmente ameaçada pelo megaprojeto em curso.

Outra dinâmica que gera expectativa nos moradores do bairro é a ampliação das vias de tráfego, uma vez que a necessidade de melhoria nos transportes públicos foi um dos fatores apontados nas entrevistas e nos questionários como algo fundamental para aperfeiçoar a mobilidade urbana do bairro. Não por acaso, essas condições atrelam-se às facilidades da rotina diária para aqueles que fazem uso dos ônibus, já que o pequeno acréscimo efetuado até o momento não atingiu a maioria da população usuária desses veículos coletivos.

Seguindo a reflexão, outro aspecto citado pelos moradores participantes das entrevistas e dos questionários foi quanto ao abastecimento d'água, já que o racionamento aumentou após a instalação do centro de compras. Segundo os relatos, esse cenário seria em decorrência da alteração da fonte abastecedora do bairro, que teria sido transferida para o shopping como condição da sua instalação no lugar. O abastecimento para comunidade era efetuado pela estrutura de encanação ligada diretamente ao Açude da Mata, estando essa agora direcionada exclusivamente ao shopping. Atualmente, o gerenciamento de água para a comunidade residente no lugar passou a ficar sob responsabilidade da COMPESA.

Quanto à empregabilidade, a pesquisa revelou o contraponto entre as narrativas dos agentes responsáveis pelo centro de compras e as reais possibilidades de emprego ofertadas à população do bairro até o momento. O discurso que legitimava a criação de novos postos de trabalho para os moradores do bairro, após a construção do shopping, foi, na realidade, incipiente, uma vez que a maior parte dos contratados pelas lojas já em funcionamento advém de outras localidades da RMR. Essa divergência potencializa a inquietação dos sujeitos residentes, que teciam no imaginário a esperança de repetição dos tempos de outrora, trabalhar e morar no mesmo local.

Como justificativa para a implantação do empreendimento, essas são, de certa forma, narrativas trazidas pelos agentes representantes do sistema imobiliário que, predominantemente, se lançam para vender o belo, o surpreendente e o moderno, com estilo de moradia direcionados ao alcance de todos. Os valores financeiros estabelecidos para aquisição desses equipamentos fogem da realidade dos mais pobres que, mediante as condições de vida precária, ficam sujeitos aos locais de morros e encostas. Pautado em contradições, os relatos dos participantes da pesquisa deixaram evidentes a insatisfação quanto ao aumento expressivo de congestionamento das vias de trânsito, a escassez dos postos de trabalho, a restrição da distribuição da água e o uso seletivo de espaços, principalmente aqueles direcionados às novas moradias.

Mediante esse quadro, vale ressaltar que, dos 58 equipamentos que compõem o patrimônio histórico do município de Camaragibe, concentram-se só no bairro Vila da Fábrica um total de 18, sinalizando o grau de importância quanto à preservação desses objetos. Esse número, constatado na pesquisa, revelou que na percepção dos mais jovens esses monumentos deveriam passar por uma requalificação tanto nas formas como nas funções, enquanto os sujeitos mais idosos opinaram, na maioria das vezes, pela preservação total desse arcabouço arquitetônico.

Um dos fenômenos relevantes analisados na pesquisa foi a valorização imobiliária tardia de algumas habitações localizadas no espaço da antiga vila operária. Comparando-se com a capital pernambucana e outras cidades da RMR que tiveram maiores investimentos imobiliários no início dos anos 2000, o bairro da Vila da Fábrica, enquanto antigo bairro industrial, teve sua dinâmica de circulação de pessoas reduzida com o fechamento da fábrica em 2004. Do período seguinte, até a inauguração em 2018 do Camará Shopping, foram 14 anos sem dinâmica espacial, o que levou Camaragibe a ser reconhecida como cidade dormitório por mais de uma década.

Por trás da valorização tardia, existem dois fatores preponderantes que auxiliam na direção desse recente movimento de investimento imobiliário no bairro da Vila da Fábrica. O primeiro está ligado à elaboração de políticas públicas dos governos progressistas, realizados nos anos iniciais do século XXI. Esse fator estaria relacionado ao aumento de renda da população menos favorecida financeiramente, o que passou a viabilizar um maior acesso a determinados bens de consumo, justificando, inicialmente, a implantação do centro de compras no local.

O segundo fator liga-se a densidade demográfica da metrópole, uma vez que a saturação dos espaços e o alto custo dos empreendimentos ali localizados provocam, na atualidade, uma maior busca por conjuntos residenciais que abarquem um maior número de itens de lazer com valores mais acessíveis, mesmo que esses estejam situados em bairros mais periféricos, como é o caso do bairro da Vila da Fábrica, em Camaragibe.

Do ponto de vista simbólico, ficou evidente que a Vila da Fábrica e seus *Sistemas de Objetos e Sistemas de Ações*, ligados à formação histórica do lugar, têm, na perspectiva do global-local, uma realidade de influências permanentes desde sua gênese. Tal dinâmica é percebida, por exemplo, no sistema educacional instalado no bairro. Criado por religiosas francesas no ano de 1902, esses objetos trouxeram na época uma perspectiva revolucionária para o espaço, persistindo tanto na forma como na função até os dias atuais. Os prédios que alojaram as primeiras escolas são considerados, pelos participantes da pesquisa, como um dos equipamentos que mais representam a história local.

Corroborando com a análise, foi observado que os itens relacionados à conservação do patrimônio histórico da Vila da Fábrica, representados pelos equipamentos destacados no segundo capítulo, possuem um expressivo valor simbólico para os moradores. A percepção dos sujeitos mais antigos geralmente está orientada para a conservação desses equipamentos ligados à época industrial, pois, como justificativa relatada por parte dos participantes, eles remontariam a história de formação socioespacial do lugar, contribuindo para a manutenção dessa memória histórica local.

Contudo, os mais jovens acreditam que a preservação é importante, devendo ocorrer, porém, alterações nas funções desses objetos que, por ora, devem se adequar às necessidades atuais da comunidade. Para o grupo representado por essa faixa etária, o Camará Shopping é citado como um exemplo disso, pois, erguido em parte do terreno da fábrica, trouxe serviços, lazer e entretenimento para o lugar. Foram descritos nesses relatos o quanto era exaustivo para a população ter que se deslocar ao centro da metrópole para fazer compras e pagar contas. Na

visão dos jovens entrevistados, o equipamento gerou mais facilidades para os moradores e mais independência para o bairro como um todo.

Porém, ficou constatado que, quando se trata da preservação do prédio da antiga indústria têxtil, a opinião é unânime, pois tanto os indivíduos mais jovens como os mais velhos comungam pela revitalização da requintada edificação. Na visão dos participantes, o prédio, atualmente em ruínas, poderia dar lugar a um museu para que o acesso, tanto dos residentes do bairro como de pessoas que apenas visitam o local, fosse facilitado e levasse a todos um pouco da história da fase industrial ocorrida no lugar. No terceiro capítulo deste trabalho estão relacionados alguns pontos importantes referentes à mencionada memória da fase industrial, bem como o valor simbólico dos eventos que, por décadas, acontecem na comunidade.

A análise, proporcionada pela pesquisa, também ganha relevo quanto à ampliação da desigualdade socioespacial que existe no bairro, sendo esse outro aspecto relevante observado. Constatou-se que uma quantidade expressiva de residências precárias está instalada na área onde ocorre uma expansão habitacional espontânea irregular, não tendo esses moradores nenhuma possibilidade de usufruto dos novos estilos de moradia projetadas para o bairro. Com isso, e para correlacionar, são apenas os grupos dos sujeitos enquadrados nos níveis socioeconômicos mais elevados que ditam e usufruem das formas de uso e acesso aos bens de consumo estabelecidos pelo modelo proposto e enquadrado num estilo mercantil e segregador.

Outra constatação está relacionada ao aumento nos valores dos imóveis existentes no bairro. A percepção dos moradores quanto à mercantilização desses imóveis acontece, principalmente, após a instalação do Camará Shopping. Segundo a percepção dos residentes participantes da pesquisa, esses valores subiram expressivamente e devem ficar ainda mais altos após a conclusão do complexo imobiliário Reserva Camará. Mediante a isso, foi observado também que algumas casas já foram vendidas e que algumas famílias já saíram do bairro, fato que contribui para dissolver, aos poucos, o sentimento de pertencimento ligado à memória histórica do lugar.

Além disso, evidenciou-se que a mercantilização do lugar, com a inserção desses empreendimentos, provoca a acentuação de problemas relacionados ao aumento da violência no bairro, já que a visibilidade, possibilitada ao bairro após a inauguração do shopping, contribuiu para um acentuado fluxo de pessoas vindas de outros locais. Essa onda de imigrantes temporários, segundo alguns participantes da pesquisa, seria o fator responsável pelo aumento de assaltos e furtos ocorridos na comunidade. Segundo os moradores, a dinâmica desses fluxos,

nos últimos anos, assim como o aumento das infrações, passa a exigir maiores ações do poder público local quanto à segurança no bairro.

Também como parte desse contexto, o valor de uso orientado pela questão utilitária do espaço desencadeia a lógica do valor de troca quando o lugar se encontra condicionado aos objetos instituídos no espaço. Esse movimento revela como o lugar vai se reproduzindo enquanto mercadoria e como vai se tornando elemento chave para a reprodução da dinâmica hegemônica do sistema capitalista. Exposições relacionadas a esse contexto estão destacadas no quarto capítulo onde se aborda os detalhes sobre a mercantilização do lugar na conjuntura atual.

Deve-se reconhecer que por trás de muitos projetos, como esse sugerido para a Vila da fábrica, existem problemas sérios, no que se refere à dimensão social do lugar. Tal mudança passa a revelar um caráter duplo à cidade que, impressa na paisagem, torna-se perceptível. O exame desse argumento advém de uma análise relacionada à regeneração de uma área central do município e de um entorno espacial circundante de pobreza que se amplia, consideravelmente, cada vez mais.

Também, é plausível relatar que os nexos horizontais e verticais, criados no tempo e no espaço, estão relacionados à história da Vila da Fábrica, promovendo uma sucessão de usos e apropriações, sendo cada época histórica trazida no corpo deste trabalho. A periodização, utilizada como instrumento de orientação para a escrita da Dissertação, viabilizou o entendimento quanto ao pioneirismo da antiga vila operária de Camaragibe, estando ela enquadrada na fase rural enquanto cenário de produção de cana-de-açúcar, na fase centenária industrial relacionada ao período da produção têxtil e até mesmo na fase atual, com a instalação de equipamentos caracterizados pela dimensão do consumo.

Ficou evidenciado que, no período industrial, a classificação de núcleo fabril estaria voltada a forma organizacional dos equipamentos instalados, sendo eles fundamentais para a fixação permanente do sujeito operário e de seus familiares. Ademais, o termo núcleo fabril também representa a irradiação e intensidade de fluxos, sejam de pessoas, sejam de mercadorias que o lugar viveu durante toda sua formação e dinâmica históricas.

Essa realidade de assentamentos para operários tem suas semelhanças com o que aconteceu no Brasil, quando o país vivenciou a passagem de uma organização social voltada a ordem escravista para uma de ordem assalariada. Esse período passou a viabilizar, portanto, a

instalação de indústrias que foram espalhadas pelos Estados brasileiros e, com elas, a construção de casas para moradia e a formação da dimensão social nesses espaços de produção.

Sem ter, por ora, a pretensão de esgotar a temática, foi possível verificar como fenômenos ocorridos no lugar podem servir como processos de análises relacionados com a transformação de áreas urbanas e como essas alterações tendem a ocasionar, em cadeia, na mercantilização do lugar. Somando-se a isso, foi possível averiguar o quanto o campo da Geografia apresenta instrumentos para uma investigação que possa promover práticas integradoras e participativas entre os sujeitos envolvidos com a reprodução espacial.

Respalhada por uma consciência que o contínuo aprimoramento da análise teórica-conceitual não se encerra com o sucinto trabalho, prevê-se que esse estudo de caso requeira um maior aprofundamento analítico das reflexões que envolvam as categorias *Reprodução do espaço e Mercantilização do lugar*. Por conseguinte, para que essa compreensão se torne possível, é necessário que a interpretação dos fatos, relacionados à realidade que os abarcam, seja atingida por sucessivos e contínuos estudos científicos, estando eles atrelados a variados processos geográficos que, direta ou indiretamente, contribuem para um maior e mais profundo entendimento do objeto de estudo.

REFERÊNCIAS

- ABRASCE. Associação Brasileira de Shopping Centers. Pernambuco. Disponível em: <https://abrasce.com.br/numeros/estados/> Acesso em: 15.02.2022
- AGUIAR, Sylvana Maria Brandão; LIMA, Lúcio Renato Mota. **A fábrica de tecidos de Camaragibe e sua organização cristã do trabalho (1891-1908)**. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP-v.1.
- AMARAL, Deivison Gonçalves. **A corporação cristã em perspectiva transacional: interações e transferências entre as organizações católicas para trabalhadores de Camaragibe (Brasil) e Val-des-Bois (França)**. In: Revista Mundos do trabalho. v 11. p. 1-23. Florianópolis. 2019.
- AZEREDO, Verônica Gonçalves. **Bairro como lugar do vivido**. In: Revista Geosaberes. v 7. p. 40-50. Fortaleza. 2016.
- BARBOSA, Adauto Gomes. Exclusivismo socioespacial na Região Metropolitana do Recife: produção do espaço e governança do complexo imobiliário, residencial e de serviços Reserva do Paiva. 2014. 291 f. (Tese de Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Pernambuco. 2014
- BARBOSA, Flávia Felix. **O capital em contradição: notas acerca das mudanças espaciais na dinâmica da acumulação capitalista**. In: Nexos econômicos, n.1, v. 12, 2018, pp. 37-57, jan-jun 2018.
- BOTELHO, A. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. **Cadernos Metrópole**, núm. 18, julho-diciembre, 2007, pp. 15-38. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8727>. Acesso em: 28.03.2022.
- CANO, Wilson. **Questão regional e concentração industrial no Brasil 1930-1970**. São Paulo. UNESP: 2007.
- CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo. UNICAMP. IE: 2007.
- CARDOSO, André Luiz Rocha. **Trens de subúrbio nas rotas de exportação: Uma dinâmica urbana para as ferrovias pernambucanas de longa distância (1858 – 1900)**. 2018. 54 f. (Monografia em Licenciatura em História) – Programa de graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, Pernambuco, 2018. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em 15.01.2021.
- CARDOSO, André Luiz Rocha. **Usos, preservação e patrimonialização das estações ferroviárias de Pernambuco**. 2021. 141 f. (Dissertação em Licenciatura em História) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, Pernambuco, 2021. Disponível em: [https:// http://pgh.ufrpe.br/sites/default/files/testes-dissertacoes/Usos%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20e%20patrimonializa%C3%A7](https://http://pgh.ufrpe.br/sites/default/files/testes-dissertacoes/Usos%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20e%20patrimonializa%C3%A7)

C3%A3o%20das%20esta%C3%A7%C3%B5es%20ferrovi%C3%A1rias%20de%20Pernambuco.pdf. Acesso em: 24.01.2022.

CARDOSO, Edinalva Alves. **Aspectos do município de Camaragibe – PE e questões de limites**. Monografia de Bacharelado, Curso Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo. HUCITEC: 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo. Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo. Contexto, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo. FFLCH: 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. São Paulo. Labur edições, 2017.

COLLIER, Eduardo. **Carlos Alberto de Menezes Pioneirismo Sindical e Cristianismo**. ed. Digital Graph, 1996. 147p.

CORREIA, Telma Barros. **De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular**. In: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, n.4, 2001, pp. 83-98.

CORREIA, Telma Barros. **As cidades Jardins: os conjuntos residenciais de fábricas (Brasil 1918-1953)**. In: Anais do museu paulista. São Paulo. N. Sér. V 22. n.1. p. 161-198. Jan-Jun 2014.

CUNHA, Juliana (FUNDARPE); FRANÇA, Jacira (FUNDARPE); PARAÍSO, Amanda (IPHAN-PE). **Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe**. Fase 1. 2018. Disponível em: <https://www.camaragibe.pe.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/INVENTARIO-CAMARAGIBE-fase-1.pdf>. Acesso: 07.06.2022.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. São Paulo. Perspectiva, 2015.

DINIZ, Gonçalo Pereira. **A consciência católica perante o pobre: da Revolução Industrial à contemporaneidade**. 2011. 149 f. (Mestrado integrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica Portuguesa, faculdade de Teologia, Lisboa, Portugal, 2011. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em 15.01.2021.

EMPREENDIMENTO: Camará Shopping é aposta de desenvolvimento. FECOMÉRCIO-PE. 2018. Disponível em: <http://fecomerciope.com.br/site/empreendimento-camara-shopping-e-aposta-de-desenvolvimento/>. Acesso em: 27.01.2022.

FERNANDES, Ana Cristina. **Da estruturação corporativa à competição entre cidades: lições urbanas sobre os ajustes de interesses globais e locais no capitalismo contemporâneo.**

FERNANDES, Ana Cristina. **Sistema territorial de inovação ou uma dimensão de análise na geografia contemporânea.** In: SPOSITO, Eliseu et al (org). A diversidade da Geografia Brasileira: escalas e dimensões de análise e da ação. Rio de Janeiro. Consequência Editora, 2016, pp. 113-143.

FERNANDES. Florestan. **A revolução burguesa no Brasil.** São Paulo. Globo: 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** Pernambuco. Global editora:2003.

GUERRA, Marta de Araújo. **Camaragibe, retratos de uma história.** Recife: Livro Rápido, 2007.

HARVEY. David. **Os limites do capital.** São Paulo. Boitempo:1982.

HARVEY. David. **Cidades Rebeldes: do direito a cidade a revolução urbana.** São Paulo. Martins Fontes: 2014.

HARVEY. David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo. Annablume: 2005

HARVEY. David. **A justiça social e a cidade.** São Paulo. Hucitec:1980.

HARVEY. David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo. Loyola: 2008.

HISSA. Marina Cavalcante. **Operações Urbanas Consorciadas: o caso na implantação de Shoppings Centers em Fortaleza.** 2017. 199 f. (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25923>. Acesso em: 11.01.2022.

IMÓVEIS, Do JC. Bairro planejado – Reserva Camará começará vendas em 2015. **Jornal do Comércio**, 04 de setembro de 2014. Bairros. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/imoveis/noticia/2014/09/04/reserva-camara-comecara-vendas-em-2015-143969.php> Acesso em: 21.08.2021

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** UFMG: 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo. Centauro: 2001.

LEFEBVRE. Henri. **A cidade do capital.** Rio de Janeiro. 2001.

LEFEBVRE. Henri. **La production de l'espace.** Paris. Anthropos: 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo. Ática: 1991

LEMOS, Pe. João R. **Camaragibe: suas raízes e sua história**. Camaragibe/PE. CCS Gráfica e Editora Ltda.: 2012

LIRBÓRIO, Lúcia Ferreira. **Modernidade Técnico-Científica-Informacional na Agricultura: o Cultivo do Algodão Colorido no Nordeste do Brasil**. 2015. (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:

LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo. UNB: 1988.

LUZ, Everton Barbosa da. **A nova Paulista: o processo de renovação urbana na área central do município de Paulista/PE**. 2018. 134 f. (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/33076/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Everton%20Barbosa%20da%20Luz.pdf>

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo. Atlas: 2019.

MARICATO, E. "**Reforma Urbana: Limites e Possibilidades. Uma Trajetória Incompleta**". In: Ribeiro, Luiz César de Queiroz e Orlando Alves dos Santos Jr. (orgs.). **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, 309-325.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio Augusto. **O espaço da diferença**. Campinas. São Paulo. Papiрус: 2000. p. 176-185.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n.111, jul./dez. 2006 9 p.09-18. Disponível em: http://www.dpi.inpe.br/Miguel/UrbisAmazonia/Monte_Mor_UrbExtensiva_RPDesReg_2006.pdf

PADUA, Rafael Faleiros de. **Produção e consumo do lugar: espaços de desindustrialização na reprodução da metrópole**. 2011. 295 f. (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04072012-132838/pt-br.php>. Acesso em: 03 out. 2019.

RAFAEL, Larissa Monteiro. **Representações espaciais da biodiversidade da Mata Atlântica por jovens de Camaragibe, Pernambuco**. 2011. 114 f. (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

REVISTA CIRCULAR TÉCNICA 140. Campina Grande, PB: EMBRAPA, 2016. Manejo do Bicudo-do-algodoeiro em Áreas de Agricultura Intensiva. ISSN 0100-6460.

RODRIGUES, Ronaldo. Patrimônio Cultural e Industrial: perspectivas e ações de preservação. [Entrevista concedida à ItaúCultural]. Minas Gerais. MG. 06.02.2018. Disponível em: www.itaucultural.org.br. Acesso em: 06.05.2022.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2014

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: EDUSP: 2013.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no século XXI**. Rio de Janeiro. Record: 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo. Hucitec: 1993

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo. Nobel:1985.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo. Edusp: 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adélia A;. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo. Hucitec: 1998.

SANTOS, Emanuel Moraes Lima dos. **A fábrica da Macaxeira e a vila dos operários: a luta de classes em torno do trabalho e da casa em uma fábrica urbana com vila operária (1930 a 1960)**. 2017. 471 f. (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Vol.1. São Paulo. Cortez: 2011.

SOARES, Manuel. **Cidades-Dormitório e Ligação ao lugar: um olhar sobre Condeixa-a-Nova**. 2018. 171 f. (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Economia Universidade de Coimbra. Portugal, 2018.

SOUZA, Gabriel Magalhães Campos de. Bangu: do bairro operário à centralidade Comercial, uma análise sobre conflitos e cooperações entre agentes produtores do espaço urbano do bairro. In: XIII Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. 2019. São Paulo. Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Anais 156298399. São Paulo. Disponível em: http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562628399_ARQUIVO_ArtigoEnanpeg e.pdf. Acesso em: 08.06.2022

SOUZA, Ana Cristina. **Efeitos da pressão urbana em um remanescente de Mata Atlântica no município de Camaragibe – PE**. Dissertação de mestrado, Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

TOMÁS, Ana Leonor. **Cidade oculta-Vila operária**. CITAD 1ª Conferência. Filantropia e Arquitectura. Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, Portugal. 2012.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**. Londrina. EDUEL: 2015.

VIEIRA, Marcilio de Souza. **Dançar... no pastoril do RN**. VI Congresso de pesquisa e Pós-Graduação em Artes e Ciências. Rio Grande do Norte: REUNI 2010, p. 1-5.